

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**  
***ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO***

**JOÃO BATISTA DE AGUIAR FILHO**

***FAKE NEWS: A CONSTRUÇÃO NARRATIVA SOBRE A VACINA CONTRA A  
COVID-19***



**Rio de Janeiro**  
**2023**

**FAKE NEWS: A CONSTRUÇÃO NARRATIVA SOBRE A VACINA CONTRA A COVID-19**

Linha de Pesquisa: Estudos da Paz e da Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para matrícula em programa de pós-graduação lato sensu em Ciências Militares.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Montez Carpes

Rio de Janeiro

2023

A283f Aguiar Filho, João Batista de.

Fake News: A construção narrativa sobre a vacina contra a COVID-19. / João Batista de Aguiar Filho. —2023.  
186 f. : il. ; 30 cm

Orientação: Mariana Montez Carpes.

Dissertação (Mestrado em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.  
Bibliografia: f. 159-171

1. Análise de Discurso Digital. 2. Biopolítica. 3. Espionagem. 4. Fake News. 5. Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra COVID-19. I. Título.

CDD 614


## JOÃO BATISTA DE AGUIAR FILHO

FAKE NEWS: A CONSTRUÇÃO NARRATIVA SOBRE A VACINA CONTRA A COVID-19.

Dissertação apresentada à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares.

Aprovada em 21 de novembro de 2023.

### BANCA EXAMINADORA



---

MARIANA MONTEZ CARPES – Profª Drª – Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME



---

SANDRO TEIXEIRA MOITA – Prof Dr – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

RICARDO ZORTEA VIEIRA

Data: 26/01/2024 08:00:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

RICARDO ZORTEA VIEIRA – Prof Dr – Membro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Ciente

JOÃO BATISTA DE A FILHO

---

JOÃO BATISTA DE AGUIAR FILHO – Postulante  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha falecida mãe Maria Isabel Carvalho de Aguiar, minha eterna “Dona Bebel”, pois foi atravessando o meu processo de luto por sua perda que construí esta pesquisa, e foram as lembranças constantes de suas ações de amor para comigo que me deram forças para terminá-la. Além disso, também dedico e agradeço a todos os profissionais que se dispuseram ao enfrentamento da pandemia da COVID-19, num honroso esforço em proteger a saúde de toda sociedade brasileira.

## AGRADECIMENTOS

Dentre as milhões de pessoas que me abriram as portas para o início dessa pesquisa de algum modo, gostaria de agradecer especialmente a todos os membros do Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Militares/Instituto Meira Mattos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, aos meus colegas e amigos de mestrado, civis e militares, e excepcional à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Montez Carpes por toda a sua dedicação para comigo e com a realização dessa pesquisa. Também sou grato à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo valioso apoio concedido a esta pesquisa. Além disso, agradeço aos amigos de longa data, especialmente a minha Prof. e Orientadora Luiza Bizzo Affonso, que me incentivou na continuação dessa pesquisa que teve início na minha graduação em Relações Internacionais na Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Agradeço também a minha colega de graduação, que se tornou irmã de coração, e companheira de jornada acadêmica, Fabíola de Jesus Barros, por todo o seu incentivo na realização dessa pesquisa. Com tudo, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu interesse na atividade de pesquisa, e em minha busca constante por conhecimento, em especial a minha irmã Juliana Carvalho de Aguiar, amiga de todas as horas, a minha irmã/amiga de infância Camila Nunes Balestrim e sua família, a minha grande amiga Natália Miranda, a minha grande amiga/mãe Susana Helena Engert, e também a minha colega de graduação e amiga para toda a vida, Karoline Carvalho Barreiros e família.

“Na guerra, a primeira vítima é a verdade”  
(Ésquilo).

## RESUMO

A presente dissertação emerge da seguinte questão central: Qual a relação entre as narrativas discursivas sobre a vacina contra a COVID-19 e o compartilhamento de *fake news* nas redes sociais? Diante dessa indagação, o objetivo geral da pesquisa é identificar a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e as *fake news*. O estudo possui como objetivos específicos (1) Compreender a capacidade de poder dos discursos digitais em relação à percepção dos indivíduos sobre a demanda de comunicação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19, (2) Discorrer sobre o enquadramento discursivo das *fake news* relacionadas à narrativa da vacina contra a COVID-19. A pesquisa se enquadra como um estudo qualitativo, de revisão tradicional de literatura, apoiado em dados empíricos. Como ponto de partida para a investigação, argumenta-se que a disseminação de narrativas imprecisas ou enganosas nas redes sociais dificulta a identificação, por parte da população, de fontes confiáveis de informação, tornando-a mais suscetível às chamadas *fake news*. Essa dinâmica exerce uma expressão significativa sobre os sistemas de informação digital, cujo fenômeno é descrito como infodemia. Tal expressão compromete a realização do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19, uma vez que impulsiona a disseminação de desinformação e contribui para a redução da confiança nas instituições, estando intrinsecamente relacionado a seara da Revolução em Assuntos Militares (RAM) que engloba o domínio cibernético, especificamente sua terceira camada, denominada *peopleware*. Esse contexto propicia o desenvolvimento de atividades de inteligência e espionagem, caracterizadas por sua natureza ambígua e complexa. A pesquisa aponta ainda que os grupos envolvidos na disseminação das *fake news* sobre a vacina contra a COVID-19 no país não surgiram durante a pandemia, mas sim, tiveram origem nas redes sociais durante o período de eleições para a presidência de 2018. A partir da compreensão do conceito de poder de Michel Foucault, e utilizando a metodologia de análise de discurso digital de Marie-Anne Paveau, averiguou-se que os discursos das *fake news* são pós-dualistas e ganham materialidade no mundo real (em contraposição ao mundo virtual onde são gerados) ao gerarem hesitação nos indivíduos quanto à validade de se vacinarem. Este fenômeno se manifesta quando tais narrativas endossam viés de confirmação individual que suscitam questionamentos em relação à eficácia dos imunizantes obtidos sob a égide do Ministério da Saúde. Essa propagação digital ultrapassa as fronteiras das redes sociais e impacta os esforços de imunização em massa, resultando em complicações para a saúde pública e o combate à pandemia. Além disso, a composição discursiva do fenômeno analisado não apresenta uma dinâmica propriamente tida como um conjunto de práticas discursivas de biopolítica, mas sim, em larga medida, promove um discurso de enquadramento necropolítico, notadamente discernível no contexto de 18 *fake news*, dentre as 104 catalogadas durante o período compreendido entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Digital; Biopolítica; COVID-19; Espionagem; *Fake News*; Infodemia; Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19.



## ABSTRACT

This dissertation arises from the central question: What is the relationship between discursive narratives about the COVID-19 vaccine and the dissemination of fake news on social media? Faced with this inquiry, the overall objective of the research is to identify the relationship between discursive narratives about COVID-19 and fake news. The study has specific objectives: (1) To understand the power capacity of digital discourses regarding individuals' perception of the communication demand of the National COVID-19 Vaccine Operationalization Plan, (2) To discuss the discursive framing of fake news related to the COVID-19 vaccine narrative. The research is classified as a qualitative study, employing a traditional literature review, supported by empirical data. As a starting point for the investigation, it is argued that the spread of inaccurate or misleading narratives on social media hinders the population's identification of reliable sources of information, making it more susceptible to so-called fake news. This dynamic significantly influences digital information systems, a phenomenon described as an infodemic. Such expression hampers the implementation of the National COVID-19 Vaccine Operationalization Plan, as it fuels the spread of misinformation and contributes to a reduction in trust in institutions, being intrinsically related to the realm of the Revolution in Military Affairs (RMA), which encompasses the cyber domain, specifically its third layer, called peopeware. This context fosters the development of intelligence and espionage activities, characterized by their ambiguous and complex nature. The research also indicates that groups involved in spreading fake news about the COVID-19 vaccine in the country did not emerge during the pandemic but originated on social media during the 2018 presidential elections. From the understanding of Michel Foucault's concept of power and using Marie-Anne Paveau's digital discourse analysis methodology, it was found that fake news discourses are post-dualistic and materialize in the real world (as opposed to the virtual world where they are generated) by generating hesitation in individuals regarding the validity of getting vaccinated. This phenomenon occurs when such narratives endorse individual confirmation bias that raises questions about the effectiveness of vaccines obtained under the auspices of the Ministry of Health. This digital spread transcends the boundaries of social media and impacts mass immunization efforts, resulting in complications for public health and the fight against the pandemic. Furthermore, the discursive composition of the analyzed phenomenon does not present a dynamic properly considered a set of biopolitical discursive practices, but rather largely promotes a discourse of necropolitical framing, notably discernible in the context of 18 instances of fake news, among the 104 cataloged during the period spanning from December 2020 to December 2021.

**Keywords:** Digital Discourse Analysis; Biopolitics; COVID-19; Espionage; Fake News; Infodemic; National COVID-19 Vaccine Operationalization Plan.

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> - As Três Camadas do Ciberespaço	<b>93</b>
<b>Tabela 2</b> - Tipologia das <i>Fake News</i>	<b>114</b>
<b>Tabela 3</b> - Resultados Metodológicos	<b>138</b>
<b>Tabela 4</b> - <i>Fake News</i> sobre a Vacina contra a COVID-19 no banco de dados da Agência Lupa	<b>172</b>
<b>Tabela 5</b> - <i>Fake News</i> sobre a Vacina contra a COVID-19 no banco de dados da Agência Lupa	<b>177</b>

**LISTA DE ANEXOS**

<b>Anexo 1</b> - <i>Fake News</i> sobre a Vacina contra a COVID-19 no banco de dados da Agência Lupa.	<b>172</b>
<b>Anexo 2</b>	<b>173</b>
<b>Anexo 3</b>	<b>173</b>
<b>Anexo 4</b>	<b>174</b>
<b>Anexo 5</b>	<b>174</b>
<b>Anexo 6</b>	<b>175</b>
<b>Anexo 7</b>	<b>176</b>
<b>Anexo 8</b>	<b>176</b>
<b>Anexo 9</b> - <i>Fake News</i> sobre a Vacina contra a COVID-19 no banco de dados da Agência Fato ou Fake da G1.	<b>177</b>
<b>Anexo 10</b>	<b>184</b>
<b>Anexo 11</b>	<b>184</b>
<b>Anexo 12</b>	<b>184</b>
<b>Anexo 13</b>	<b>184</b>
<b>Anexo 14</b>	<b>185</b>
<b>Anexo 15</b>	<b>185</b>
<b>Anexo 16</b>	<b>185</b>
<b>Anexo 17</b>	<b>185</b>
<b>Anexo 18</b>	<b>186</b>
<b>Anexo 19</b>	<b>186</b>
<b>Anexo 20</b>	<b>186</b>

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
1.1 - Estado do Conhecimento	20
1.2 - Problema de Pesquisa e Pergunta de Pesquisa	24
1.3 - Objetivo Geral e Objetivos Específicos	26
1.4 - Argumento	27
1.5 - Delimitação e Justificativa	28
1.6 - Metodologia	30
1.7 - Estrutura da Dissertação	32
<b>CAPÍTULO 2 - ARCABOUÇO ANALÍTICO</b>	<b>33</b>
2.1 - Introdução	33
2.2 - O Poder da Verdade	34
2.2.1 - A “guerra foucaultiana”	36
2.2.2 - Poder soberano	42
2.2.3 - Poder disciplinar	45
2.2.4 - Biopoder	49
2.3 - Ordem do Discurso e o Dispositivo	54
2.3.1 - Procedimentos externos dos discursos	55
2.3.2 - Procedimentos internos dos discursos	57
2.4 - Ética Digital	66
2.5 - Considerações Finais	74
<b>CAPÍTULO 3 - NOMENCLATURA E METODOLOGIA</b>	<b>79</b>
3.1 - Introdução	79
3.2 - Espionagem Digital e Vigilância através do Ciberespaço	80
3.3 - Sociedade do Discurso e Tipologia das <i>Fake News</i>	103
3.4 - Análise Metodológica	116
3.4.1 - Agência Lupa	116
3.4.2 - <i>Fake News</i> 1: Voluntária nos EUA apresentou ‘feridas sangrentas’ após teste da vacina da Covid-19.	116

- 3.4.3 - *Fake News* 2: A Vacina Covid-19 é esterilização feminina, denunciam especialistas. 117
- 3.4.4 - *Fake News* 3: Seis pessoas morreram no estágio final dos testes da Pfizer com a vacina da COVID-19. 118
- 3.4.5 - *Fake News* 4: Bebê de dois anos MORRE durante experimentos da vacina da Covid-19 da Pfizer em crianças. 119
- 3.4.6 - *Fake News* 5: Pfizer anuncia atualização da vacina COVID-19, agora inclui chip da Microsoft para sintomas reduzidos. 120
- 3.4.7 - *Fake News* 6: UNIÃO EUROPEIA SUBSTITUIRÁ VACINAS POR IVERMECTINA 121
- 3.4.8 - *Fake News* 7: O ANTÍDOTO CONTRA A MAGNETIZAÇÃO E ENVENENAMENTO GERADO PELAS VACINAS – SEGUNDO A DRA. JUDY MARKOVITS 122
- 3.4.9 - Agência Fato ou *Fake* da G1 123
- 3.4.10 - *Fake News* 8: Laboratório de Wuhan e Pfizer sejam de propriedade da farmacêutica Glaxo 124
- 3.4.11 - *Fake News* 9: SP gastará para vacinar população do estado mais de 3 vezes o que governo federal estima gastar em todo o país 125
- 3.4.12 - *Fake News* 10: Mensagem que circula em Guarulhos convocando cadastro em UBS para receber vacina 126
- 3.4.13 - *Fake News* 11: Pessoa fica com imunidade mais baixa após tomar vacina e tem risco aumentado de contrair COVID-19 128
- 3.4.14 - *Fake News* 12: Hebraica tem excesso de vacinas contra a COVID-19 e que doses estão prestes a vencer 129
- 3.4.15 - *Fake News* 13: Christian Eriksen tomou vacina da Pfizer semanas antes de mal súbito em jogo da Eurocopa 130
- 3.4.16 - *Fake News* 14: Vacina contra COVID contamina e faz sangue mudar de coloração 131
- 3.4.17 - Jovens têm morrido após receber vacina contra COVID-19 no Brasil 133
- 3.4.18 - Governo Biden simulou ter tomado a dose de reforço contra COVID-19 134
- 3.4.19 - Imagem microscópica revele criatura de carbono e alumínio em sangue de

vacinado contra COVID	135
3.4.20 - Mensagem que relaciona vacina contra COVID-19 a nascimento de criança com cauda no CE	137
3.4.21 - Resultados Metodológicos	138
<b>3.5 - Considerações Finais</b>	<b>138</b>
<b>4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>146</b>
<b>5 - REFERÊNCIAS</b>	<b>159</b>
<b>6 - ANEXOS</b>	<b>172</b>

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

No ano de 1789 o médico inglês Edward Jenner desenvolveu em sua cidade natal a primeira vacina para conter uma doença que matara em torno de 400 mil pessoas por ano, a varíola. Como consequência deste feito, as vacinas passaram a figurar como principal instrumento no combate de vários tipos de doenças existentes num ecossistema dominado por micro-organismos. Apesar de toda revolução positiva agregada à descoberta da vacina, sua atuação no fortalecimento do sistema imunológico humano tem sido questionada na modernidade, devido a um conjunto de fatores que cercam o homem contemporâneo. O marco mais recente desta onda de questionamentos quanto à eficácia das vacinas pode ser datado a partir dos anos 90 (Coelho, F. P. M. et al. 2020).

Seth Mnookin (2011) relata o caso do gastroenterologista britânico Andrew Wakefield, que em 1998 afirmou ter descoberto um novo distúrbio, relacionando a vacina tríplice viral<sup>1</sup> e o autismo. Wakefield baseou suas conclusões em um estudo de caso com doze crianças. Seus resultados foram publicados na revista médica *The Lancet* e ocasionaram, quase que imediatamente, críticas pela academia de medicina ao seu método de pesquisa e interpretação de resultados. Segundo Mnookin, a resposta de Wakefield às críticas recebidas foi direcionada ao grande público, pois segundo o autor, o *establishment* médico estaria determinado a descredibilizá-lo porque ele ameaçou sua hegemonia ao levar a sério as preocupações de todas as famílias.

Wakefield ganhou uma ampla cobertura midiática e suas afirmações começaram a propagar-se nos meios de comunicação, o que o tornou, segundo Mnookin, o médico independente que estava tentando proteger as crianças inocentes de grupos de políticos corruptos e de uma indústria farmacêutica voraz. A repercussão do seu discurso resultou em poucos meses numa queda das taxas de vacinação por toda a Europa Ocidental. Tal acontecimento sugere que o medo pode ser um elemento fundamental, em grande medida, na criação de um cenário de incertezas. Foi a crença do público na hipótese de que vacina causa autismo que gerou a descrença nos benefícios da vacinação de crianças no combate a doenças virais, a despeito dos esforços da comunidade médica em demonstrar a ausência de

---

<sup>1</sup> Previne contra a caxumba, o sarampo e a rubéola.

qualquer relação causal entre a tríplice viral (ou qualquer outra vacina) e o autismo. Para pais de crianças autistas, a falta de informações científicas resultou em sentimentos de descrença e frustração, enquanto para os pais em geral, ocasionou uma desconfiança em médicos e especialistas em saúde a respeito dos cuidados com o bem-estar de suas famílias.

Após um ano da polêmica de Wakefield na grande mídia, o Centro para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês) e a *American Academy of Pediatrics* (AAP) recomendaram publicamente a remoção de um composto organometálico com propriedades antissépticas chamado *thimerosal*, usado como conservante em vacinas. Esse acontecimento fortaleceu um movimento anti-vacina que ressurgia na Europa, pois a confusão promovida por Wakefield, em fazer qualquer conexão, real ou imaginária, entre vacinas e distúrbios do neurodesenvolvimento, comprometeu a confiança do público na eficácia das vacinas. Pequenos grupos de pais avaliaram que alguns dos sintomas de envenenamento ocasionados pelo *thimerosal* pareciam corresponder aos comportamentos observados em seus filhos autistas, e começaram a compartilhar as suas análises na Internet, agregando na formação de uma rede de pais e profissionais de saúde alternativa, que discorriam suas histórias anticiência (Mnookin, 2011).

A ciência sempre se depara com acontecimentos que necessitam de maiores estudos, sejam eles de maiores ou menores alcances, com diferentes graus de demandas. A exemplo, tem-se a situação de pandemia que vem exigindo protocolos sanitários específicos da área da saúde, desde o dia 31 de dezembro de 2019. Nesta data, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre o surgimento de uma pneumonia atípica advinda de Wuhan, na China. No início de janeiro de 2020 foi sequenciado o RNA do vírus e ficou comprovado a descoberta de uma nova doença respiratória provocada pelo vírus da família coronavírus, batizado de SARS-CoV-2, que ocasiona a doença COVID-19 (Rodrigues; Carpes; Raffagnato, 2020).

A pandemia da COVID-19 gerou turbulência sem precedentes em múltiplas forças, tanto nos arbítrios políticos, como nos sociais, econômicos e epidemiológicos no mundo todo (Ministério da Saúde, 2021). A resposta para conter a situação variou. Muitos países tomaram medidas decisivas e abruptas, às vezes nada surpreendentes, e noutras totalmente fora do contexto da situação (BBC, 2023). No



Brasil, o primeiro caso de COVID-19 registrado ocorreu quando um homem voltou de uma viagem à Itália, no dia 26 de fevereiro de 2020, apesar de alguns estudos posteriores demonstrarem que o vírus já estava em circulação em solo nacional desde o início de janeiro de 2020 (Unasus, 2021). O Ministério da Saúde (MS) anunciou no início de março de 2020, os primeiros casos de transmissão comunitária<sup>2</sup>. O estado de São Paulo, região de maior população nacional, criou comitês para administrar a potencialidade da crise. Além disso, a maioria dos estados e municípios agiram prontamente devido aos eventos ocorridos. Em 13 de março de 2020, o Rio de Janeiro se tornou um dos primeiros estados do Brasil a fechar escolas, lojas, e a cancelar grandes eventos sociais. São Paulo, o epicentro do surto no país, aderiu às recomendações após dez dias (Greer, L. S. *et al.* 2020).

Em contraposição aos governos de estados e municípios, no âmbito federal era possível perceber uma tensão entre o MS e a Presidência da República, já que esta última questionava as diretrizes da OMS, alegando que tais recomendações teriam consequências economicamente negativas para o país (Agência Brasil, 2021). Em março de 2020, ocorreu um momento de grande turbulência política no que diz respeito à epidemia e às disputas entre governo federal e os demais entes da Federação. Tanto o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, quanto os governadores estaduais ganharam popularidade por adotarem uma conduta em concordância com as recomendações da OMS a respeito da COVID-19. Isso criou constrangimentos para a presidência e demais políticos que se opunham às medidas de fechamento de lojas e escolas, e à paralisação do comércio. Vários protestos contra o distanciamento social foram programados durante um período crítico da pandemia.

O descontentamento da presidência foi oficializado em um encontro virtual que ocorreu no dia 25 de março de 2020, com a participação dos governadores estaduais. O então presidente acusou o governador do estado de São Paulo de usar a emergência sanitária instalada no país como uma oportunidade para angariar prestígio à sua imagem, para concorrer às eleições presidenciais de 2022 (Greer, L. S. *et al.* 2020). A oposição presidencial adotada atrasou a implementação de certas medidas, como a autorização do fechamento das fronteiras nacionais. Somente em 19 de março de 2020 ocorreu o fechamento parcial da fronteira terrestre do país (Brasil, 2022). Porém, apenas em 27 de março de 2020 o Ministério da Justiça

---

<sup>2</sup> São infecções que não resultam de interações com indivíduos estrangeiros.

fechou as fronteiras terrestres de forma total e também fechou por completo os aeroportos para entrada de voos internacionais de todo o mundo (Greer, L. S. *et al.* 2020).

Em abril e maio de 2020, ficou mais claro a inexistência de um consenso entre as instituições quanto à melhor forma de gerir a emergência deflagrada pela pandemia. Nesse contexto, em 8 de abril, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela autoridade de governos e municípios em adotar as medidas cabíveis para responder à epidemia dentro de suas jurisdições. (G1, 2022). Paralelamente, o presidente lançou uma campanha intensa em seus canais de comunicação em defesa do uso da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento de pacientes com COVID-19, apesar das evidências científicas que comprovam a ineficácia desses medicamentos no combate ao vírus (BBC, 2023). Em contrapartida, a maioria dos países aderiu a uma série de protocolos - como o uso de máscaras, distanciamento social, dentre outros - que, somados a uma vacina eficaz, anunciavam uma solução cientificamente aceita para o controle da disseminação do vírus. Diversas empresas farmacêuticas de diferentes nacionalidades começaram a empreender esforços para o desenvolvimento de vacinas, e em 9 de setembro de 2020 foi instituído um grupo nacional de trabalho para a coordenação da aquisição e distribuição das vacinas contra a COVID-19 no Brasil (Ministério da Saúde, 2021).

O debate em torno da calamidade sanitária revisitou antigos problemas sociais, principalmente na forma de nos relacionarmos com a linguagem através da tecnologia. Ao observarmos que até a metade da década de 1990, os processos judiciais de caráter punitivo relacionados à difamação visavam apenas as grandes empresas de comunicação e as personalidades públicas, é possível presumir que a motivação para tantos processos contra as mídias era devido ao seu alto alcance de público. Entretanto, os discursos de pessoas privadas ganharam maior notoriedade com a Internet, possibilitando uma comunicação descentralizada, jamais vista na sociedade tradicional. A exemplo, a maioria dos processos sobre liberdade de expressão na primeira instância hoje envolvem manifestações *online* (Hartmann, 2018). A pesquisa sobre redes sociais, *fake news* e privacidade de dados na internet, realizada em novembro de 2019 pelo Senado Federal, revelou que 79% dos entrevistados utilizam o *WhatsApp* como fonte de informação, 83% acreditam que os conteúdos das redes sociais influenciam a opinião pública, e 83% afirmaram já ter identificado notícias falsas nas redes (Senado Federal, 2021).

Após o início da pandemia, e decorrente do distanciamento social, ocorreu um crescimento dos usuários do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* em cerca de 40% (Portal da Comunicação, 2021), salientando o problema da propagação latente de discursos falsos. A circulação de *fake news* nas redes sociais dificulta o engajamento da sociedade no combate ao vírus, tendo consequências diretas na sustentabilidade de um debate aberto e democrático (Hartmann e Monteiro, 2020). Em pesquisa sobre a relação entre *fake news* e eleições democráticas, Alvin I. Goldman e Daniel Baker demonstram que “os debates sobre *fake news* se aglutinaram em torno da disseminação de afirmações falsas que parecem comentários de especialistas para minar a eficácia e o valor de eleições democráticas, inundando o meio comunicacional com desinformação” (Goldman e Baker, 2019, p. 69). Além disso, nesta dissertação, destaca-se uma conexão semelhante entre a disseminação de *fake news* e a desconfiança da população em relação à eficácia das vacinas contra a COVID-19, no contexto do Brasil.

A falta de conhecimento por parte da população é o vetor do fenômeno das *fake news* relacionados à saúde, pois elas surgem no entorno de algo sem respostas, que necessita soluções. A desinformação é ainda mais forte quando o assunto é sobre doenças graves e ameaçadoras com grande impacto, como na pandemia da COVID-19 (Henriques, 2018). Isso se torna um problema porque as narrativas falsas confundem os indivíduos ao diluir um conjunto de informações legítimas num arranjo ilegítimo, e fornecem em determinado momento um certo conforto instantâneo, uma explicação de uma situação incerta e de grande ansiedade, pois as construções narrativas das *fake news* giram em torno de emoções e valores captados das pistas mentais que utilizamos para decidir se a fonte é legítima e confiável (Diseases, 2020).

O termo "*fake news*" adquiriu relevância a partir do ano de 2016, um período que se destacou devido ao desenvolvimento do referendo do "*Brexit*" e à eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. Tais acontecimentos, conforme a análise de Matthew D'ancona (2018), desempenharam o papel de catalisadores para a emergência do termo de "pós-verdade"<sup>3</sup>. O autor enfatiza a transformação da prática discursiva no âmbito político, no qual a disseminação de desinformação passou a ocupar uma posição de destaque no cenário social. Compreende-se sob

---

<sup>3</sup> “Relativo a circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos” (nossa tradução) (Oxford Learners Dictionaries, 2022).

esta perspectiva que o fenômeno se tornou mais presente na sociedade (D'ancona, 2018).

### 1.1 - Estado do Conhecimento

A revisão de literatura adotada na presente pesquisa é comumente denominada como "revisão tradicional ou narrativa de literatura" (*traditional or narrative literature review*). Este método tem como finalidade a análise crítica de fontes, a síntese de um conjunto de obras literárias relevantes e a formulação de conclusões sobre o tema em questão, caracterizando-se por ser um procedimento de cunho mais subjetivo em comparação a outras abordagens de revisão (Cronin; Ryan; Coughlan, 2008). No contexto desta pesquisa, é imperativo ressaltar que a pandemia desencadeou a implementação de diversas medidas governamentais e estratégias de resposta, as quais configuram ações de política pública na área da saúde, com implicações significativas nos domínios da segurança nacional e das operações militares. Em resposta a essa demanda urgente, as Forças Armadas foram convocadas visando contribuir para o apoio à resposta à pandemia de COVID-19, devido à sua comprovada capacidade de realização de mobilizações ágeis e coordenação eficiente das operações logísticas, fundamentadas em sua experiência pregressa em contextos de crises emergenciais (Ellis, 2020).

No presente contexto, a presente dissertação é elaborada em consonância com a demanda de atenção à saúde pública, destinando-se à escrutinação da aplicabilidade do arcabouço teórico subjacente aos discursos contemporâneos que emergem no âmbito da vacinação. A empreitada em questão visa a efetuar uma análise crítica dos discursos digitais que circundam o fenômeno, enquadrando-o como um vestígio de uma possível manifestação biopolítica. Esta dissertação adota, como premissa metodológica, o imperativo de efetuar uma investigação empírica a fim de determinar se os discursos analisados corroboram ou contrapõem a teoria subjacente ao objeto de estudo, alinhando-se, nesse sentido, com as orientações propostas por Van Evera (1997). Na seção de considerações finais deste estudo, é apresentada uma avaliação da concordância entre a teoria e os resultados obtidos na análise do fenômeno em questão (Van Evera, 1997).

A revisão da literatura é uma atividade intelectual de natureza criativa que engloba os três elementos fundamentais no âmbito da pesquisa acadêmica: leitura, reflexão e produção textual (Kara, 2015). Em uma análise qualitativa, como a conduzida nesta dissertação, a busca por resultados específicos é o objetivo central. Para realizar uma pesquisa qualitativa, torna-se categórico coletar dados detalhados, conforme delineado na seção metodológica deste estudo, a fim de investigar e explicar resultados específicos, levando em consideração os princípios causais subjacentes. No caso da pesquisa em questão, a problemática central e os objetivos específicos indicam que o trabalho visa o estudo da relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e a disseminação de *fake news* (Braga, 2016).

Sob a perspectiva de elucidar os princípios causais subjacentes ao tema, o presente estudo empreendeu uma revisão do “estado do conhecimento” sobre o assunto em questão, visando aprofundar a compreensão das obras já existentes relacionadas ao fenômeno das *fake news* em associação às vacinas contra a COVID-19, situando-as no contexto nacional da pandemia (Ferreira, 2002). O âmbito do escopo concentrou-se de maneira específica na monitorização das tendências recentes na pesquisa acadêmica, um ano subsequente ao advento da COVID-19, com ênfase nas publicações referentes aos anos de 2022 e 2023. A seleção dos artigos para análise foi realizada mediante a consulta da base de dados do Google Acadêmico<sup>4</sup>, utilizando como termos-chave as palavras *fake news*, *vacina* e *COVID-19*. Importante ressaltar que a análise se limitou a artigos redigidos em língua portuguesa, a fim de assegurar uma abordagem mais focalizada e contextualmente relevante para o público-alvo deste estudo.

O estudo empírico de Galhardi et al. (2022), realizado de forma quantitativa, investigou a disseminação das *fake news* relacionadas às vacinas e ao vírus Sars-CoV-2, examinando seus efeitos negativos na crise sanitária brasileira. O estudo, realizado com base em informações do aplicativo Eu Fiscalizo, identificou as principais plataformas, como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*, que atuaram como vetores primários para a difusão de boatos e desinformações sobre a COVID-19, segundo o estudo. Notavelmente, o crescimento de *fake news* relacionadas às vacinas coincidiu com a polarização política do Brasil e aumentou quatro meses após o registro do primeiro caso de COVID-19 no país. Esse

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt> Acesso em: 1 de set. de 2023.

fenômeno contribuiu para a redução da adesão de segmentos da população brasileira às medidas de isolamento social e campanhas de vacinação. Além disso, a adesão à vacinação foi discutida à luz de fatores psicossociais, incluindo a confiança nas vacinas e a influência de valores religiosos, ressaltando a complexa interação entre fatores biológicos e contextuais. O estudo também alertou para a necessidade de pesquisas longitudinais e monitoramento contínuo para enfrentar o ecossistema de desinformação em diversas áreas do conhecimento (Galhardi et al. 2022).

Explorando a história das doenças infecciosas e os esforços de combate, o estudo de Silva et al. (2022) é uma pesquisa bibliográfica em modelo narrativo para examinar a convivência humana com microrganismos. Desde a varíola dos vírus até as complexidades da sociedade contemporânea, como “*fake news*” e “negacionismo<sup>5</sup>”, o artigo destaca a interação entre desinformação, extremismos religiosos e instabilidade política. O contexto brasileiro não é exceção, com desinformação atravessando segmentos sociais e opondo-se à vacinação, apesar dos resultados positivos do país no âmbito vacinal. A pesquisa sublinha a necessidade contínua de medidas preventivas e uma educação científica robusta, fundamental para cidadãos conscientes e atuantes na promoção da saúde pública (Silva et al. 2022).

Numa dinâmica de sintetizar artigos, a pesquisa “Desafios da imunização contra COVID-19 na Saúde Pública: das *fake news* à hesitação vacinal” (2023) realiza uma revisão integrativa de 11 estudos que abordam *fake news* e hesitação vacinal contra a COVID-19 no âmbito da saúde pública. A análise abrangeu aspectos como gênero, idade, estado civil, escolaridade, posicionamento político, religião, confiança em autoridades de saúde, percepção de efeitos colaterais e eficácia das vacinas. O trabalho ressalta que a disseminação de desinformação e a hesitação vacinal representam desafios significativos para atingir altas taxas de cobertura vacinal nacional. A confiança na segurança e eficácia das vacinas surge como uma necessidade crucial, particularmente entre segmentos céticos. Os resultados deste estudo têm potencial para orientar intervenções visando melhorar a adesão vacinal, combatendo a desinformação. A compreensão dos benefícios da vacinação, em especial contra a COVID-19, é vital para enfrentar a hesitação

---

<sup>5</sup> A pesquisa não conceitua o termo, apenas associa o negacionismo aos indivíduos sociais que negligenciam a vacinação.

vacinal, envolvendo não apenas profissionais de saúde, mas também líderes religiosos, políticos e a comunidade em geral (Silva et al., 2023).

Em relação à inserção de novas tecnologias, o estudo de Ferreira et al. (2022) explora o uso de *bots* (robôs) e inteligência artificial (IA) para combater as *fake news* e a desinformação relacionadas à vacinação da COVID-19. Foram analisados conteúdos verificados por agências de *fact-checking* brasileiras e informações sobre vacinas no *Twitter*, medindo sua relação e alcance por meio de um *bot* em código *Python*. Os resultados indicaram que a IA pode mitigar os impactos das *fake news* no ecossistema midiático. A importância da verificação ágil e disseminação eficiente para salvar vidas foi destacada. O estudo aponta que as mídias sociais e corporações têm potencial para detectar e rastrear *fake news* de forma mais eficaz, com o uso de *bots* e IA. O estudo também abordou elementos contextuais que influenciam a desinformação, como viés ideológico e customização das *fake news*, enfatizando a necessidade de abordagens interdisciplinares e ações coordenadas para combater o problema (Ferreira et al., 2022).

No que tange às questões de construção discursiva do fenômeno, foi realizado um estudo que avalia a relação entre COVID-19 e *fake news*, explorada por meio de evidências publicadas no primeiro semestre de 2022. O termo “infodemia” foi introduzido para representar a epidemia de desinformação em torno da COVID-19. A revisão identificou que a disseminação exponencial de *fake news* afetou negativamente a adesão às medidas de isolamento social e vacinação no Brasil. A influência política e a relação entre conhecimento científico, ética e qualidade da atenção são apontadas como fundamentais para combater as *fake news*. A literatura ressalta a educação em saúde como estratégia-chave no combate ao fenômeno, destacando a importância de diálogo e divulgação científica para esclarecer a população (Marques et al., 2023).

Outras perspectivas surgem entre os estudos. Considerando o contexto de pandemia, a disseminação de *fake news* tem impactado a tomada de decisões individuais, resultando em comportamentos prejudiciais e negacionismo<sup>6</sup>. A Teoria de *Nudges*<sup>7</sup> e a gamificação emergem como estratégias promissoras para influenciar

---

<sup>6</sup> “O negacionismo, vai além de uma *fake news* pontual, representando um sistema de crenças que nega o conhecimento, as evidências empíricas, o argumento lógico, e tem uma rede organizada de desinformação”(Abreu; Roazzi, 2023, p. 3).

<sup>7</sup> Segundo Thaler e Sunstein, (apud. Abreu; Roazzi, 2023, p. 3-4) é “possível tomar melhores decisões quando se estabelece uma ‘boa arquitetura de escolhas’, e afirmam que um pequeno

positivamente a escolha das pessoas. Esta pesquisa explorou a eficácia dessas abordagens no contexto digital, revelando que *nudges*<sup>8</sup> digitais e elementos gamificados tiveram efeitos positivos na tomada de decisão dos participantes, resultando em aumento do conhecimento sobre a COVID-19 e redução de crenças. Os resultados indicam a viabilidade de intervenções digitais como meio eficaz de direcionar escolhas saudáveis e combater a desinformação, sendo um importante complemento às medidas tradicionais de conscientização e restrição durante a pandemia (Abreu; Roazzi, 2023).

O “estado do conhecimento” elaborado, examinou a inerente relevância e a complexidade subjacente ao tópico das *fake news* no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil. A avaliação das fontes selecionadas destaca a necessidade premente de abordagens integradas que considerem variáveis psicológicas, sociais e tecnológicas, a fim de enfrentar eficazmente a disseminação de *fake news*. Notavelmente, o estudo conduzido por Silva et al. (2022) investiga os efeitos culturais e políticos na hesitação vacinal, fornecendo análises sobre a influência das crenças culturais e políticas na forma como os indivíduos percebem as *fake news* e aderem às medidas de saúde (Silva et al. 2022). Similarmente, Silva et al. (2023) destacam a conexão entre *fake news* e hesitação vacinal, relacionando-a com fatores psicossociais, evidenciando assim o impacto das desinformações nas crenças, emoções e comportamentos das pessoas (Silva et al. 2023). A maioria dos artigos analisados adotou a abordagem de revisão de literatura narrativa, visando a compreensão do fenômeno em um contexto mais amplo, uma abordagem que também será incorporada à presente pesquisa. Além disso, esta revisão sublinha uma lacuna na literatura, enfatizando a relevância do conceito teórico e metodológico delineado neste estudo, uma vez que não foram identificados artigos que explorem essa abordagem específica.

## 1.2 - Problema de Pesquisa e Pergunta de Pesquisa

Visando mitigar os impactos da pandemia, diversas nações e empresas do setor farmacêutico têm se empenhado em pesquisas para desenvolver uma vacina

---

estímulo (*nudge*), pode ser capaz de mudar o comportamento, sem vetar qualquer opção e sem resultar em gastos econômicos significativos” (Abreu; Roazzi, 2023).

<sup>8</sup> Pequeno Estímulo (Abreu; Roazzi, 2023).



eficaz e segura contra a COVID-19, classificada como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). No Brasil, como parte de um conjunto abrangente de medidas nacionais para combater essa doença, surge o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19. Esse plano tem como meta estabelecer ações e estratégias para efetuar a vacinação contra a COVID-19, e foi iniciado em 18 de janeiro de 2021.

Segundo o Plano Nacional de Operacionalização, a campanha de combate ao coronavírus visa: “informar, educar, orientar, mobilizar, prevenir ou alertar a população brasileira, gerando consenso popular positivo em relação à importância da vacinação” (Ministério da Saúde, 2021, p. 60). A comunicação é uma importante ferramenta para atingir, de forma ágil, milhares de cidadãos brasileiros das mais diversas classes sociais e econômicas. A falta de informação colocaria em risco a adesão das pessoas em receber as doses da vacina. Com base nesta premissa, a campanha de comunicação do plano de vacinação foi desenvolvida para salientar a importância da vacina, tendo como intuito a transparência e a publicidade dos informativos por meio das redes de comunicações públicas, tais como TVs, rádios e agências de notícias. Além disso, o monitoramento das redes sociais é importante para esclarecer rumores, boatos e informações equivocadas. As *fake news*, então, se tornam um contraponto para a aproximação da assessoria de comunicação dos estados da Federação no alinhamento de discursos e no desenvolvimento de ações conjuntas (Ministério da Saúde, 2021). Diante desse cenário, a presente pesquisa pergunta: Qual a relação entre as narrativas discursivas sobre a vacina contra a COVID-19 e o compartilhamento de *fake news* nas redes sociais?

Esta indagação não foi feita ao acaso. A crença em *fake news* sobre vacinas contra a COVID-19 está distribuída por todas as regiões do Brasil e por vários grupos sociais, embora seja mais frequente em apenas alguns coletivos de indivíduos. Uma pesquisa inédita da Inteligência em Pesquisa e Consultoria (IPEC) revelou que 46% das pessoas que foram entrevistadas, ao serem questionadas sobre conteúdos falsos, concordam com pelo menos uma das *fake news* sobre as vacinas contra a COVID-19. A pesquisa foi formulada para que os entrevistados respondessem se concordavam ou discordavam, total ou parcialmente, com um questionário contendo seis afirmações falsas. As “inverdades” sobre as vacinas alcançaram a concordância de mais da metade do conteúdo apresentado, conforme as respostas das pessoas pesquisadas. Outro ponto da pesquisa mostra que

conteúdos errôneos estão mais disseminados entre pessoas que não concluíram o primeiro segmento do ensino fundamental (54%); em seguida, vem o grupo que, no máximo, concluiu o ensino fundamental (51%). Mesmo no grupo que concluiu o ensino superior houve concordância; 32% deles acreditaram em pelo menos uma das frases falsas sobre a vacina. Os boatos alcançaram a adesão de 54% dos entrevistados evangélicos e de 44% dos católicos. A frase que alcançou maior nível de concordância, com 26%, foi “há tratamentos alternativos tão ou mais eficientes que as vacinas contra a COVID-19”. Especialistas já afirmaram que, até o momento, não existe alternativa terapêutica comprovada para prevenir a doença (Folha de São Paulo, 2021).

### 1.3 - Objetivo Geral e Objetivos Específicos

Para responder ao questionamento levantado por esta pesquisa, o objetivo geral proposto nesta pesquisa, buscar-se-á identificar a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e as *fake news*. Para isso, a pesquisa tem por objetivos específicos:

- 1) Compreender a capacidade de poder dos discursos digitais em relação à percepção dos indivíduos sobre a demanda de comunicação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19;
- 2) Discorrer sobre o enquadramento discursivo das *fake news* relacionadas à narrativa da vacina contra a COVID-19.

O presente estudo reconhece a manifestação de influência e poder nas redes sociais como um fenômeno emergente de uma complexa interação entre duas entidades interdependentes, a saber, o discurso e os usuários das plataformas de mídia social. Nesse contexto, os *algoritmos* são identificados como elementos intrínsecos às redes sociais, desempenhando um papel de proeminência na configuração e direcionamento dessa interação (Da Silva Medeiros, 2020). A dinâmica interativa entre esses componentes culmina na formação de construções subjetivas, cujas bases teóricas são respaldadas pelas contribuições de Foucault e

Marie-Anne Paveau. Essa conjuntura ressalta as redes sociais como um ponto de convergência para essas interações complexas, servindo simultaneamente como o palco para as trocas discursivas e a geração contínua de discursos, que, por sua vez, alimentam e sustentam essa relação em um ciclo de retroalimentação constante. Assim sendo, o cerne desta pesquisa reside na análise da produção de subjetividades originárias do discurso.

É crucial destacar, em particular, o papel de destaque desempenhado pelos *algoritmos* como regras discursivas, uma vez que eles viabilizam a emergência de narrativas específicas por meio da organização de grupos dentro das redes sociais, permitindo a modelagem, modificação e exclusão de conteúdos pelo "dispositivo". Nesse contexto, os *algoritmos* reagem consoante as estratégias estabelecidas por seus atores dominantes para responder a eventos e moldar uma rede de disposições que pode ou não ser implementada, em consonância com as demandas emergentes dos detentores do poder inerente ao "dispositivo"<sup>9</sup>. Tal fenômeno pode ser interpretado como uma justificação do "dispositivo" fundamentada na política geral de verdade de uma sociedade, delineando o que é considerado verídico, falso, aceitável ou passível de ser expurgado, visando preservar o "*status da verdade*", conforme os interesses daqueles que orquestram o funcionamento do sistema (Da Silva Medeiros, 2020).

#### 1.4 - Argumento

Argumenta-se que a disseminação de *fake news* atinge seu auge quando essas narrativas induzem à hesitação por parte dos indivíduos em relação à aplicação das doses da vacina contra a COVID-19. Esse fenômeno é resultado do encontro entre o fenômeno e os discursos divulgados por atores políticos sobre o imunizante, ultrapassando o âmbito digital das câmaras de eco e afetando negativamente a confiança da população na eficácia das vacinas adquiridas pelo Ministério da Saúde. O compartilhamento imediato de *fake news* nas redes sociais contribui para a generalização das informações médicas e outras informações científicas que não foram completamente examinadas por especialistas, tendo em

---

<sup>9</sup> Para Michel Foucault o dispositivo engloba as estratégias de relações de poder sustentadas por tipos de saberes, e sendo impulsionado por essas forças (Foucault, 1998).

vista que pesquisadores e profissionais médicos estão constantemente aprendendo com, e contribuindo para, os ajustes dinâmicos na política governamental. A falta de comunicação é frequentemente causada pelos governos que desejam ser vistos como estando no controle da situação. Eles recorrem aos meios de comunicação de massa, rápidos em fornecer garantias enganosas, visando dispersar a clareza necessária sobre a situação. Essa abordagem favorece reportagens rápidas e sensacionalistas em vez de mensagens científicas cuidadosamente elaboradas, que promoveriam uma interpretação equilibrada. Como resultado, os meios de comunicação digital são inundados com informações contraditórias, levando à erosão da confiança pública e a uma sensação de desamparo. Essas condições são perfeitas para a disseminação de narrativas falsas (Diseases, 2020).

Este ambiente realça a tendência humana de ser um "ser social", impulsionando-o a buscar conexão com determinados grupos ou a desejar fazer parte deles, assim como um animal que segue um rebanho. O grupo exerce influência sobre o indivíduo, levando-o a modificar seus desejos individuais em favor da adoção temporária de uma identidade coletiva. Freud utilizou o termo "instinto gregário" para descrever esse comportamento, pois ele indica que essa conduta é resultado da substituição da razão individual por um sentimento coletivo. Aqueles que participam de um grupo específico tendem a experimentar uma diminuição das funções intelectuais em troca de um senso de afeto coletivo, prontamente direcionando suas ações para atitudes extremas, que podem ser comparadas às de uma criança (Freud, 2011).

## 1.5 - Delimitação e Justificativa

A presente pesquisa visa analisar a manifestação das *fake news* em um momento de instabilidade mundial causado pela pandemia de COVID-19. O surto da doença desencadeou desafios nacionais e internacionais entre atores estatais (estaduais, nacionais e internacionais) e não estatais (empresas privadas) (Greer, L. S. *et al.* 2020), em um contexto de dualidade de paz<sup>10</sup> (Galtung, 1996). Essa

---

<sup>10</sup> A "dualidade da paz" está fundamentada na ideia do autor Johan Galtung, em que coexistem duas formas de paz em um determinado contexto: a "paz negativa" e a "paz positiva" (Galtung, 1996, p. 3).

situação desencadeou processos coletivos que modificaram, de certo modo, o *modus vivendi*, trazendo novos desafios às atividades relacionadas à defesa<sup>11</sup> e à segurança, como a implementação de políticas públicas no âmbito nacional. No caso desta pesquisa, a implementação do Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação Contra a COVID-19 está diretamente relacionada às questões de segurança nacional e internacional (Diniz, 2015).

A investigação no âmbito das Ciências Militares concentra-se na apreensão da intrincada complexidade subjacente à salvaguarda da soberania nacional e da estabilidade internacional, visando à formulação de estratégias para enfrentar essas questões primordiais inerentes ao domínio (De Lima Figueiredo, 2015). Um dos estudos que impulsionou esta pesquisa foi o artigo publicado pela RAND Corporation, intitulado "*The Russian 'Firehose of Falsehood' Propaganda Model - Why It Might Work and Options to Counter It*", dos autores Christopher Paul e Miriam Matthews, que detalha como uma campanha de propaganda digital produzida em grandes volumes e distribuída por diversos meios de comunicação, incluindo a internet e as redes sociais, fomentou em certo grau a desconfiança e a tensão entre grupos sociais durante o plebiscito sobre a anexação da península da Crimeia ao território russo, em 2014. A ação representou uma mudança significativa na paisagem geopolítica da região e levantou questões importantes sobre a segurança e soberania territorial (Paul e Matthews, 2016).

A partir dos eventos na Crimeia, evidencia-se claramente que a disseminação de desinformação, conhecidas como *fake news*, desempenha um papel significativo ao minar a confiança da população em suas instituições governamentais, resultando na desestabilização de regimes políticos e no aumento de conflitos entre grupos e nações. Em um contexto de crescente interdependência política e econômica, as *fake news* podem propagar-se rapidamente, exercendo um impacto expressivo. O autor Michel Foucault, por sua vez, concebe uma sociedade do discurso na qual o exercício do poder se materializa por meio de uma relação dinâmica entre duas forças antagônicas, representadas por polos que interagem mediante a implementação disciplinar da atuação do sujeito em detrimento dos indivíduos. A compreensão do sujeito moderno e de sua qualificação enquanto um indivíduo

---

<sup>11</sup> Desde o dia 20 de março de 2020, Marinha, Exército e Aeronáutica atuam juntos na coordenação e planejamento do emprego das Forças Armadas no combate ao novo coronavírus (Ministério da Defesa, 2023a).

coletivo é adotada como ponto de partida, utilizando-se também da inversão conceitual proposta por Foucault em relação à ideia de guerra. Conforme delineado pelo pensamento de Foucault e evidenciado no contexto do ciberespaço, a indagação inicial volta-se para os indivíduos (Foucault, 2005; Ventre, 2012).

Assim, o presente trabalho analisa os discursos digitais permeados pelas *fake news* a respeito da vacina contra a COVID-19, que se contrapõem às diretrizes definidas no Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19. Este Plano foi acionado como medida adicional de resposta ao enfrentamento da doença, considerada ESPII. As narrativas foram catalogadas entre o período de dezembro de 2020 a dezembro de 2021.

Em relação às questões teóricas que fundamentam esta investigação, a opção foi pela adoção da teoria de Michel Foucault em detrimento de outras abordagens tradicionais nos estudos de Ciências Militares, uma vez que essa teoria apresenta uma maior afinidade com o contexto da análise em questão. O propósito essencial é compreender como o poder discursivo é exercido sobre a vida e como os corpos são regulados em um específico contexto social e político, por meio de uma abordagem focada na relação entre o exercício do poder discursivo e a preservação da vida humana. Essa perspectiva possibilita uma reinterpretação do conceito de guerra de Clausewitz, o qual será discutido nos próximos capítulos desta pesquisa, dentro do debate teórico em curso.

## **1.6 - Metodologia**

A pesquisa não tem por intuito checar as narrativas discursivas das *fake news*. Outrossim, busca verificar as seis características principais dos tecnodiscursos produzidos pelo fenômeno, e compará-los com as diretrizes do plano de vacinação da COVID-19 no Brasil. Para tanto, foi utilizada a análise de discurso, tal como proposta por Marie-Anne Paveau (2021), para a análise do discurso digital. As seis características acima mencionadas são: 1) Composição<sup>12</sup>; 2)

---

<sup>12</sup> “[...] texto, imagem fixa ou animada, som (por exemplo, a imagem macro ou o cartaz” (Paveau, 2021, p. 58).

Deslinearização<sup>13</sup>; 3) Ampliação<sup>14</sup>; 4) Relacionalidade<sup>15</sup>; 5) Investigabilidade<sup>16</sup>; e 6) Imprevisibilidade<sup>17</sup> (Paveau, 2021).

O trabalho é composto por 104 *fake news* catalogadas através da Agência Lupa e a Agência Fato ou *Fake* da G1, verificadas e publicadas durante os meses de dezembro de 2020 a dezembro de 2021. O critério de escolha pelo banco de dados da Agência Lupa se dá pelo fato de que esta foi a primeira plataforma nacional especializada em checagem de conteúdo e informações a fazer parte do consórcio mundial *The Trust Project* (Lupa, 2022a). Enquanto a Agência Fato ou *Fake* da G1 prestou serviço de monitoramento e checagem de conteúdos disseminados pelas redes sociais. Durante a pandemia da COVID-19, a agência atuou para combater a proliferação de *fake news* e desinformações sobre o coronavírus. Uma sessão exclusiva sobre coronavírus foi criada para auxiliar no processo de checagem e publicação de informações relacionadas à doença. Essa sessão foi lançada em 3 de fevereiro de 2020, quando a primeira *fake news* sobre o coronavírus foi verificada pela agência (Fato ou Fake, 2023a).

A pesquisa considerou, apenas, as *fake news* textuais que circulam em redes sociais e canais de comunicação digital. No Capítulo 3 do trabalho, encontram-se duas tabelas com os sete títulos das *fake news* encontradas, tanto no banco de dados da Agência Lupa, quanto em outra tabela apresentando as 98 *fake news* encontradas no banco de dados da Agência Fato ou *Fake* da G1. Além de apresentar a análise de 18 *fake news*, foi elaborada uma tabela com a exposição dos resultados extraídos da análise.

---

<sup>13</sup> Elemento que “[...] podem ser deslinearizados pelos *links* hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação” (Paveau, 2021, p. 58).

<sup>14</sup> “Os discursos nativos revelam uma enunciação ampliada por causa da conversacionalidade da *web* social [...] como os comentários e outras formas de interação (Paveau, 2021, p. 59).

<sup>15</sup> “Os discursos digitais nativos estão todos inscritos numa relação: com outros discursos, por causa da reticularidade da *web*; com os aparelhos por causa da sua natureza compósita que faz com que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; com os escritores e os (escr)leitores, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura” (Paveau, 2021, p. 59).

<sup>16</sup> Eles são “[...] investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições, etc” (Paveau, 2021, p. 59).

<sup>17</sup> Os discursos nativos são parcialmente produzidos por programas e *algoritmos*, fato que os torna imprevisíveis para um controle rígido dos enunciados humanos, tanto sobre o seu tempo (passado e presente), quanto no plano de seu conteúdo (criando novos conteúdos) (Paveau, 2021).

## 1.7 - Estrutura da Dissertação

O trabalho está dividido em quatro partes. A primeira parte é o "Capítulo 1 - Introdução", no qual se apresenta a pesquisa e suas delimitações. Em seguida, temos o "Capítulo 2 - Arcabouço Analítico", que apresenta o conceito de poder de Michel Foucault, difundido no ciberespaço, a partir das percepções de discurso digital de Marie-Anne Paveau. Seguindo a sequência, o "Capítulo 3 - Nomenclatura e Metodologia" apresenta um debate acerca do termo "*fake news*" e a aplicação da metodologia de análise de Discurso Digital de Marie-Anne Paveau ao fenômeno. Já no Capítulo 4, "Considerações Finais", são apresentadas as conclusões da pesquisa. Cada capítulo, à exceção do 4º, é dividido em "introdução", "desenvolvimento" e "considerações finais".



## CAPÍTULO 2 - ARCABOUÇO ANALÍTICO

### 2.1 - Introdução

No presente capítulo serão delineados os princípios basilares e as delimitações conceituais que fundamentarão a estrutura metodológica e conceitual desta dissertação. Essa fundamentação incorporará o conceito de poder cunhado pelo filósofo Michel Foucault, circunscrito em sua fase teórica reconhecida como período genealógico<sup>18</sup>. Busca-se entender como o poder de construção de uma verdade (ponto 2.2) é distribuído em toda a sociedade, não sendo controlado apenas por um grupo dominante, mas exercido por práticas discursivas e simbólicas que moldam ideias. Nesse sentido, argumenta-se que a guerra é um conceito invertido (ponto 2.2.1), surgido a partir da difusão e fusão de três poderes: o Poder Soberano (pontos 2.2.2), o Poder Disciplinar (2.2.3) e o Biopoder (2.2.4), que se originam de conhecimentos específicos para dar forma e viabilizar a Biopolítica.

A ordem do discurso e o dispositivo (ponto 2.3) são mecanismos que atuam como obstáculos ou via de condução à emergência de discursos, tanto por meio de procedimentos externos (ponto 2.3.1) quanto internos (ponto 2.3.2). Essa dinâmica transforma-se em uma forma de "macropoder", ao desarticular os "conglomerados sociais". O discurso, portanto, não é um poder "neutro", mas um exercício que representa um determinado conhecimento, e que se reflete nas comunicações digitais. Assim como Foucault, Marie-Anne Paveau reconhece a importância do discurso sobre as percepções que exerce sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. O objetivo deste capítulo consiste em realizar uma análise da capacidade do poder dos discursos digitais em relação à percepção dos indivíduos sobre a demanda de comunicação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19. A influência do discurso decorre devido às possibilidades de interação oferecidas pelos meios de comunicação digital, o que modifica a experiência humana em relação aos anunciados, tornando-se um debate importante na discussão de uma "ética digital" (ponto 2.4). Isso é de particular importância, especialmente em um momento de pandemia, em que discursos anticientíficos são

---

<sup>18</sup> "A genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações. [...] A emergência [do saber] se produz sempre em um determinado estado das forças" (Foucault, 1998, p. 23).

disseminados nas redes sociais a partir de uma construção narrativa que influencia o viés de confirmação dos indivíduos conectados às plataformas (ponto 2.5).

## 2.2 - O Poder da Verdade

O propósito deste estudo reside em compreender a subjetividade inerente à biopolítica, materializada nos discursos no fenômeno das "*fake news*" – o qual constitui o escopo deste trabalho. Em virtude disso, essa investigação adota uma abordagem qualitativa, ancorada na análise do discurso digital, tal como delineada por Marie-Anne Paveau (2021) em sua obra intitulada "Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e práticas". Esta obra obedece à composição textual do fenômeno em seu âmbito ambiente tecnológico, pois a análise de discurso digital considera uma variedade de aspectos, além daqueles tradicionalmente examinados por análises textuais e discursivas. Um exemplo disso é a adoção da noção de ambiente como uma alternativa crítica à ideia de contexto. A autora situa sua proposta numa perspectiva pós-dualista, na qual a dicotomia entre objetividade e subjetividade não é mais viável, cedendo lugar a um discurso contínuo. Desse modo, embora os dados de tela possam à primeira vista parecer meros elementos objetivos e técnicos, os dados oriundos das interações dos usuários com a máquina são profundamente influenciados pela subjetividade desses indivíduos digitais (Paveau, 2021).

Segundo Paveau (2016), o acesso universal à escrita e a leitura *online* ocasionou infinitas oportunidades, como conversas com estranhos, dispositivos de publicação e ausência física de interações verbais que acabam por impor novos padrões de uma ética discursiva. O ponto principal é o reconhecimento da posição de poder que os emissores têm em relação aos receptores da comunicação, bem como reconhecer que as práticas discursivas *online* estão inseridas em um contexto social mais amplo, pois os valores mobilizados pela ética do discurso digital são em parte os mesmos que os da ética de discurso fora da rede digital, porém incluem valores específicos das comunicações digitais com a dimensão de ação (realidade) (Paveau, 2016). Nesse contexto, a coleta de dados realizada nesta pesquisa visa adquirir um conjunto de *corpus* narrativo relacionado à vacina contra a COVID-19, presentes nos discursos selecionados a partir do objeto de estudo.

O objetivo geral do presente estudo é identificar a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e as *fake news*, com uma abordagem de análise centrada no discurso digital. Nesse contexto, a seleção da metodologia apropriada é crucial para a apreciação desse fenômeno. A opção pela metodologia de análise de discurso digital se justifica em razão de sua aptidão para investigar os discursos emergentes no ambiente digital e nas plataformas de mídia social com celeridade e profundidade. Essa abordagem revela-se especialmente adequada para a compreensão das dinâmicas discursivas inerentes às narrativas concebidas no contexto digital contemporâneo (Paveau, 2021).

No contexto dos estudos voltados à análise de discursos no cenário nacional, é observado a hegemonia da abordagem francesa da Análise do Discurso, conforme indicado por Paveau (2008). Essa corrente foi desenvolvida por M. Pêcheux entre 1969 e 1983, emergiu como um empreendimento teórico-científico de considerável destaque no âmbito das ciências humanas francesas. Caracterizada por uma matriz político-ideológica, essa abordagem entrelaçou-se com abordagens históricas, filosóficas, psicanalíticas e linguísticas, exercendo profunda influência nas pesquisas realizadas no contexto francês nesse âmbito (Macherey, 1990). No entanto, em um paradoxo perceptível, essa abordagem depara-se com uma dinâmica peculiar no atual panorama, sendo notoriamente minimizada no cenário francês, especialmente a partir da década de 80. Por outro lado, conforme Paveau (2008), essa corrente encontrou solo fértil no Brasil, onde mantém sua preeminência de forma ativa até o presente (Paveau, 2008).

Considerando o horizonte histórico e epistemológico sumariamente delineado por Paveau (2008), em conjunto com as notáveis proposições da Análise do Discurso Francesa, a autora indica que a conformação contemporânea da análise do discurso na França surge a partir de duas tendências epistemológicas que se mostram antagônicas. Uma delas se caracteriza por uma tendência de retração, orientada para uma análise linguística da língua, que aparentemente negligenciou as matizes históricas (movimento internalista). Por outro lado, surge uma inclinação de expansão em direção a uma perspectiva sociológica da fala, que por sua vez negligenciou a materialidade intrínseca da língua ao situar seu escopo dentro do âmbito mais amplo da interação (movimento externalista). Portanto, a análise do discurso procurou experimentar uma espécie de "desmaterialização", ao distanciar-se da perspectiva marxista (Paveau, 2008).

A historicidade desempenha um papel essencial na teoria de Michel Foucault, conferindo uma dimensão significativa à análise da linguagem. Sob essa perspectiva, a história se revela intrínseca à sua abordagem, proporcionando uma base sólida para a investigação das complexas interações entre linguagem, poder e realidade social. Inicialmente, o conceito de poder/conhecimento de Foucault emerge como uma ferramenta valiosa para examinar o papel central da linguagem na construção e evolução da realidade social ao longo do tempo. Além disso, sua teoria sobre poder discursivo estabelece uma estreita conexão com a ideia de poder/conhecimento, ressaltando a importância do uso da linguagem como um meio de influenciar e moldar a trajetória da realidade social ao longo da história. Essa compreensão da historicidade na teoria de Foucault nos prepara para aprofundar a exploração da relação entre linguagem e poder em uma sociedade marcada pelo discurso, especialmente à luz de sua concepção da dinâmica discursiva como uma forma de "guerra" (Foucault, 1996; 1998; 2005; 2008).

### 2.2.1 - A “guerra foucaultiana”

O autor Michel Foucault é conhecido pelo conceito de “poder disciplinar<sup>19</sup>”, discurso transcrito em sua obra de 1975 intitulada “Vigiar e Punir”, e também pelo conceito de “biopolítica” (ou biopoder social), desenvolvido no curso ministrado por ele entre os anos de 1975 e 1976 no *Collège de France*, compilado no livro “Em defesa da sociedade”. Entre suas diversas obras, destaca-se “A Ordem do Discurso”, na qual Foucault relata a condução da aula inaugural proferida por ele sobre os discursos em sua instituição de ensino em 2 de dezembro de 1970. Nesse momento, Foucault aborda a ideia de “rarefação do discurso<sup>20</sup>” e explora os elementos que dificultam a enunciação de certos discursos por não seguirem um “ritual determinado”, enquanto outros são favorecidos por estarem em conformidade com uma ordem estabelecida, tradição ou disciplina. É interessante notar que Foucault não busca realizar uma classificação rígida dos discursos, pois tal categorização poderia, por si só, gerar um efeito de rarefação em seu próprio

---

<sup>19</sup> “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (Foucault, 2014, p.135).

<sup>20</sup> O autor se refere a um processo histórico em que determinados tipos de discursos são desencorajados, silenciados ou marginalizados em uma determinada época.

discurso, restringindo a diversidade e multiplicidade de abordagens. Esse posicionamento destaca a sensibilidade do autor em relação à complexidade e dinamicidade dos discursos e ao impacto que as estruturas de poder podem exercer sobre sua disseminação e legitimação (Foucault, 1996).

Michel Foucault empregou em sua análise a história como ferramenta para compreender a sociedade contemporânea e, com essa compreensão, almejava conduzi-la em direção a uma maior liberdade. Junto a influentes pensadores como Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Julia Kristeva, ele é amplamente classificado como um pós-estruturalista. De acordo com Johanna Oksala (2011), o autor adquiriu relevância nessa corrente filosófica após o esgotamento do existencialismo<sup>21</sup>, pois o pós-estruturalismo se caracteriza por negar o ser humano como objeto privilegiado da análise filosófica, concentrando-se, ao invés disso, nos determinantes sociais, linguísticos e inconscientes do pensamento. Essa abordagem permitiu a Foucault fundir a filosofia e a história de maneira inovadora, resultando em uma crítica impactante à modernidade (Oksala, 2011).

Diego Fernando Camelo (2019) observa que Michel Foucault empregou categorias marxistas em sua obra, não como um meio de confronto direto a Karl Marx, mas sim como parte de uma análise genealógica que visava desconstruir a concepção marxista. Essa abordagem permitiu a Foucault não apenas demonstrar a necessidade de descentralizar o sujeito como elemento nas relações históricas, mas também esclarecer como o discurso filosófico do marxismo, que almejava ser considerado uma ciência, influenciou o surgimento de conhecimentos que nos possibilitaram compreender os mecanismos de produção e sua relação intrínseca com o sujeito (Camelo, 2019).

Segundo Jorge Luis Acanda (2000), tanto Marx quanto Foucault exerceram uma notável influência em nossa compreensão do poder, ao proporem uma visão relacional do poder que transcende estruturas hierárquicas e se manifesta em todas as relações sociais, enfatizando a importância da luta contra o poder opressivo e a necessidade de uma teoria que revele a especificidade das relações de poder e o caráter inerente das lutas contra elas. Entretanto, divergem quanto à ênfase dada às relações de classe na análise do poder, pois Marx ressaltava sua importância na

---

<sup>21</sup> A corrente filosófica enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pessoal na criação do significado e propósito da vida. Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Simone de Beauvoir foram importantes filósofos existencialistas franceses que contribuíram para o desenvolvimento e difusão dessa corrente filosófica.

sociedade capitalista, enquanto Foucault chama a atenção para a dinâmica do poder nas relações sociais, moldadas por sua lógica de funcionamento, capazes de impor e redirecionar o comportamento dos agentes sociais (Acanda, 2000).

No entanto, segundo Johanna Oksala (2011), a abordagem genealógica incorporada por Michel Foucault baseia-se nas concepções desenvolvidas por Friedrich Nietzsche. Embora Foucault não tenha aderido estritamente a uma exposição metodológica detalhada, ele conduz uma investigação minuciosa dos escritos de Nietzsche. Tanto Nietzsche quanto Foucault empregam o termo "genealogia" de forma complexa, referindo-se à análise histórica crítica de elementos previamente não vinculados ao âmbito histórico, como os instintos corpóreos e os valores morais. Enquanto Nietzsche concentra-se, principalmente, na origem histórica da moralidade, traçando sua evolução a partir das características psicológicas dos oprimidos, Foucault expande essa perspectiva. Em sua abordagem, ele evita as explicações psicológicas ou raciais de Nietzsche, aprofundando-se na relevância do indivíduo e suas características psicológicas. Assim, a perspectiva genealógica de Foucault transcende a mera adaptação das concepções nietzschianas, enfatizando seu interesse em utilizar as ideias de Nietzsche para seus próprios propósitos, em vez de aderir-las de maneira estrita (Oksala, 2011).

Independentemente das divergências presentes nas obras dos autores, é notável que a concepção de poder desempenha um papel central tanto nas contribuições de Karl Marx quanto naquelas de Michel Foucault (Acanda, 2000). Entretanto, vale compreender que a obra de Foucault é comumente segmentada em três fases distintas. A primeira, intitulada por ele de "arqueologia", é situada nos anos 60. A segunda fase, denominada "genealógica", ocorre nos anos 70 e engloba obras renomadas como "Vigiar e Punir" (1975) e "História da Sexualidade, Volume I" (1976). A terceira e última fase, conhecida como "ética", emerge nos anos 80, direcionando-se para a investigação da ética antiga. Essas três fases não se referem a métodos ou objetos de estudo distintos. O marco que inaugura cada "nova" fase consiste na introdução de um novo eixo de análise, culminando em uma compreensão mais abrangente do pensamento foucaultiano (Oksala, 2011).

Ao examinar a perspectiva de Michel Foucault sobre o poder e a subjetividade, fica claro que ele percebe que o poder do corpo é reduzido a uma aptidão específica. Isso alimenta a potencialidade da sujeição, à medida que a

energia dos corpos é invertida e canalizada para a obediência. Como Foucault argumenta, “se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (Foucault, 2014, p. 136). Estes, segundo Foucault, foram fundamentados em recursos de adestramento derivados do panóptico<sup>22</sup> (vigilância hierárquica, sanção normalizadora e exame), cujo modelo exaustivo é a prisão, núcleo da gestão diferencial das ilegalidades promovida pelo sistema de justiça criminal (Foucault, 2014).

O conceito de biopolítica (ou biopoder social) – mecanismos de regularização da tecnologia do poder sobre o conjunto da população viva – possui um espectro de “política social” intervencionista, acerca da seguinte compreensão: “se há intervencionismo social, permanente e multiforme, não é contra a economia de mercado, mas é, ao contrário, a título de condição histórica e social de possibilidade para uma economia de mercado” (Foucault, 2005, p. 221-222). Há um exercício de guerra, num contexto de paz, capaz de fazer viver os portadores do capital humano e deixar morrer os indivíduos que não produzem valor de mercado. Tal sistema é fruto de conflitos e guerras mundiais subsidiados pelo sentimento nacionalista. Neste ínterim, o poder político torna-se, fundamentalmente, repressor (natureza, instintos, indivíduos, classe social), numa lógica de inversão da teoria de guerra<sup>23</sup> de

---

<sup>22</sup> Trata-se de um designer arquitetônico penitenciário idealizado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, permitindo a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados.

<sup>23</sup> “Teríamos, pois, diante da primeira hipótese - que é: o mecanismo do poder é fundamental e essencialmente a repressão -, uma segunda hipótese que seria: o poder é a guerra, é a guerra continuada por outros meios. E, neste momento, invertermos a proposição de Clausewitz e diríamos que a política e a guerra continuariam por outros meios, o que significaria três coisas. Primeiro isto: que as relações de poder, tais como funcionam numa sociedade como a nossa, terão essencialmente como ponto de ancoragem uma certa relação de força estabelecida em dado momento, historicamente precisável, na guerra e pela guerra. E, se é verdade que o poder político para a guerra, faz remar ou tenta fazer reinar uma paz na sociedade civil, não é de modo algum para suspender os efeitos da guerra ou para neutralizar o desequilíbrio que se manifestou na batalha final da guerra. O poder político, nessa hipótese, tem como função reinserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e de outros. Seria, pois, o primeiro sentido a dar a esta inversão do aforismo de Clausewitz: a política é a guerra continuada por outros meios, isto é, a política é a sanção e a recondução do desequilíbrio das forças manifestado na guerra. E a inversão dessa proposição significa outra coisa também, a saber: no interior dessa "paz civil", as lutas políticas, os enfrentamentos a propô do poder, com o poder, pelo poder, as modificações das relações de força - acentuações de um lado, reviravoltas, etc. -, tudo isso, num sistema político, deveria ser interpretado apenas como as continuações da guerra. E seria para decifrar como episódios, fragmentações, deslocamentos da própria guerra. Sempre se escreveria a história dessa mesma guerra, mesmo quando se escrevesse a história da paz e de suas instituições” (Foucault, 2005, p. 22-23).

Clausewitz, cuja análise mais aprofundada será abordada no Capítulo 3 desta pesquisa.

A inversão significaria uma terceira hipótese para o autor: “A decisão final só pode vir da guerra, ou seja, de uma prova de força em que as armas, finalmente, deverão ser juízes” (Foucault, 2005, p. 23). Nesta percepção, o poder político seria a continuação da guerra por outros meios, ao invés da guerra apenas como continuação da política por outros meios. “O fim do político seria a derradeira batalha, isto é, a derradeira batalha suspenderá afinal, é afinal somente, o exercício do poder como guerra continuada” (Foucault, 2005, p. 23). As relações de poder são relações de força determinadas na execução e no planejamento da guerra, ou seja, pela guerra e para a guerra, mesmo em tempos de paz, pois estas circunscrevem-se nas instituições, nas desigualdades econômicas, no movimento dos corpos, de modo constante, ou seja, a paz civil interior é a continuação das lutas, dos confrontos, da guerra pelo poder, no poder e com o poder, de modo que a decisão final é sempre a guerra, a prova da força das armas, porque a imposição final da política seria por último a batalha (Foucault, 2005).

O autor enfatiza que a partir do momento em que deixamos de analisar os esquemas econômicos do poder, encontramos duas hipóteses: O poder como repressão (*Reich*) e como confronto de forças (Nietzsche). Foucault acredita que a repressão seria consequência política da guerra, e a opressão seria abuso da soberania política, de modo a consolidar-se no poder político como uma guerra contínua, em que a repressão respalda efetivamente as relações de dominação, no contexto de aparelhamento da paz interior. O poder político é uma relação de guerra que atua por mecanismos de repressão, pois “sob o poder político, o que paira e o que funciona é essencialmente e acima de tudo uma relação belicosa” (Foucault, 2005, p. 25). A aceção de Foucault sobre o poder como guerra, fundamenta-se numa tática de três direções: a primeira é centrada nas nacionalidades; a segunda, centrada nas classes sociais - tendo como fenômeno central a dominação econômica - por consequência fundamenta a economia política; e a terceira é centrada na raça - as especificações e seleções biológicas -, ou seja, a “filologia, economia política, biologia” são sinônimos de “falar, trabalhar, viver” (Foucault, 2005, p. 226). E diante de uma trama epistêmica muito densa de discursos históricos, há uma estratégia, que possibilita “a condição para que se possa não pensar da mesma



forma, e a condição para que se possa pensar de uma forma diferente e para que essa diferença seja politicamente pertinente” (Foucault, 2005, p. 250).

De acordo com Hubert Dreyfus e Paul Rabinow (1995), uma destas estratégias para Michel Foucault é a tortura, um fenômeno que reflete as decisões da soberania, não apenas por meio de estruturas políticas formais, mas também em suas manifestações nas práticas cotidianas e nas dinâmicas das relações sociais. Sob essa perspectiva, a tortura pública se revela como um ritual político que não apenas evidencia o poder do soberano, mas também consolida a lei como uma projeção direta de seu desejo e vontade. Este entendimento coaduna-se com a concepção foucaultiana de que o poder se constitui fundamentalmente por meio do controle e da hegemonia sobre as normas e os discursos. Nesse sentido, a prática da tortura pública englobava uma manifestação ostensiva do poder do soberano, cujo propósito era instilar temor e submissão naqueles que a testemunhavam. Foucault argumenta que o exercício do poder ocorre mediante a imposição e a regulação das normas sobre os indivíduos através das instituições, o que se traduz em um mecanismo de controle das normas e discursos (Dreyfus; Rabinow, 1995).

É interessante notar que o conceito de poder soberano de Foucault, que enfatiza o controle sobre a vida e a morte dos cidadãos por meio da regulação das normas e disciplinas sociais, dialoga com a noção contemporânea de "necropolítica"<sup>24</sup>, proposta por Achille Mbembe. Enquanto Foucault se concentra na regulamentação da vida pelo Estado, Mbembe amplia essa análise, destacando como o poder estatal pode ir além do controle da vida, influenciando quem tem o direito de viver e quem está sujeito à morte, especialmente em contextos de conflito e opressão. Sob a égide da "necropolítica", o poder estatal utiliza a morte e a destruição da vida como instrumentos de controle e poder, transcendendo a gestão da vida previamente explorada por Foucault (Mbembe, 2018).

Dessa forma, podemos discernir que a análise de Michel Foucault acerca do poder soberano converge em uma profunda reflexão sobre as intrincadas dinâmicas

---

<sup>24</sup> “As formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror, [...] A noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. [...] Propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. Sublinhei igualmente algumas das topografias recalcadas de crueldade (plantation e colônia, em particular) e sugeri que o necropoder embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (Mbembe, 2018, p. 71).

de poder e resistência que permeiam as sociedades contemporâneas. Foucault baseia sua teoria no conceito de disciplina, também conhecido como microfísica do poder – estratégia do grupo social dominante para dar forma a uma ideologia de submissão – que exerce poder nas relações, de modo que a “disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (Foucault, 2014, p. 135). Produzindo um conjunto de corpo útil, que aumenta “as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (Foucault, 2014, p. 135-136). Essa perspectiva revela uma compreensão profunda das dinâmicas de poder que moldam não apenas o indivíduo, mas também as estruturas sociais mais amplas.

### 2.2.2 - Poder soberano

Em seu livro “Em defesa da sociedade”, Foucault menciona o momento histórico em que a guerra começou a servir de análise das relações de poder, pontuando seu começo no século XVI e início do século XVII. “Há, claro, um nome que a gente logo encontra: o de Hobbes, que aparece como, à primeira vista, quem pôs a relação de guerra no fundamento e no princípio das relações de poder” (Foucault, 2005, p. 102). Este poder régio do monarca é respaldado por inúmeras teorias territoriais, mas Foucault cita principalmente a teoria de Thomas Hobbes e sua obra “*Leviatã*”<sup>25</sup>, na qual Hobbes apresenta as justificativas e as prerrogativas de um exercício de poder soberano concentrado na mão de um monarca, que representa todo o corpo de um Estado. Thomas Hobbes centraliza sua teoria numa lógica contratualista, em que as pessoas viviam num estado livre, mas anárquico, que gerava um estado de guerra permanente e insegurança, de modo que seria necessário firmar uma espécie de pacto social, e fazer com que o uso da força fosse legitimado apenas pelo poder do soberano. Ao ser concentrado, o uso legítimo da força acarreta um estado de pacificação social (Hobbes, 2003).

Michel Foucault, em sua análise da Modernidade, identifica uma ideia crucial e minuciosamente explorada que se destaca nesse período. Essa concepção central

---

<sup>25</sup> “Uma pessoa de cujos atos uma grande multidão, mediante pactos recíprocos uns com os outros, foi instituída por cada um como autora, de modo a ela poder usar a força e os recursos de todos, da maneira que considerar conveniente, para assegurar a paz e a defesa comum. [...] Aquele que é portador dessa pessoa se chama soberano, e dele se diz que possui poder soberano. Todos os restantes são súditos” (Hobbes, 2003, cap. XVII, p. 148).

envolve a compreensão de um sujeito que exerce o poder soberano por meio de uma peculiar condição de sujeição, ou seja, é considerado soberano justamente porque reconhece e assume sua própria finitude. Nesse contexto, a finitude humana é interpretada como uma capacidade que permite ao indivíduo ocupar um espaço que era anteriormente reservado à divindade. Essa proposição de Foucault sugere que a Modernidade é caracterizada por uma transformação profunda nas concepções de poder, sujeição e transcendência, uma vez que desafia as estruturas tradicionais que delineiam as relações entre o divino e o humano, bem como as dinâmicas de autoridade e submissão na sociedade (Dreyfus; Rabinow, 1995).

O autor se detém ao fato de o poder soberano ser um poder que opera pela negatividade, que necessita demonstrar a força, representado num monopólio de uso da violência. Trata-se de um poder que se fundamenta no exercício do poder absolutista através do contrato, no dispêndio onipresente de força existente. O poder soberano não está buscando um cálculo gerencial, um cálculo de exercer o poder com o mínimo de dispêndio e recursos, mas com o máximo de eficácia, atravessando diversos aspectos da vida social, atravessando o próprio corpo dos indivíduos, disciplinando, controlando, vigiando, apesar de não ter sido algo que fora desenvolvido como técnica nesta época. “A teoria da soberania é, se vocês quiserem, o que permite fundamentar o poder absoluto no dispêndio absoluto do poder, e não calcular o poder com o mínimo de dispêndio e o máximo de eficiência” (Foucault, 2005, p. 43).

O poder refere-se a uma manifestação de autoridade que se sustenta na execução do domínio absoluto por intermédio de um contrato, ao mesmo tempo que envolve a contínua utilização onipresente da força disponível. O sistema do direito e do campo judiciário são veículos permanentes da técnica de dominação, e sujeições polimorfos. Trata-se de observar o poder em suas extremidades, em seus últimos lineamentos, onde ele se torna capilar e garante “o direito de causar a morte ou de deixar viver” (Foucault, 1999, p.128). Segundo o autor, é necessário primeiro observar o poder em suas instâncias regionais, mais locais, sobretudo no ponto em que esse poder vai além das regras da organização e da restrição do direito (Foucault, 2005).

O segundo ponto para o autor é estudar o poder ao contrário, do lado em que seja possível enxergar a sua intenção, se houver intenção, inteiramente concentrada no interior de práticas reais e efetivas, em que ele se implementa e causa efeitos. A

terceira precaução é não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo, de dominação de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter em mente que o poder é algo circular, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia, ou seja, o poder transita entre os indivíduos, ninguém detém o poder e aplica sobre eles. A quarta consequência do poder circular em rede é, em certa medida, transitar ou transbordar por nosso corpo. Então não se trata de uma espécie de distribuição democrática, ou anárquica sobre o poder através do corpo, mas de fazer “uma espécie de dedução do poder que partiria do centro e que tentaria ver até onde ele se prolonga por baixo, em que medida ele se reproduz, ele se reconduz até os elementos mais atomísticos da sociedade” (Foucault, 2005, p. 36).

O que se deve fazer é o inverso, ver historicamente, partindo de baixo, de que modo os mecanismos de controle puderam intervir no tocante a exclusão, na repressão, na proibição da sexualidade, ao nível efetivamente familiar, das células mais baixas da sociedade, em que a repressão ou de exclusivo tiveram seus instrumentos. Mostrar quais foram os seus agentes - a família, os pais, os médicos, o escalão mais baixo da polícia - não no âmbito da burguesia, mas dos agentes reais, que podem ser o círculo imediato, “e como esses mecanismos de poder, em dado momento, numa conjuntura precisa, e mediante certo número de transformações, começaram a tomar-se economicamente lucrativos e politicamente úteis” (Foucault, 2005, p. 38).

O quinto ponto é o poder acompanhado de produções ideológicas. Houve, sem dúvida, uma ideologia da educação do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar, etc., mas no fim das redes de poder e da ideologia, o que ocorre é a consolidação de instrumentos efetivos de formação e de acúmulo de saber, “são métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de investigação e de pesquisa, são aparelhos de verificação” (Foucault, 2005, p. 40). Isto significa que o poder se exerce em seus mecanismos finos, colocado em circulação por um saber para além de um aparelho de saberes, “e que não são acompanhamentos ou edifícios ideológicos” (Foucault, 2005, p. 40). Por isso, “é preciso estudar o poder fora do modelo do *Leviatã*, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição do Estado; trata-se de analisá-lo a partir das técnicas e técnicas de dominação” (Foucault, 2005, p. 40).

A abordagem foucaultiana da concepção de poder soberano oferece uma perspectiva crítica e multifacetada para a análise das dinâmicas de poder em uma sociedade. Neste contexto, é pertinente considerar a noção de soberania<sup>26</sup> das forças armadas como uma expressão específica do poder soberano inserida no âmbito do aparato estatal. As forças armadas, enquanto instituição investida do monopólio da coerção e do controle sobre a violência física, frequentemente desempenham um papel central na concretização da soberania estatal. Elas representam não apenas a capacidade do Estado de autodeterminação e autogoverno, mas também a habilidade de salvaguardar suas fronteiras e interesses em um contexto internacional. Todavia, em consonância com a perspectiva foucaultiana, é imperativo ressaltar que a soberania das forças armadas não se configura como um poder absoluto e independente, mas sim como um elemento intrincado de um sistema de poder mais abrangente, cujas manifestações se desdobram de maneiras diversificadas e complexas (Foucault, 2005; Ministério da Defesa, 2015). Esta complexidade se revela de forma notável, por exemplo, na mobilização das forças armadas para auxiliar no enfrentamento da pandemia de COVID-19 (Ministério da Defesa, 2023a).

### 2.2.3 - Poder disciplinar

A revolução industrial é o marco histórico em que o poder dispendioso do soberano passa a atuar como um poder disciplinar. Um poder que irá adotar mecânicas de disciplinas, de controle e vigilância, trata-se, então, de um poder individualizante exercido sobre os corpos de cada indivíduo, ou seja, a disciplina é algo que vem de fora, mas que se internaliza nos indivíduos, de modo individual. “O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’” (Foucault, 2014, p. 153). Trata-se de um poder muito mais

<sup>26</sup> Soberania - “1. Última instância do poder de mando do Estado nacional seja para os efeitos externos, seja para os internos. É, também, a supremacia da ordem jurídica do Estado nacional em todo o território. Doutrinariamente, é entendida como absoluta, indivisível, inalienável e imprescritível. 2. Elemento formal, poder supremo de que se acha revestida a autoridade do Estado, poder de auto-determinar-se, auto-governar-se, sem interferência de nenhum outro poder governando e disciplinando juridicamente a população que se encontra no seu território e mantendo relações com outros estados” (Ministério da Defesa, 2015, p. 260).

pulverizado e eficiente no tipo de sociedade que estava emergindo, se aglomerando nos centros urbanos, pois os indivíduos não funcionavam mais numa lógica agrária, mas numa mecânica de trabalho incidente sobre suas produções, e no valor de tempo de produção, pois o trabalho agrícola é determinado pelas condições naturais, enquanto o das fábricas é orientado pelo relógio, trata-se de um poder disciplinar<sup>27</sup> que busca majorar as forças econômicas ao extremo, diminuindo as forças políticas (Foucault, 2014).

A autora Oksala (2011) destaca que Michel Foucault elaborou o conceito de poder disciplinar a partir de uma análise da arquitetura do Panóptico. Trata-se de um projeto arquitetônico de prisão idealizado por Jeremy Bentham, datado de 1791, que consiste em uma estrutura circular com uma torre de observação central e celas dispostas ao seu redor para o confinamento dos indivíduos. Foucault utilizou essa estrutura arquitetônica como uma metáfora para exemplificar seu argumento. No panoptismo, o observador central detém a capacidade de visualizar todos os prisioneiros, enquanto estes permanecem sem a capacidade de identificar quando estão sob observação. Esse princípio de vigilância constante e invisível cria um ambiente propício ao autocontrole e autorregulação por parte dos indivíduos, levando-os a agir como se estivessem sendo constantemente observados.

O conceito de poder disciplinar, conforme formulado por Foucault, é aplicável a instituições como prisões, escolas, hospitais e outras organizações que buscam exercer controle sobre corpos e comportamentos. O panoptismo é exemplar na demonstração da eficácia desse poder disciplinar, uma vez que propicia a normalização das condutas por meio da internalização da vigilância e do autocontrole. Nesse contexto, os indivíduos se disciplinam voluntariamente, prevendo a possibilidade de estarem sob observação, e adaptam seu

---

<sup>27</sup> “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fixar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente” (Foucault, 2014, p.167).

comportamento conforme as normas e expectativas sociais estabelecidas (Oksala, 2011).

Muito comum em seus escritos, Michel Foucault cita como exemplo o soldado, e denota que este se torna “algo fabricável”, condicionado a um corpo que vai perdendo a ideia de honra e coragem que existirá no século XVII, para tornar-se um fragmento móvel na sociedade, e que se faz, pouco a pouco, como “máquina de corrigir” posturas, “lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos” (Foucault, 2014, p. 133). A primeira das novidades desse poder disciplinar seria então a “escala do poder”, pois “não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga...” (Foucault, 2014, p. 133). O segundo ponto é o “objeto”, que seria não mais “os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna” (Foucault, 2014, p. 135). Além disso, existem as “modalidades”, os processos que revelam sobre as atividades, mais do que sobre seus resultados, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de 'disciplinas'" (Foucault, 2014, p. 135). O autor aponta que uma técnica de poder pode nascer em uma instituição, como o exército, e não ser restrita ao exército, ou pode nascer num convento, e não ser restrita ao convento, de modo que as instituições sociais podem criar técnicas que se conjugam, formando assim um todo. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (Foucault, 2014, p. 135-136).

Não basta apenas vigiar e controlar, é preciso dar uma utilidade econômica a esses corpos nos espaços, e a organização ao máximo está na regra das localizações funcionais, nas instituições disciplinares, no intuito de “codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (Foucault, 2014, p. 141). É possível compreender que “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção

normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Foucault, 2014, p. 167). Todo esse empreendimento visa quatro coisas: “seleção, normalização, hierarquização e centralização” (Foucault, 2014, p. 217). São essas quatro operações que podemos observar detalhadamente daquilo que é denominado “poder disciplinar” (Foucault, 2014). O poder não é uma propriedade, mas uma estratégia, e a batalha define melhor esse modelo que o contrato, pois o que existe são relações de poderes em que os indivíduos se inserem, “com isso, o direito de morte [poder soberano] tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função de seus reclamos” (Foucault, 1999, p. 128). Em virtude disso, o soberano é aquele que agora “faz viver”, ao invés de “deixar viver” aqueles indivíduos subordinados, não sendo mais um poder que atua na negatividade, mas sim numa positividade (Foucault, 1999).

O controle disciplinar e a formação de corpos dóceis estão intrinsecamente ligados ao contexto do surgimento do capitalismo, afirmam Dreyfus e Rabinow (1995). No entanto, é importante ressaltar que as mudanças econômicas que propiciaram a acumulação de capital e as mudanças políticas que resultaram na concentração de poder não podem ser dissociadas de maneira completa. Ambos os processos dependem mutuamente para se expandir e atingir eficácia plena. Um exemplo ilustrativo dessa interconexão é a projeção significativa de métodos militares na organização da indústria, representando um modelo da divisão do trabalho baseado em estruturas de poder. O desenvolvimento de uma nova ciência, ou mais precisamente, uma tecnologia voltada para o corpo enquanto objeto de poder, gradualmente tomou forma em contextos diversos e periféricos. Michel Foucault denomina esse fenômeno como “poder disciplinar” e o examina detalhadamente em sua obra “Vigiar e Punir”.

O objetivo principal subjacente ao poder disciplinar era a produção de indivíduos que pudessem ser moldados como “corpos dóceis”, ou seja, sujeitos capazes de serem facilmente governados e controlados. Além disso, esses corpos dóceis deveriam ser produtivos, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico e social. A tecnologia da disciplina foi progressivamente desenvolvida e aperfeiçoada em ambientes como fábricas, quartéis, prisões e hospitais. Em cada um desses locais, o objetivo central era promover um “aumento paralelo de utilidade e docilidade” tanto em indivíduos quanto em populações na totalidade. Embora as



técnicas de disciplina fossem predominantemente aplicadas às classes trabalhadoras, elas não se limitavam exclusivamente a esses grupos, uma vez que também se estendiam a instituições como universidades e escolas (Dreyfus; Rabinow, 1995).

#### 2.2.4 - Biopoder

O biopoder é a terceira forma de poder que o autor analisa. Essa forma de exercício iniciou-se no final do século XVIII e início do século XIX. Trata-se de uma tecnologia complementar ao poder disciplinar, pois enquanto a tecnologia disciplinar consiste no agir sobre os indivíduos de forma individual, o biopoder consiste em empregar o poder sobre as grandes populações de indivíduos, agindo sobre os grandes conjuntos de corpos populacionais. O biopoder é uma forma muito eficaz de controle social que assume a direção da vida dos indivíduos desde antes de seu nascimento até sua morte. “Pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida ou devolver à morte” (FOUCAULT, 1999, p. 130). A gestão constante da política sobre a forma de vida e suas particularidades individuais passaram a ser a principal novidade existente na vida cotidiana, pois “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (Foucault, 1999, p. 135).

É instaurado, assim, a era do "trio-poder", formado pelas disciplinas das instituições que exercem aprendizados sobre a ordem social a partir de reflexões táticas. Essas técnicas de poder que estão em todos os níveis sociais e por diversas instituições, gerenciam populações e demografias, com suas métricas e estimativas de vidas. Somada para unir os dois poderes anteriores, surge a ideologia, como doutrina de aprendizagem, “o discurso abstrato em que se procurou coordenar as duas técnicas de poder para elaborar sua teoria geral” (Foucault, 1999, p. 132). Esse biopoder foi um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo “que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos” (Foucault, 1999, p. 132). Foucault também enfatiza a significância das práticas sociais não discursivas ao incluí-las em sua enumeração de relações que viabilizam a seleção de objetos e a atribuição de uma dimensão de

realidade pública a eles. Essas relações se estabelecem entre diversas esferas, abrangendo instituições, processos econômicos e sociais, modalidades comportamentais, sistemas normativos, técnicas, estruturas de categorização e modos de caracterização (Dreyfus; Rabinow, 1995).

Entretanto, destaca-se de maneira evidente o aporte direcionado ao corpo humano e a administração distributiva de suas energias como elementos cruciais para os desdobramentos dos processos econômicos. As instituições agiram em favor de ações que sustentaram e contribuem com os fatores de segregação e de hierarquização social, garantindo a estagnação das relações de dominação e hegemonia, num processo de “ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do biopoder com suas formas e procedimentos múltiplos” (Foucault, 1999, p. 133). Pela primeira vez o biológico reflete-se no político sem depender dos fatores naturais, como desastres ambientais e doenças, a partir do momento em que a vida e morte não são mais emergentes de tempos em tempos, num processo de fatalidade do acaso, “cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder” (Foucault, 1999, p. 134).

No entanto, o sangue tem historicamente desempenhado um papel de relevância no contexto do mecanismo de jurisdição, especialmente no que concerne à preservação da continuidade da linhagem familiar. A jurisdição, em um sentido amplo, desempenhou um papel crucial na sustentação do que o autor denomina como “sociedade de sangue”, ou seja, os novos procedimentos que surgem do poder “fizeram passar nossas sociedades de uma simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade” (Foucault, 1999, p. 139). Mas enquanto o aperfeiçoamento da espécie se desloca do “problema consanguíneo” para a gestão coercitiva da sexualidade e suas especificidades, a contribuição da “nova ideia de raça tende a esmaecer as particularidades aristocráticas do sangue para voltar-se apenas para os efeitos controláveis do sexo” (Foucault, 1999, p. 139). Deste modo, o sangue, então, absorveu o sexo em sua prerrogativa política, pois “a analítica da sexualidade e a simbólica do sangue podem muito bem pertencer, em princípio, a dois regimes de poder bem distintos, mas não se sucederam (nem tampouco esses próprios poderes) sem justaposições, interações ou ecos” (Foucault, 1999, p. 140).

O biopoder se divide por disciplina e biopolítica<sup>28</sup>, esse poder não é mais exercido de forma individual, mas centrada no Estado, preocupado em administrar a vida e o corpo da população. Para o autor, na virada do século XIX houve uma mudança na forma do exercício do poder soberano. Agora, ele não mais simplesmente mata, mas administra a vida e sua gestão, estabelecendo assim políticas públicas que possibilitam a “purificação” do corpo social. O exemplo mais extremo dessa política é aquela ocorrida na Alemanha durante o seu período nazista, “sem dúvida, o nazismo foi a combinação mais ingênua e mais ardilosa — ardilosa porque ingênua — dos fantasmas do sangue com os paroxismos de um poder disciplinar.” (Foucault, 1999, p. 140). O que Michel Foucault aponta é que existe uma contradição sangrenta nesse “cuidado purificador da vida”, pois no momento em que a vida passa a ser um elemento político por excelência, a violência e a própria morte não deixam de existir ou diminuir, configurando assim, a biopolítica como uma tanatopolítica<sup>29</sup>, ou seja, uma política que produz corpos economicamente ativos e politicamente dóceis, facilitando a gestão da morte.

A concepção de biopoder enfatiza a relevância do conhecimento originado das ciências biológicas como um instrumento essencial no exercício do poder, possibilitando, desse modo, o estabelecimento do controle sociopolítico sobre os indivíduos nas sociedades contemporâneas. Esse poder opera para constantemente direcionar e influenciar a vida de cada indivíduo, baseando-se na compreensão individualizada de diversos aspectos da existência e funcionando por meio de estratégias políticas de controle. Este poder, intrinsecamente entrelaçado visando centralização, é aplicado pelo Estado, que se concentra na preservação e na promoção do bem-estar de sua população. Michel Foucault denominou essa forma de intervenção estatal na vida das pessoas como "biopolítica". Como resultado, ocorre uma crescente intervenção do Estado nas esferas cotidianas dos indivíduos, abrangendo questões como saúde, sexualidade, corpo e dieta (Oksala, 2011).

A dimensão da biopolítica se evidencia de maneira significativa quando se concentra na relevância da vacinação contra a COVID-19 em meio à pandemia, conforme delineado pelo Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra

---

<sup>28</sup>“biopolítica”: [...] eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vêm constituindo até hoje” (Foucault, 2008, p. 431).

<sup>29</sup> Política da morte.

a COVID-19. Este plano representa a ação estatal no âmbito da saúde pública e da gestão da pandemia, abarcando a coordenação e distribuição das vacinas para toda a população. Nesse cenário, emerge a biopolítica, enquanto o Estado assume um papel proeminente na regulação e administração das condições de vida e saúde dos cidadãos, estabelecendo diretrizes para a promoção, proteção e recuperação da saúde, bem como para a organização e funcionamento dos serviços de saúde correspondentes, além de outras disposições, como definir o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (Ministério da Saúde, 2021).

Por meio desse plano, o governo estabelece critérios de priorização, delinea estratégias de imunização em larga escala e define as etapas do processo de vacinação, com o objetivo central de resguardar a saúde pública. Assim, essa iniciativa exemplifica de forma concreta como a biopolítica se materializa na governança da saúde e do bem-estar das populações, refletindo o exercício do poder estatal na promoção da saúde e na mitigação dos riscos à saúde em emergências sanitária, como a pandemia de COVID-19 (Ministério da Saúde, 2021). Neste conjunto de medidas, a atuação das Forças Armadas compreende uma série de ações em apoio ao sistema de saúde pública, focalizando principalmente a distribuição de vacinas e a mobilização de profissionais militares com especialização em enfermagem para a administração de imunizantes em várias localidades. Dentro deste contexto operacional, os membros das forças militares aderem estritamente ao cronograma estabelecido no plano de vacinação elaborado pelas autoridades de saúde locais, que abrange categorias específicas de pessoas, faixas etárias e dosagens específicas de vacinas. Este cenário enfatiza a relevância da articulação de uma resposta interdisciplinar e da integração entre componentes civis e militares no âmbito de operações de resposta a emergências, visando aprimorar a eficácia e eficiência na gestão da crise (De Araujo Grigoli; De Resende Silva; Migon, 2022).

É importante destacar que devido à capacidade logística das Forças Armadas em alcançar áreas geograficamente remotas do país, ela desempenhou um papel fundamental no apoio aos Distritos Sanitários Especiais de Saúde Indígenas (DSEIs). Nesse sentido, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica empregaram diversos recursos, como helicópteros, embarcações e veículos terrestres, para facilitar o transporte de vacinas e profissionais de saúde vinculados à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Graças a essa cooperação, as Forças Armadas possibilitaram a administração de aproximadamente 195 mil doses de vacinas em

comunidades indígenas. Adicionalmente, no âmbito da Operação COVID-19, profissionais de saúde das Forças Armadas desempenharam um papel crucial ao fornecer atendimento médico diretamente nas aldeias indígenas. Essa abordagem tem contribuído significativamente para evitar a necessidade de deslocamento dos indígenas para centros urbanos mais distantes, minimizando, assim, os riscos associados à exposição ao vírus da pandemia (Ministério da Defesa, 2023b).

No contexto das reflexões de Isabella Maria Nunes Ferreirinha e Tânia Raitz (2010), a análise de Michel Foucault sobre os conceitos de poder, direito e verdade delinea um intrincado triângulo conceitual, no qual cada um dos elementos mencionados (poder, direito e verdade) ocupa uma posição nos vértices. Dentro desse triângulo, o filósofo investiga minuciosamente as interações entre o poder e o direito, destacando como a sociedade se organiza e opera, resultando na configuração de uma estrutura hierárquica na qual o exercício do poder ocorre, com os indivíduos submetidos a essa dinâmica. Nesse cenário, evidenciam-se relações de poder, como a presença de poder representada por figuras como monarcas, que coincide com a presença de súditos, ou a promulgação de leis, que coincide com aqueles que as instituem e aqueles que devem obedecê-las.

Além disso, Foucault empreende uma análise do poder enquanto verdade, ressaltando como ele se manifesta por meio dos discursos que a sociedade é compelida a gerar e das ações influenciadas pela estrutura imposta, muitas vezes sem uma avaliação crítica ou reflexão adequada. Nessa perspectiva, Foucault concebe o poder como uma força que atua sobre as ações, tanto individuais quanto coletivas. Ele argumenta que as relações de poder estabelecidas em instituições como escolas, prisões e quartéis são fortemente caracterizadas pelo conceito de disciplina, no qual as relações entre os detentores do poder e aqueles sob seu domínio, os que emitem ordens e os que as recebem, os que persuadem e os que são persuadidos, são claramente delineadas.

Considerando o quadro conceitual delineado por Foucault - poder, direito e verdade - e as analogias que ele estabelece com o aparato estatal, as autoras permitem estabelecer uma comparação com o conceito de tripé da sociedade, que engloba o Estado, o mercado e a sociedade civil. Esse exame aprofundado desses elementos fundamentais contribui para uma compreensão mais abrangente das complexas dinâmicas sociais e políticas que permeiam a sociedade (Ferreirinha; Raitz, 2010).

### 2.3 - Ordem do Discurso e o Dispositivo

Na análise dos processos sociais, Michel Foucault investiga as relações e mecanismos particulares que governam tanto o discurso quanto o poder, no entanto, esses elementos permanecem notavelmente ambíguos. Para Foucault, o discurso se exerce no ato de falar, para manter, transmitir, e articular ideias, que ganham forma a partir de um campo simbólico, seja ele por palavras faladas, escritas, entre outras simbologias (Dreyfus; Rabinow, 1995). As sociedades buscam banir a aleatoriedade dos discursos ao dominarem seus acontecimentos aleatórios, esquivando o terrível peso de sua materialidade, num processo de exclusão de um jogo de falas sociais, subsidiando assim, uma relação de interdições que se cruzam e não cessam, em três mecanismos interventivos: o tabu do objeto<sup>30</sup>; o ritual da circunstância<sup>31</sup>; o direito privilegiado, ou exclusivo, do sujeito<sup>32</sup>. Dentro desse campo discursivo, alguns saberes ganham preponderância na existência de um estado de forças constantemente em disputa. O autor salienta haver duas formas de rarefações, as “externas” que são todas as que não estão exatamente presentes nas palavras, nos discursos em si, mas nas instituições que exteriormente possuem o poder de refreá-los, e há as rarefações “internas”, presentes dentro dos discursos, a partir das disciplinas, dos controles que os discursos sofrem ao serem vinculados (Foucault, 1996).

As dinâmicas mutáveis entre o poder do conhecimento, também conhecido como a política da verdade, desempenham um papel regulador nas diversas maneiras pelas quais os regimes políticos articulam e justificam suas estruturas políticas alternativas, bem como na representação da ordem estabelecida como uma verdade incontestável. Nesse contexto, a resistência não pode ser considerada um elemento insignificante nas práticas sociais, políticas e culturais, mas sim uma força ativa que desafia as normas e as narrativas estabelecidas. A resistência, portanto, desempenha um papel crítico na transformação e na contestação das estruturas de

---

<sup>30</sup> “O discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica [...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 1996, p. 9-10).

<sup>31</sup> É uma forma de controle do discurso que ocorre em contextos específicos, como discursos oficiais, cerimônias de formatura, discursos políticos, entre outros.

<sup>32</sup> “Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas a separação e a rejeição. Penso na oposição razão e loucura” (Foucault, 1996, p. 10).

poder e na busca por diferentes formas de compreender e representar a realidade (Okala,2011).

Dentro deste contexto discursivo, o conceito de "dispositivo" emerge como um elemento central, embora Michel Foucault não tenha fornecido uma definição exaustiva desse termo, conforme apontado por Sandro Chignola (2012). No entanto, como destacado por Jackson da Silva Medeiros (2019), o dispositivo se configura como um conceito mais abrangente, abarcando não apenas os *algoritmos*, mas também englobando outros componentes inerentes aos dispositivos digitais, tais como redes, plataformas, interfaces e dispositivos móveis, bem como outros elementos que viabilizam a geração e disseminação de informações e significados. O dispositivo, enquanto construção, emerge em um determinado momento histórico com o propósito primordial de atender a necessidades específicas, desempenhando uma função estratégica predominante.

Por sua vez, os *algoritmos* assumem um papel de destaque no contexto dos dispositivos digitais, sendo utilizados para o gerenciamento e processamento de grandes volumes de dados em tempo real. Estes desempenham múltiplas funções em diversas esferas, incluindo publicidade, recomendações de conteúdo, análise de dados e automação de decisões. Constituindo-se como uma forma de programação, os *algoritmos* possibilitam que os dispositivos digitais realizem a análise de informações e tomem decisões com base em padrões e regras pré-definidos. Esses elementos também se relacionam com os "procedimentos do discurso", um conceito-chave na análise foucaultiana, que delinea as técnicas e estratégias empregadas para moldar e regular a produção, circulação e recepção de discursos em um contexto sociocultural, conforme apresentado a seguir (Chignola, 2012; Da Silva Medeiros, 2019).

### 2.3.1 - Procedimentos externos dos discursos

Os procedimentos do discurso se referem às técnicas e estratégias utilizadas para regular e moldar a produção, circulação e recepção de discursos em uma sociedade ou contexto cultural específico. Para Foucault, os procedimentos do discurso, de forma externa, são considerados "mecanismos de coordenação dos discursos" (Dreyfus; Rabinow, 1995). Não apenas se delimitam a organização dos

discursos, como também constituem-se para ordená-los, juntamente com campos de ideias que pré-existem a essas organizações. A primeira rarefação do discurso é a própria “proibição<sup>33</sup>” do discurso; a proibição de discursar de forma aleatória, criando tabus e normas de linguagem. Por isso, esta é uma condição exterior. Antes mesmo do enunciado acontecer, ele já se torna proibido de ocorrer, exterior à própria condição discursiva. Essa é uma técnica de proibição, não necessariamente uma proibição por lei, mas uma interdição que domina a aleatoriedade do discurso. O autor oferece três exemplos: sexualidade, política e religião. A sexualidade articula o campo do desejo, enquanto a política articula o campo do poder e a religião articula ambos os campos, tanto o poder político quanto o desejo, conjugados juntos. Além disso, existe uma cisão entre a razão e a loucura.

O segundo mecanismo de rarefação é a “razão e loucura<sup>34</sup>”. A possibilidade de enunciação de um indivíduo considerado louco é restrita, pois seu discurso não pode circular como igual ao dos demais, mesmo que, por vezes, o discurso de um louco ganhe atenção, pois é excluído ou secretamente investido pela razão. Este discurso do louco não existe do ponto de vista de acontecimento material, como, por exemplo, o de lei. Ou seja, enquanto a primeira rarefação define qual o assunto pode ser falado, o segundo define quem pode enunciar um discurso, viabilizando a determinados indivíduos um privilégio que podemos chamar de “direito privilegiado”, demonstrando que sempre há uma autoridade por trás de um discurso.

A terceira rarefação externa advém daquilo que Foucault relaciona à “vontade da verdade<sup>35</sup>”, que, somada às duas primeiras rarefações, viabiliza a manifestação de determinados enunciados. Isso ocorre porque a vontade da verdade diz respeito

---

<sup>33</sup> “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 1996, p. 9).

<sup>34</sup> “Desde a alta idade média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula ou não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato (...) Pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda a ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (...) De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, ela não existiria”. (Foucault, 1996, p. 10-11).

<sup>35</sup> “Separação historicamente construída, com certeza. Porque, ainda no século VI, o discurso verdadeiro - no sentido forte e valorizado do termo -, o discurso verdadeiro pela qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito (...) Ora, eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discursos, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objetivo, sua relação e sua referência” (Foucault, 1996, p. 14-15).



a um discurso pautado por enunciados que buscam ser verdadeiros e verificáveis, como os métodos de análises acadêmicas presentes nos discursos científicos. Para que isso fosse possível, ocorreu um deslocamento daquele que, numa posição de poder, detinha a verdade apenas com o ato da enunciação. Chegou-se a uma tradição de enunciação em que os discursos possuem probabilidade científica de serem ditos, mas que, ao colocar um discurso à prova do falso, acarreta uma forma rarefeita sobre os enunciados. Os enunciados são enquadrados por disciplinas.

Por conta dessas separações, os discursos passam a ser validados para funcionarem no espaço da sociedade, transpassando pela ordem da construção de símbolos, de signos e também de conceitos. Esses conceitos produzem efeitos de poder na sociedade, através das instituições, não só numa ordem sociológica, ditando “quem é certo” e “quem é errado” em enunciar, mas também numa ordem antropológica, da forma como os indivíduos se entendem no mundo. Essas convenções são tão naturalizadas que ocorre a separação não só dos discursos por disciplinas, mas também segmentam pessoas, entre “normais” e “anormais”, entre as “com direito” e as “sem direito”, e assim sucessivamente (Foucault, 1996).

### 2.3.2 - Procedimentos internos dos discursos

As rarefações do discurso em sua forma interna, ou os "princípios de rarefação dos discursos", são ferramentas discursivas usadas para autocontrole, e, por isso, Michel Foucault na obra “A Ordem do Discurso” (1996) salienta que são internas ao discurso. O “comentário<sup>36</sup>” é o ato de transmitir de forma fidedigna o conteúdo do enunciado original, respeitando a obediência que preserva essa narrativa primeira e anulando outras formas de anunciação. Isso produz os “comentaristas”. O segundo efeito rarefeito surge muito imbricado com o próprio nome do “autor<sup>37</sup>”, chamado por Foucault de “unidade de origem de significações”, porque é o autor que chancela o discurso e o discurso que chancela o autor. Por exemplo, quando alguém cita “Foucault”, várias significações sobre o discurso do

<sup>36</sup> “O comentário não tem um papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito” (Foucault, 1996, p. 25).

<sup>37</sup> “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupar do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (Foucault, 1996, p. 26).

autor surgem em nossas mentes, pois existe uma coerência em tudo aquilo que o autor representa, prendendo-o nesse conjunto de signos que o "impedem" de mudar e se transformar em outros discursos. Essa burocracia define quem é o autor e gera duas consequências: a "autoridade" do autor e a "identidade" de quem ele é.

O terceiro tipo de rarefação discursiva refere-se à organização dos discursos em "disciplinas"<sup>38</sup>, que classificam os enunciados em categorias específicas (como geografia, sociologia, antropologia, etc.), limitando sua produção e circulação por meio de regras e normas que regem cada campo de estudo. Foucault utiliza o exemplo do monge Gregor Johann Mendel<sup>39</sup> para ilustrar como as restrições disciplinares podem moldar o discurso, impedindo a produção de novos conhecimentos que não se enquadram nas normas estabelecidas. O autor descreve que por "muitas vezes se perguntava como os botânicos ou os biólogos do século XIX puderam não ver que o que Mendel dizia era verdade" (Foucault, 1996, p. 34). O discurso de Mendel, que falava sobre objetos, métodos e teorias estranhos à biologia de sua época, não foi aceito pela comunidade científica em sua época, sendo somente reconhecido anos depois. Isso demonstra como as disciplinas podem funcionar como um controle interno, selecionando, estudando, testando e aprovando o discurso antes de categorizá-lo e rotulá-lo com um nome específico, como "teoria da relatividade" ou "teoria da evolução". No entanto, essa burocratização do discurso pode resultar em uma perda de sua potência criativa e em um efeito rarefeito. Foucault, como um autor que transita por diferentes campos de estudo, não se enquadra facilmente em uma única disciplina, ilustrando a complexidade e a dificuldade de definir e categorizar o discurso de forma restrita.

A rarefação dos discursos pode ter implicações significativas na construção da subjetividade. Quando um discurso é suprimido ou excluído, ele deixa de ser uma fonte de identidade e referência para aqueles que o compartilham. Isso pode levar à fragmentação da comunidade e à perda de um senso de pertencimento. A subjetividade não é, portanto, uma essência individual e natural, mas uma produção cultural e política, influenciada por normas, valores e formas de controle social. Assim, para Foucault, a subjetividade não é um dado ou uma condição

---

<sup>38</sup> "Em uma disciplina, diferentemente do comentário, o que é suposto no ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, mas uma identidade que deve ser repetida, é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados" (Foucault, 1996, p. 30).

<sup>39</sup> Gregor Johann Mendel realizou estudos sobre hereditariedade usando ervilhas, os quais formaram, mais tarde, a base do que é conhecido como genética.

pré-existente, mas uma construção forjada em processos discursivos e em relações de poder que moldam e regulam os modos de ser, pensar e agir dos indivíduos. A subjetividade é, portanto, um efeito do poder, que age sobre os corpos e os modos de vida dos indivíduos, moldando seus desejos, pensamentos e comportamentos (Foucault, 1996, 1999, 2014).

No escopo de "A Ordem do Discurso", Michel Foucault empreende a análise do conceito de "sociedade do discurso" enquanto uma matriz interpretativa destinada à apreensão dos modos nos quais as estruturas de poder manifestam sua influência por meio do processo de elaboração, controle e normatização dos discursos entrelaçados no tecido social. A mencionada obra se configura como a transcrição de uma palestra ministrada por Foucault em 1970 no *Collège de France*, constituindo um esforço de desdobramento da dinâmica pela qual o poder se insinua através da regulação discursiva e das práticas a ele inerentes (Foucault, 1996).

Nesse ínterim, o dispositivo, como delineado por Foucault, emerge enquanto uma tessitura de elementos de natureza heterogênea, englobando tanto componentes discursivos quanto não discursivos, intrincadamente entrelaçados em um arranjo complexo de inter-relações. Esta estrutura amalgamada incorpora discursos, práticas, instituições, tecnologias e outras manifestações concernentes à produção e à disseminação de significados e informações. Crucialmente, o dispositivo se configura como uma configuração que invariavelmente se insere nas malhas das relações de poder, acarretando implicações de cunho político e social em sua gênese e funcionamento (Da Silva Medeiros, 2019).

O *algoritmo*, enquanto dispositivo, desempenha um papel de significativa relevância no contexto da pandemia, particularmente no que diz respeito à necessidade imperativa de adesão das pessoas às medidas de proteção contra o vírus. O Plano de Operacionalização Nacional da vacinação contra a COVID-19 emerge como um documento que concretiza os discursos socialmente pertinentes, elaborados para direcionar as diretrizes discursivas relativas à imunização. No entanto, apesar dessa iniciativa contemplar as redes sociais como um meio de disseminação de informações que visam dissipar quaisquer dúvidas quanto à importância e eficácia das vacinas, foi observado, através da análise metodológica desta pesquisa, a persistência de discursos digitais nas redes sociais contrários às orientações estabelecidas no mencionado Plano (Ministério da Saúde, 2021).

Na obra "A Ordem do Discurso" de Michel Foucault, o autor realiza uma minuciosa análise da complexa relação entre linguagem, poder, verdade e produção discursiva, fornecendo um referencial teórico de imenso valor para a compreensão do impacto dos *algoritmos* na configuração da experiência dos usuários nas atuais plataformas digitais. Entre os conceitos fundamentais explorados por Foucault, destaca-se o de "regimes de verdade", que engloba conjuntos de afirmações consideradas verídicas em contextos específicos. Sob essa perspectiva, os vastos volumes de dados provenientes do *Big Data*<sup>40</sup> nas redes sociais constituem uma matéria-prima relevante para aprimorar a eficácia das campanhas de marketing, delineadas no plano de vacinação contra a COVID-19 (Foucault, 1996; Ministério da Saúde, 2021).

Para compreender como funcionam esses dados, podemos, analogamente, considerar as redes digitais como um cenário assemelhado a um cinema, onde os "cookies"<sup>41</sup> atuam como agentes que coletam dados sobre as preferências dos usuários. Isso pode resultar em informações que indicam que as pessoas tendem a manifestar o desejo de consumir refrigerantes quando estão com sede. Nesse contexto, podemos conjecturar que uma empresa de marketing, em vez de simplesmente aumentar seus investimentos em publicidade para impulsionar as vendas de refrigerantes, poderia recomendar ao diretor do cinema a instalação de sistemas de ar-condicionado para elevar a temperatura das salas, com o intuito de induzir o público a sentir calor e, conseqüentemente, desenvolver um desejo por refrigerantes. Essa ilustração, inspirada nas apresentações de Brittany Kaiser (2020) sobre a empresa *Cambridge Analytica*, no livro intitulado "Manipulados: Como a *Cambridge Analytica* e o Facebook Invadiram a Privacidade de Milhões e Botaram a Democracia em Xeque", demonstra como o conhecimento adquirido a partir da análise de dados digitais, relacionados às preferências e comportamentos dos usuários, pode ser aplicado estrategicamente para influenciar o consumo de produtos ou serviços específicos. A obra descreve a atuação da empresa na campanha eleitoral de 2016 nos Estados Unidos e no *Brexit*. O ponto de reflexão

---

<sup>40</sup> *Big Data* é uma vasta coleção de informações pessoais e comportamentais coletadas a partir de diversas fontes, como redes sociais, transações financeiras, históricos de navegação na internet e outras fontes de dados digitais. Esses dados são frequentemente usados para análises e tomada de decisões em campos que vão desde o marketing até a política, visando compreender e influenciar o comportamento das pessoas.

<sup>41</sup> Pequenos fragmentos de dados trocados entre o computador de um usuário e um servidor *web*.

que emerge desse contexto é o seguinte: “A solução, [...] não está no anúncio. ‘A solução está na plateia’” (Kaiser, 2020, p. 54).

Na sua obra, Michel Foucault empreende uma análise das formas pelas quais as instituições sociais estabelecem regras e normas para regular o discurso, influenciando quem detém autoridade para falar e os limites do que pode ser enunciado (Foucault, 1996). Este controle discursivo encontra paralelos notáveis nas plataformas de redes sociais, onde os *algoritmos* desempenham um papel crucial ao determinar quais conteúdos são apresentados nos *feeds* de notícias dos usuários, exercendo um impacto direto na visibilidade de informações e opiniões. A noção de "bolha de filtros," conforme discutida por Eli Pariser (2012), ilustra vividamente esse fenômeno, no qual *algoritmos* imperceptíveis direcionam os usuários para fontes de notícias que estejam alinhadas com suas preferências políticas, muitas vezes sem que estejam plenamente cientes desse direcionamento. Isso torna um desafio para os usuários avaliarem o grau de imparcialidade das informações que consomem, sublinhando como dispositivos de poder, como os *algoritmos*, exercem influência na formação de opinião e na percepção da realidade dentro das plataformas digitais, e na formação de bolhas de filtros.

A bolha de filtros identificada por Pariser (2012) possui três características distintivas. Primeiramente, dentro dessa bolha, os indivíduos estão isolados, diferentemente de canais de TV a cabo que abordam tópicos específicos, nos quais os espectadores compartilham um ponto de referência comum. Na bolha de filtros, cada pessoa se encontra em uma bolha individual, o que tem implicações profundas em um contexto onde a partilha de informações é fundamental para a construção da experiência coletiva. Em segundo lugar, a bolha de filtros opera de forma invisível. Os espectadores de fontes de notícias conservadoras ou progressistas geralmente estão cientes de que estão consumindo conteúdo com uma inclinação política específica. No entanto, as operações dos *algoritmos*, como as do *Google*, não são transparentes. O *Google* não divulga os critérios pelos quais determina quais resultados apresentar a cada usuário. Os usuários podem não estar conscientes das suposições que a plataforma faz sobre eles, criando um ambiente onde é difícil avaliar a parcialidade das informações. Por fim, os usuários não escolhem entrar na bolha de filtros. Ao assistir a um canal de notícias ou ler um jornal, fazemos uma escolha ativa em relação ao filtro que utilizamos para acessar informações. No entanto, não fazemos essa escolha quando se trata de filtros personalizados

aplicados automaticamente nas plataformas digitais. Eles são impostos aos usuários e, como são a base dos lucros das empresas que os utilizam, torna-se cada vez mais desafiador evitá-los (Pariser, 2012).

A bolha de filtro é alimentada pelos *algoritmos*, cuja presença remonta antes da popularidade dos computadores e que, com o avanço tecnológico, apresentam uma variedade crescente de *algoritmos* cada vez mais sofisticados. No campo da ciência da computação, os *algoritmos* desempenham um papel de fundamental importância, comparável à centralidade do coração para a manutenção do sistema vital humano. Podemos conceber, em termos gerais, que “um *algoritmo* é qualquer procedimento computacional bem definido que toma algum valor ou conjunto de valores como entrada e produz algum valor ou conjunto de valores como saída” (Cormen et al., 2012, p. 17). Dessa forma, torna-se evidente que os algoritmos representam uma série de etapas computacionais que transformam a experiência de navegação na internet, proporcionando um terreno fértil para diversas técnicas de filtragem e ferramentas de análise padronizadas (Cormen et al., 2012).

O controle discursivo, conforme delineado por Michel Foucault em suas análises, emerge como um elemento central na investigação das dinâmicas sociais e de poder relacionadas à produção de discursos (Foucault, 1996). Este conceito conserva sua relevância contemporânea, como ilustrado na obra "*Algoritmos de Destruição em Massa*" de Catherine O'Neil (2021), na qual a autora explora como os *algoritmos*, frequentemente concebidos por empresas de tecnologia, desempenham um papel ativo na influência exercida sobre o discurso nas plataformas digitais. Em consonância com a análise foucaultiana, a autora ressalta como as instituições por trás das redes sociais exercem um controle sobre o discurso *online*, que transcende a mera formulação de regras e normas para a expressão verbal, envolvendo também a censura de conteúdo e a manipulação das narrativas circulantes. É importante salientar que tal controle discursivo frequentemente encontra motivação em interesses comerciais e políticos, tendo o poder de moldar a percepção pública e a disseminação de informações. Estas dinâmicas acarretam profundas implicações para a esfera pública e para a democracia contemporânea (O'Neil, 2021).

A previsibilidade inerente à programação dos *algoritmos* tem contribuído para a compreensão da previsibilidade das ações humanas, o que é uma das preocupações centrais da cientista de dados Cathy O'Neil (2021). A autora contempla as consequências da dependência em modelos matemáticos na

conformação dos recursos socioeconômicos, como uma dependência que não apenas está profundamente enraizada em questões globais, mas também as perpétuas. Segundo O'Neil, isto se torna evidente na crise financeira de 2008, que teve origem na falência de um banco de investimento tradicional nos Estados Unidos, desencadeando um efeito dominó que afetou outras instituições financeiras. A matemática está sendo amalgamada com a tecnologia para proporcionar eficiência em larga escala a sistemas intrinsecamente falhos. Conforme O'Neil aponta, “*petabytes*<sup>42</sup> de dados eram processados 24 horas por dia, 7 dias por semana, muitos deles obtidos de redes sociais ou *sites* de comércio eletrônico”. Além disso, a autora destaca que os *algoritmos* podem representar um perigo à democracia, como exemplo, ela cita a manipulação de eleições mediante publicidade altamente direcionada (O'Neil, 2021).

Foucault ressalta que o discurso transcende sua mera função de expressão e assume um papel crucial como uma prática social permeada por dinâmicas de poder (Foucault, 1996). No contexto das redes sociais, essa perspectiva foucaultiana torna-se notavelmente evidente. As interações *online* são profundamente influenciadas por relações de poder que se manifestam por meio de práticas, como a moderação de conteúdo e o uso de *algoritmos* que privilegiam determinados tipos de informações, moldando, assim, as conversas e interações dos usuários. Um exemplo ilustrativo dessa dinâmica pode ser encontrado na figura de Beppe Grillo, um comediante italiano que enfrentou consequências políticas devido ao conteúdo de suas piadas de teor político. Em 1986, Grillo foi demitido da emissora pública *Radio Audizioni Italiane (RAI)* devido a esse motivo. Essa demissão marcou o início de uma transição significativa em sua carreira, na qual ele se tornaria um sucesso nos teatros e salões de espetáculos. Durante esse período, Grillo começou a abordar questões públicas, política e o poder das grandes empresas que exerciam influência sobre o país.

No entanto, a trajetória de Grillo teve uma reviravolta quando ele conheceu Gianroberto Casaleggio, um empresário focado em comunicação digital. Juntos, eles fundaram o Movimento 5 Estrelas (M5S), reconhecendo o potencial transformador da internet na esfera política, baseando-se nas preferências dos

---

<sup>42</sup> Um *petabyte* é uma unidade de armazenamento que tem o símbolo PB, e igual a 1024 terabytes = 1, 125, 899, 906, 842, 624 bytes. Um terabyte, é claro, é de 1024 Gigabytes. 1 Gigabyte = 1024 Megabytes.

eleitores-consumidores. O M5S ofereceu uma plataforma política que prometia respostas ágeis às demandas políticas, contrastando com a tradicional burocracia dos partidos políticos. Casaleggio enfatizou que o cerne dessa abordagem não residia exclusivamente na política, mas, sim, na formação da opinião pública. Reconhecendo a necessidade de elementos emocionais e humanos na comunicação *online*, Casaleggio e Grillo combinaram efetivamente a irreverência de Grillo com *algoritmos*, criando um movimento político, caracterizado por uma "combinação inédita" de populismo tradicional e tecnologia (Empoli, 2021).

O M5S iniciou suas atividades como um *blog* de Grillo, rapidamente ganhando apoio por toda a Itália, aproveitando a plataforma de comunicação digital *Meetup* para organizar encontros e discussões. A mensagem fundamental do movimento era a de que a política não deveria ser um domínio exclusivo dos partidos tradicionais, e a participação cidadã poderia ocorrer a qualquer momento, inclusive por meio do *blog*. O *site* de Grillo alcançou um marco significativo em 2007, com um milhão de comentários, e, em 2009, o M5S foi oficialmente estabelecido. A plataforma digital "Rousseau" foi criada para promover a participação direta dos cidadãos na política, embora essa visão divergisse da elite do movimento, que via a internet como uma ferramenta de controle. A estratégia do M5S envolveu a produção de informações voltadas para a viralização nas redes sociais, com títulos sensacionalistas projetados para atrair cliques e gerar discussões, aumentando, assim, a visibilidade do movimento. Nas eleições de 2013, o M5S emergiu como o partido mais votado na Itália, conquistando quase 9 milhões de votos. Após a eleição, optaram por permanecer na oposição e não adotar um papel tradicional na política, considerando seus parlamentares como meros instrumentos do programa do movimento (Empoli, 2021).

Por fim, Michel Foucault argumenta que o conhecimento e o poder estão intrinsecamente ligados, uma vez que o controle sobre o conhecimento confere poder sobre os outros (Dreyfus; Rabinow, 1995). Nas redes sociais contemporâneas, essa relação entre conhecimento e poder se manifesta de maneira notável, com os *algoritmos* desempenhando um importante papel na disseminação seletiva de informações e desinformação, influenciando, assim, a opinião pública ao determinar quais informações são amplamente compartilhadas. No contexto específico da ascensão do M5S na Itália, a trajetória de Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio exemplifica como a tecnologia digital e as redes sociais podem ser exploradas para



moldar a política e a opinião pública. Em 26 de janeiro de 2005, após um acordo entre Grillo e Casaleggio, o *blog* de Grillo, hospedado no domínio *beppegrillo.it*, se tornou rapidamente um fenômeno de acessos. A peculiaridade desse *blog* residia na colaboração dos usuários, onde os dez comentários mais promissores eram selecionados e apresentados a Casaleggio, que então os utilizava como base para escrever o *post* do dia. A estratégia era criar a ilusão de que Grillo era o autor dos *posts*, mobilizando internautas para se organizarem em grupos de apoiadores.

O confronto entre a política digital e o *establishment* político desencadeou um choque significativo. As mídias tradicionais passaram a destacar Grillo, buscando compreender esse fenômeno emergente. Casaleggio estabeleceu relações com Antonio Di Pietro, líder da Operação Mãos Limpas e fundador de seu próprio partido, alinhado com a centro-esquerda. No entanto, essa trajetória apresentou uma ambiguidade notável. Para a base de militantes, a internet simbolizava a participação e a democracia, enquanto para a elite do M5S, representada pela "diarquia" Casaleggio/Grillo, a internet era vista como um instrumento de controle e uma fonte de dados valiosos para fins comerciais e políticos. A plataforma digital "Rousseau" foi fundamental nesse contexto (El País, 2022), promovendo a ideia de um estado social legítimo, que segundo o grupo fora teorizado por Jean-Jacques Rousseau<sup>43</sup>. Davide Casaleggio, filho de Gianroberto Casaleggio, desempenhou um papel importante na elaboração da arquitetura organizacional do M5S, usando uma analogia com formigas para explicar a dinâmica das redes sociais, ele explica que a ideia era que as redes sociais funcionassem como um ecossistema auto-organizado, igual a um formigueiro, onde cada participante seguia regras semelhantes às formigas, mas sem consciência do sistema na totalidade. Aqueles que se desviavam eram rapidamente eliminados. Essa estrutura permitiu a coleta eficiente de informações e a coordenação das ações do projeto (Empoli, 2021).

---

<sup>43</sup> Filósofo do século XVII Jean-Jacques Rousseau. Esse intelectual buscou compreender qual seria a origem da desigualdade entre os homens e se ela estaria conforme as leis naturais. Em 1762, o autor apresenta a obra intitulada "O Contrato Social", que consiste em um tratado teórico afirmando que a soberania emana apenas do povo e pertence somente a ele, nunca devendo recair nas mãos de um único indivíduo ou de qualquer minoria social. A obra defende uma república democrática na qual o poder executivo seja confiado àqueles que respeitem a vontade geral, com o propósito exclusivo de promover o bem comum (Rousseau, 2010).

## 2.4 - Ética Digital

Assim como Michel Foucault, a linguista francesa Marie-Anne Paveau também se aproxima da abordagem sobre as formas de poder presente nas práticas discursivas. Em seu texto "*Éthique du discours numérique*" (2016), a autora enfatiza a importância da responsabilidade dos emissores na comunicação *online* por conta da relação de efeito causal de suas palavras e ações na sociedade e nos indivíduos. A autora argumenta que o processo de massificação da comunicação virtual afetou a integridade discursiva de várias maneiras, portanto, apresenta a necessidade de se debater uma ética do discurso digital (Paveau, 2016).

A Análise do Discurso, uma vertente da Linguística na qual Paveau está inserida, visa primordialmente a descrição das práticas sociais e a investigação de como essas práticas se manifestam nas manifestações linguísticas. Essa análise desempenha um papel de relevância notável ao influenciar diversas camadas da sociedade. No entanto, as interações ocorridas nos meios de comunicação digitais demonstram ser altamente produtivas e instigantes, gerando uma multiplicidade de interesses e reflexões sobre as formas pelas quais os discursos são disseminados no contexto do ambiente digital nativo (Soares; Martins, 2020).

Marie-Anne Paveau destaca que a construção discursiva foi abruptamente alterada durante a pandemia da COVID-19 no mundo todo, especialmente no início do primeiro semestre de 2020. A principal consequência foi o aumento das práticas linguísticas mediadas pela tecnologia digital, devido ao isolamento social. No entanto, essas mudanças também trouxeram desafios, como a politização das narrativas digitais por meio de memes, *posts* criativos e a linguagem de ódio nas redes sociais. A autora ressalta que a linguagem e os discursos desempenharam um papel fundamental na forma como as pessoas perceberam e lidaram com a pandemia. Por isso, é essencial que a comunidade científica busque preservar o discurso, a fim de evitar a disseminação de *fake news* que minimizem ou exagerem na gravidade da pandemia, ou que culpem grupos ou indivíduos pela propagação do vírus (Paveau, 2020).

A autora aborda o fenômeno das *fake news* sob a perspectiva do uso de pseudônimos *online* e seu impacto na veracidade das informações compartilhadas. Paveau (2016) destaca que as novas formas de comunicação *online* tornam mais difícil a verificação da veracidade das informações compartilhadas, o que pode levar

à disseminação de desinformação (Paveau, 2016). Este fenômeno se tornou tão preeminente que a palavra "pós-verdade"<sup>44</sup> foi eleita a "Palavra do Ano" em 2016 pelo *Oxford Dictionaries* (2022). Esta escolha ressalta as circunstâncias em que fatos objetivos exercem menos influência na formação da opinião pública do que apelos emocionais e crenças pessoais (D'Ancona, 2018; Oxford Learner's Dictionaries, 2022).

A relevância do termo "pós-verdade" ganha destaque quando se examinam dois acontecimentos políticos significativos ocorridos no mesmo ano. Em 2016, Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos, e o referendo que resultou na saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido como "Brexit", também ocorreu (Nexo Jornal, 2022). Nesse contexto, a influente revista britânica "*The Economist*" categorizou Donald Trump como um proeminente defensor da "política de pós-verdade" em setembro do mesmo ano. Isso se referia à sua abordagem política, caracterizada por argumentos e discursos distantes da verdade factual. Essa abordagem era percebida pelo grande público como uma demonstração de sua disposição em confrontar o *establishment* político, em vez de ser vista como uma conduta passível de punição (The Economist, 2022).

Matthew D'Ancona, em seu livro "Pós-Verdade: A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de *Fake News*" (2018), delinea o conceito de pós-verdade como um fenômeno em que os fatos objetivos exercem uma influência substancialmente diminuída na moldagem da opinião pública, quando comparados aos apelos à emoção, crenças e ideologias. Nesse contexto, o autor explora minuciosamente como a desinformação política e a manipulação deliberada podem impactar profundamente a sociedade contemporânea. D'Ancona destaca, em particular, como as *fake news* têm a habilidade de adotar a roupagem da linguagem jornalística, a fim de adquirirem um semblante de credibilidade no intuito de nutrir um viés de confirmação<sup>45</sup>. Para o autor, a manipulação da linguagem emerge como uma das

---

<sup>44</sup> Para o autor Matthew D'Ancona, a pós-verdade se refere a um ambiente político e cultural em que os fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos emocionais e as crenças pessoais. Em outras palavras, "[...] a pós-verdade é, acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito a nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade" (D'Ancona, 2018, p. 110-111).

<sup>45</sup> "O marketing moderno de consumidor, no entanto, fornece aos políticos novos caminhos até eleitores específicos para que possam dizer a eles o que sabem que querem ouvir. Uma vez que o fazem, esses eleitores provavelmente irão aceitar a informação ao pé da letra porque ela confirma suas crenças prévias, um fenômeno que psicólogos chamam de viés de confirmação" (O'Neil, 2020).

táticas preponderantes para distorcer a realidade e exercer influência sobre a opinião pública (D'Ancona, 2018).

A pós-verdade não se resume à mentira em si, mas abrange uma complexidade maior, envolvendo a receptividade positiva do público em relação a essa desonestidade. Conforme alertado pelo autor Matthew D'Ancona, “[...] não é hora de ser otimista ou ter a confiança presunçosa de que aquilo que chamamos de pós-verdade seja apenas a última moda sobre a passarela intelectual, que desaparecerá espontaneamente na insignificância” (D'Ancona, 2018, p. 15). A pertinência dessa advertência se torna evidente quando examinamos a declaração da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) durante a pandemia da COVID-19, que caracterizou a situação como uma “infodemia”, definida como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que dificultam encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020, p. 2). Esse termo descreve a rápida e exponencial disseminação de informações relacionadas a um tópico específico, frequentemente em resposta a eventos significativos, como a pandemia em curso. Essa enxurrada de informações inclui, com frequência, rumores, *fake news* e manipulação de fatos com intenções duvidosas. A proliferação das redes sociais acentua ainda mais esse fenômeno, permitindo que tais informações se espalhem de maneira viral (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

É crucial destacar essas questões no contexto do ciberespaço e redes sociais para compreendermos a necessidade de desenvolver uma ética discursiva e relacional neste espaço. As interações *online* frequentemente envolvem a criação de relações: uma conta em uma rede social representa um espaço relacional com uma rede de conexões; uma postagem em um *blog* estabelece uma relação com possíveis leitores e comentaristas. Além disso, uma pesquisa ou compra *online* automaticamente cria conexões com outros objetos de pesquisa, ou compras, relacionados algoritmicamente. Portanto, existe uma relação intrínseca entre a ética já presente na concepção dos indivíduos e uma ética que emerge da utilização de ferramentas que promovem a criação do discurso digital. Essa concepção é sustentada por Marie-Anne Paveau com base em três temas centrais: integridade discursiva (privacidade), ajustamento discursivo (veracidade dos discursos) e decência discursiva (ciberviolência discursiva) (Paveau, 2016).

A questão da integridade discursiva sob o ângulo da privacidade é de suma importância na ética do discurso digital. A privacidade é um aspecto importante da ética do discurso digital, uma vez que a comunicação *online* pode facilmente expor informações pessoais sem o consentimento delas mesmas. Nesse sentido, a privacidade se torna uma questão complexa no ambiente de comunicação digital, pois as pessoas têm diferentes concepções do que é público e privado no digital. A autora sugere que nós deveríamos ter mais controle sobre nossas informações pessoais e sobre as informações utilizadas a nosso respeito pelas empresas de tecnologia, sendo o uso desse conteúdo mais transparente. Além disso, ela destaca a importância de educar as pessoas sobre os riscos associados à divulgação de informações pessoais *online* e sobre como proteger sua privacidade na comunicação digital.

A autora aborda a questão do ajustamento discursivo sob o ângulo da verdade dos discursos. Paveau ressalta a questão da verdade como um elemento constante nos debates sobre a ética da comunicação digital, especialmente em relação ao problema do pseudônimo e do anonimato. Isso ocorre porque existe a dificuldade de verificar a veracidade das informações compartilhadas, o que pode fomentar a disseminação de *fake news* e/ou conteúdos enganosos. Dessa forma, a autora sugere que as pessoas devem ser mais críticas em relação às informações que recebem no ambiente *online*.

Sobre a decência discursiva, a autora lança um olhar sob o ângulo da ciberviolência discursiva. Ela argumenta que a comunicação *online* pode facilmente levar à ciberviolência, definida como qualquer forma de agressão, intimidação ou *bullying* que ocorre no ambiente digital, e pode ter consequências graves para as vítimas, incluindo problemas de saúde mental e emocional. A ciberviolência pode assumir várias formas, como assédio *online*, difamação, ameaças e exposição não autorizada de informações pessoais. Para evitar esses problemas, a educação dos indivíduos sobre os riscos associados à comunicação *online* deve ser uma estratégia para prevenir a ciberviolência. Além disso, a autora sugere que as empresas de tecnologia devem ser mais proativas na prevenção da ciberviolência, desenvolvendo políticas claras contra o assédio *online* ou promovendo a remoção rápida de conteúdo ofensivo (Paveau, 2016).

A questão da liberdade de expressão no contexto do discurso digital é abordada por Paveau, que menciona ser um direito fundamental, mas que também

deve ser equilibrada com outras considerações éticas, como a privacidade e a decência discursiva. Isso pode ser aplicado ao debate sobre a regulamentação das redes sociais<sup>46</sup>, na qual a questão da liberdade de expressão é frequentemente levantada em relação ao conteúdo postado nas plataformas (Agência Brasil, 2023). A autora ressalta que, embora a liberdade de expressão seja importante, ela não é absoluta e deve ser equilibrada com a responsabilidade e ética do discurso. Nesse sentido, a regulamentação das redes sociais pode ser vista como uma tentativa de equilibrar esses valores, garantindo que a liberdade de expressão não leve a danos irreparáveis à sociedade ou a indivíduos específicos (Paveau, 2016).

A liberdade de expressão digital, então, deve ser garantida para assegurar uma ética de acesso à informação por parte de todos os cidadãos (Federal, 1988). Isso se torna especialmente relevante no contexto da campanha de comunicação para a implementação da vacinação (Ministério da Saúde, 2021), uma vez que a informação desempenha um papel crucial como medida de política pública destinada a preservar a saúde da população (Ellis, 2020). Nesse contexto, a informação transcende seu *status* meramente informativo, assumindo a condição de um conjunto de saberes essenciais que não apenas caracteriza, mas também define a sociedade contemporânea. A universalidade no acesso a essa informação revela-se de importância crítica, uma vez que tanto o acesso quanto o distanciamento desse recurso têm o potencial de acarretar implicações profundas nas esferas sociais, políticas e econômicas (Franco et al., 2019).

A cibernética, conforme definida pelo Ministério da Defesa (2015) como a área que engloba a comunicação e o controle, encontra-se, na contemporaneidade, intrinsecamente relacionada à utilização de computadores, sistemas computacionais e redes de comunicação, juntamente com sua interação (Ministério da Defesa, 2015). Portanto, é importante ressaltar que a relevância da informação transcende o escopo estratégico e militar, uma vez que os dispositivos computacionais estão disseminados pela sociedade, abrangendo diversas dimensões na sociedade

---

<sup>46</sup> O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) lançou uma consulta pública sobre a regulamentação de plataformas digitais no Brasil, visando desenvolver medidas que possam ajudar a promover um ambiente mais seguro e democrático para o uso da internet no país. A iniciativa envolve diferentes setores da sociedade, incluindo usuários da internet, no desenvolvimento de iniciativas que possam melhorar a legislação do setor, como regulação econômica, soberania digital e direitos humanos. A consulta foi lançada em meio ao debate em torno do Projeto de Lei 2.630/2020, conhecido como Lei das *Fake News*, que estabelece regras para combater a disseminação de conteúdo falso e criminoso em plataformas como *Facebook* e *Twitter*, e em serviços de mensagens privadas como *WhatsApp* e *Telegram*. O governo brasileiro está considerando criar um órgão regulador independente para supervisionar as plataformas digitais no país (Agência Brasil, 2023).

contemporânea. Ela representa um conjunto de saberes fundamentais que desempenha um papel primordial na formação das percepções da realidade e na orientação das tomadas de decisão, indo além das operações militares tradicionais focadas na atribuição das forças adversárias. A avaliação dos impactos gerados no domínio da informação demanda a consideração de diversas facetas, incluindo aquelas relacionadas à cognição e à interação social. Nesse contexto, a informação se revela como um elemento vital na sociedade contemporânea, influenciando não somente o êxito das operações militares, mas também a maneira como as decisões são concebidas e como as percepções da realidade são moldadas em uma variedade de contextos (Revista Militar, 2023).

O estudo da interrelação entre o discurso e as tecnologias digitais dispostas em sociedade, enfatiza a imprevisibilidade intrínseca ao discurso digital e o impacto dos *algoritmos* neste contexto. De acordo com Paveau, os gêneros nativos digitais possuem uma dimensão tecnodiscursiva, ou seja, são moldados e influenciados pelas tecnologias digitais que os sustentam. Contudo, a autora ressalta que os *algoritmos* desempenham um papel de destaque na estruturação do discurso digital, mas são, em última instância, produtos da ação humana. Portanto, não devem ser percebidos como determinantes absolutos do discurso. A perspectiva pós-dualista da Análise do Discurso Digital, conforme proposta por Paveau, não amplia em excesso o papel da tecnologia, destacando que a imprevisibilidade do discurso decorre da complexa interação entre a intervenção humana e os *algoritmos*. Em resumo, Paveau argumenta que a imprevisibilidade do discurso e o papel dos *algoritmos* estão intrinsecamente interligados, uma vez que os *algoritmos* influenciam os gêneros nativos digitais, mas não exercem controle absoluto sobre o conteúdo e a forma do discurso digital (Paveau, 2021).

No que tange à campanha de vacinação contra a COVID-19 nas redes sociais, este documento apresenta uma série de méritos dignos de destaque. Primeiramente, a ênfase atribuída à transparência e à publicidade denota um compromisso sólido do governo em manter a população adequadamente informada e engajada no processo de imunização, contribuindo, por conseguinte, para a consolidação da confiança pública. Adicionalmente, a abordagem que enfatiza a segurança e eficácia das vacinas, em conjunto com a referência ao histórico bem-sucedido do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Programa Nacional de

Imunizações (PNI), proporciona à população a segurança necessária para a participação ativa no programa de imunização.

Entretanto, a campanha de vacinação contra a COVID-19 nas redes sociais, carecia de detalhamento específico acerca da estratégia para combater a desinformação. Essa falta de especificidade implica dificuldades na concepção de um plano de ação eficaz, tornando desafiador enfrentar a disseminação de *fake news* e assegurar que as mensagens oficiais alcancem o público-alvo de modo claro e persuasivo. A ausência de métricas claras e de um acompanhamento adequado dificulta a avaliação do êxito na mitigação da desinformação e no estímulo à vacinação, tornando desafiador ajustar a estratégia conforme necessário. A falta de respostas específicas para enfrentar a desinformação recorrente deixa lacunas críticas na capacidade de prevenir e corrigir informações incorretas, abalando a confiança do público em um período de saúde pública de extrema relevância (Ministério da Saúde, 2021)

Desdobrando essa abordagem, a análise do discurso é respaldada por uma variedade de pressupostos teóricos e metodológicos. Isso compreende, conforme enfatizado por Foucault, de que tanto a ideologia quanto o poder estão desprovidos de neutralidade (Foucault, 1996). Essa perspectiva detém o potencial intrínseco de aprofundar a interpretação da intrincada teia de relações entre discursos e as condições de produção inerentes à nossa matriz socioideológica. Essa capacidade analítica é posta em prática mediante a investigação de inúmeros corpos textuais e suas respectivas bases de suporte, bem como das diversas camadas semânticas que fundamentam a estrutura linguística (Paveau, 2020).

A perspectiva da análise do discurso digital, elaborada por Marie-Anne Paveau como uma metodologia que “(...) implica em identificar o que é específico na transgressão dos valores de decência nos ecossistemas conectados” (Paveau, 2021, p. 61), reflete sobre o funcionamento dos discursos nativos da internet, adotando a noção de ambiente como uma alternativa crítica à de contexto. Em outras palavras, essa perspectiva focaliza a identificação das características da transgressão dos valores de decência em ambientes *online*. Paveau considera que nada pode ser pensado numa dicotomia entre objetividade e subjetividade, tornando o caráter desta relação *continuum*, ou seja, considerando todo o percurso da construção dos discursos digitais. Existem peculiaridades ao funcionamento tecnodiscursivo, que fundamentam a condição da hipertextualidade como “uma



característica estrutural dos discursos digitais que modifica sua linearidade, faz conexões entre os textos-fonte e os textos-alvo, tornando o texto aberto a outras potencialidades” (Paveau, 2021, p. 139).

Os textos hipertextuais não organizam sua materialidade igualmente a textos da oralidade e aos da escrita pré-digital, porque são harmonizados para a exibição não linear, facilitada pelos *links* que emergem de uma rede relacional imprevisível. Além disso, a tecnologia discursiva favorece uma exploração criativa de produção textual coproduzida com máquinas, de modo social e individualmente relacionada. O conjunto de elementos desponta uma espécie imprevisível de texto, denominada por Paveau como “enunciação ampliada”, em que os diálogos ganham uma ampliação intertextual, redimensionando os tipos de interações humanas pela máquina, e dela integrando as práticas discursivas.

A intensa relacionalidade dos discursos nativos da internet com a rede de relações algorítmicas confere características linguísticas inéditas, como a clicabilidade e a imprevisibilidade no plano discursivo. Paveau descreve que “o discurso digital nativo é o conjunto das produções verbais elaboradas *on-line*, independentemente dos aparelhos, das interfaces, das plataformas ou das ferramentas da escrita” (Paveau, 2021, p. 28). Portanto, a discussão dos tecnodiscursos e da análise tecnolinguística insere-se numa prática ecológica e pós-dualista<sup>47</sup> da linguística (Paveau, 2021). Neste sentido, as acepções que compõem o programa metodológico de pesquisa de Paveau possuem como pano de fundo a questão dos pré-discursos, a relação entre linguagem e moral, no que concerne às virtudes discursivas e suas proposições formuladas no âmbito da linguística popular. Para entender o complexo funcionamento do digital, mas sem prescindir da intrínseca relação entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade, Paveau atribui seis características principais aos tecnodiscursos, que definem o modo como o discurso é produzido no espaço digital da web 2.0<sup>48</sup>, sendo: 1) a composição; 2) a deslinearização; 3) a ampliação; 4) a relacionalidade; 5) a investigabilidade; e 6) a imprevisibilidade (Paveau, 2021).

---

<sup>47</sup> A concepção geral do dualista digital é marcada pelas instâncias dos discursos *on-line*, diferentes daqueles que se manifestam *offline*, como sendo dois ambientes distintos.

<sup>48</sup> A história da internet é definida pelas evoluções estruturais, marcadas por números: a *web 1.0*, desenvolvida nos anos 1990, conecta as informações e as distribui; a *web 2.0*, *web social* ou *participativa*, surgida nos anos 2000; a *web 3.0*, *web dos dados* ou *web semântica*, que imerge no início dos anos 2010, na coleta e na organização dos dados, disponibilizada graças aos metadados que privilegiam as conexões móveis; a *web 4.0*, que integraria uma dimensão conectada ao conjunto dos elementos do nosso ambiente de vida.

## 2. 5 - Considerações Finais

Para atingir o objetivo geral da pesquisa, que é identificar a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e as *fake news*, buscou-se compreender, a partir do objetivo específico deste capítulo, que a capacidade de poder dos discursos digitais em relação à percepção dos indivíduos sobre a demanda de comunicação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19 está intrinsecamente conectada à forma como esses discursos são produzidos e emergem no mundo digital, configurando-se como um poder que se origina de conhecimentos. Michel Foucault argumenta que o poder se constitui na microfísica do poder, difundida por toda a sociedade, sustentando o macro poder existente. Nesse contexto, a batalha representa de forma mais precisa as lutas das classes sociais, uma vez que exige estratégias para garantir a sobrevivência de um grupo, não mais de dentro para fora do Estado, mas partindo de um centro político para seu interior, assemelhando-se a uma guerra constante que não está pré-definida no contrato social. Como ninguém detém o poder como se detém um objeto, não existe um poder legítimo, mas sim uma busca constante por diferentes relações de poder que possam assegurar a sua perpetuação. Nesse ínterim, se o conhecimento é tido como estratégico, sempre haverá modos de violência tentando se impor sobre os demais (Foucault, 1996; 1998; 2005; 2008).

A contribuição de Michel Foucault se manifesta por meio de uma abordagem metodológica, caracterizada por uma ênfase na corporalidade como o lugar no qual as minuciosas práticas sociais, situadas em contextos específicos, mantêm conexões intrínsecas com as estruturas de poder em uma escala mais ampla (Dreyfus; Rabinow, 1995). Em sua busca pela instauração da genealogia, Foucault procura demonstrar como as relações de poder nas sociedades desempenham um papel fundamental na definição do que é percebido como verdadeiro ou falso. Dado que não existe um tribunal filosófico superior, as conclusões não derivam de uma verdade pré-existente nas relações sociais, fundada na constituição biológica. Pelo contrário, essas conclusões estão intrinsecamente vinculadas ao "estado das forças", ou seja, à dinâmica de poder predominante. O que se torna inegável é a presença de influências significativas provenientes de determinados indivíduos, grupos ou instituições que exercem uma maior influência sobre a configuração do poder estabelecido (Foucault, 1996; 1998; 2005; 2008).

A perspectiva foucaultiana revela que a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e as *fake news* transcendem a superfície e se enraíza profundamente na complexa dinâmica de poder e influência que permeia as sociedades contemporâneas (Foucault, 1996). Ao aprofundar a análise das nuances das práticas discursivas e das estruturas de poder, nossa pesquisa almeja iluminar o processo de formação, disseminação e recepção dessas narrativas, contribuindo, assim, para uma compreensão mais profunda das complexidades que envolvem a desinformação em um mundo cada vez mais digitalizado. Essa influência se manifesta de maneira palpável à medida que os discursos que abordam contextos políticos semelhantes coexistem em nossa vida cotidiana, permeando diversos níveis de interação comunicativa. Por meio de uma monitoração digital de nossas atividades, torna-se possível a organização e transformação dessas informações em ferramentas prognósticas para o futuro, resultando na emergência de uma nova forma de interação social. Entre os registros obtidos, as manifestações linguísticas desempenham um papel central. É relevante destacar que os algoritmos não são entidades tangíveis, nem conceitos diretamente vinculados às abordagens linguísticas. No entanto, assim como os *frames*, as estruturas prévias e as representações, eles se tornam elementos indispensáveis na reflexão linguística sobre os discursos nativos da internet (Paveau, 2021).

A atuação das Forças Armadas no combate à COVID-19 desempenhou um papel de suma importância no âmbito da pandemia, transcendendo sua função tradicional de defesa nacional. Ao se debruçar sobre essa participação à luz da teoria do poder de Michel Foucault, torna-se evidente que a intervenção militar em cenários de crise, como a pandemia, denota uma dinâmica de poder soberano operando em consonância com o biopoder. Nesse contexto, o Estado, enquanto detentor do monopólio legítimo da violência, mobiliza as Forças Armadas visando salvaguardar a vida e a saúde da população, impondo um controle disciplinador sobre as práticas individuais e coletivas. Essa intersecção entre os poderes soberanos do Estado e o biopoder é ilustrativa, uma vez que o Estado exerce sua autoridade com vistas à preservação da vida dos cidadãos, mediante o controle da disseminação do vírus e a coordenação de esforços nacionais para enfrentar a crise de saúde pública. Logo, a atuação das Forças Armadas no combate à COVID-19 demonstra a adaptação do poder soberano à gestão da vida, manifestando-se como uma mobilização benéfica para a implementação do plano de vacinação e

consonante com o arcabouço conceitual elaborado por Foucault em sua análise das dinâmicas de poder na sociedade contemporânea.

O *algoritmo*, enquanto dispositivo de poder, revela uma intrincada interação entre a economia política e os indivíduos, por meio dos discursos que influenciam na era digital, impactando diretamente a percepção desses indivíduos em relação à realidade. A construção narrativa desse fenômeno assume uma roupagem discursiva de caráter jornalístico, buscando adquirir uma credibilidade que, muitas vezes, é auxiliada pela atuação dos *algoritmos* (D'ancona, 2018; Kaiser, 2020; O'Neil, 2021). Isso se torna especialmente notável por meio da compreensão da existência das bolhas de filtro, conforme conceituadas por Eli Pariser (2012), e sua influência na configuração da experiência dos usuários em plataformas digitais, sobretudo nas redes sociais (Pariser, 2012). Além disso, sua capacidade de influenciar seletivamente a disseminação de informações e moldar a percepção pública é inegável. A ascensão notável do Movimento 5 Estrelas na Itália, sob a liderança de Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio, oferece um exemplo concreto de como a tecnologia digital e as redes sociais podem ser estrategicamente exploradas para desafiar o estabelecimento político, dando origem a movimentos populares influentes e moldando a opinião pública (Empoli, 2021).

A concepção de poder como uma rede que se fortalece através da interação dos indivíduos pode ser simplificada pela metáfora de um formigueiro constituído pela plataforma Rousseau do M5S, onde os participantes são anônimos em sua individualidade, encontram-se aleatoriamente e não têm consciência das características do sistema na totalidade. Esse anonimato é essencial, pois se cada formiga compreendesse integralmente o funcionamento do formigueiro, surgiriam disputas pelo acesso aos melhores e menos cansativos postos, resultando em problemas de coordenação (Empoli, 2021). Nesse contexto, os *algoritmos* desempenham um papel crucial na geração de conteúdo escrito e na condução das atividades de leitura, fundamentando-se nas pegadas digitais dos usuários da internet. Cada indivíduo constrói uma rede personalizada que a análise do discurso não consegue mais transformar em um formato textual tradicional, como uma página de jornal ou um trecho de livro. Essa personalização da experiência na internet é notável, exemplificada pelos resultados divergentes fornecidos pelos motores de busca, que variam conforme o histórico de atividades de cada usuário, e pelos anúncios veiculados nas páginas, cuja seleção também se baseia nos padrões de

navegação individuais. Portanto, os algoritmos, ao moldar essa experiência digital altamente personalizada, evidenciam o poder nas interações anônimas e complexas que ocorrem na era digital (Paveau, 2021).

A compreensão da relação entre as narrativas discursivas sobre a vacina contra a COVID-19 e o compartilhamento de *fake news* nas redes sociais vai além da ideia de que os *algoritmos* servem como intermediários entre os discursos e os internautas, no sentido de que esses *algoritmos* contribuem para a existência de espaços biopolíticos que “moldam e controlam” a mente dos indivíduos. A teoria de Michel Foucault revela uma nova configuração do panóptico com o advento da internet e seus dispositivos de controle, gerando um poder que não visa meramente proibir, mas sim incentivar determinados comportamentos canalizados mediante comandos pré-estabelecidos nos espaços virtuais. A arquitetura do panóptico, caracterizada pela centralização do olhar e vigilância constante, é reconfigurada na era digital, em que indivíduos são expostos a uma rede onipresente de vigilância que transcende as barreiras físicas. Através da manipulação dos *algoritmos* e da coleta de dados pessoais, as instituições e empresas são capazes de direcionar e influenciar comportamentos, moldando a conduta dos sujeitos segundo os objetivos de controle e lucro. Assim, o panóptico na era da internet assume uma forma mais sutil e persuasiva, exercendo um poder disciplinar que incita a adesão voluntária a padrões pré-determinados de comportamento, reforçando a necessidade de reflexão crítica sobre a relação entre “tecnologia”, “poder” e “liberdade”.

O poder não é uma fonte neutra, mas um condutor de conhecimento. Por isso, a guerra não se limita à violência explícita, como a guerra armada ou a violência policial, mas é uma prática discursiva que cria e mantém relações de poder assimétricas entre diferentes grupos sociais, fazendo com que os indivíduos interajam com ele. Essa concepção de guerra afasta-se do conceito clássico de Clausewitz. Segundo Foucault (2005), a violência não se resume a uma forma de coerção física ou de intimidação, mas representa uma manifestação do poder em diversos níveis e instituições sociais. O que está em disputa, portanto, é a materialização discursiva desse poder (Foucault, 2005).

Diante da significativa relevância do discurso enquanto uma manifestação do poder, cuja materialização ocorre por meio do dispositivo discursivo, torna-se manifesta a influência dos algoritmos nas redes sociais, conforme enfatizado pelo autor Jackson da Silva Medeiros, em sua obra de 2019. Estes *algoritmos*

desempenham um papel de poder distribuído e descentralizado, exercendo um impacto substancial na modelagem das relações sociais e na produção de "efeitos de verdade" que reforçam o discurso, como delineado na teoria da rarefação discursiva (Da Silva Medeiros, 2019). A participação das tecnologias de dados e dos *algoritmos* na perpetuação das desigualdades e injustiças sociais é inegável, uma vez que podem ser empregados de maneira opaca e tendenciosa para tomar decisões que influenciam diretamente a vida das pessoas. Nesse contexto, é cabível caracterizar tais algoritmos como "armas de destruição" quando empregados com o propósito de prejudicar indivíduos e comunidades (O'Neil, 2021). A utilização desses recursos tecnológicos com essa finalidade possibilita, assim, a concretização das práticas de necropolítica, conforme conceituadas por Achille Mbembe em sua obra de 2018.

A imprevisibilidade que permeia o campo discursivo do ciberespaço está intrinsecamente relacionada às novas modalidades de interação com os discursos e à construção discursiva facilitada por este espaço, que permite a criação de discursos conformados como produtos que corroboram com os vieses de confirmação. Nesse sentido, as práticas discursivas digitais desencadeiam uma transformação fundamental em nossa relação com os discursos e na nossa concepção de verdade. Neste contexto, emergem os discursos anticientíficos como uma expressão do poder que se manifesta mediante práticas discursivas que questionam ou negam a validade do conhecimento científico estabelecido, almejando adquirir um "*status* de verdade". Tais práticas são promovidas por indivíduos ou grupos com interesses políticos, econômicos ou ideológicos específicos, e disseminadas amplamente por meio de diferentes canais de comunicação, incluindo as redes sociais.

## CAPÍTULO 3 - NOMENCLATURA E METODOLOGIA

### 3.1 - Introdução

Para compreender a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e a disseminação de *fake news*, é essencial adentrar no ambiente cibernético no qual esse fenômeno se manifesta. Essa compreensão implica o reconhecimento de sua intrincada interconexão na seara da Revolução em Assuntos Militares (RAM), bem como a apreciação das atividades de inteligência e espionagem que se desdobram neste cenário, sobretudo em relação à terceira camada do ciberespaço, conhecida como *peopleware*, desencadeando implicações para além das fronteiras físicas (ponto 3.2). O objetivo deste capítulo é discorrer sobre enquadramento discursivo das *fake news* relacionadas à narrativa da vacina contra a COVID-19. Este exame é fundamentado na perspectiva de que a sociedade do discurso, como delineada pela teoria de Michel Foucault, demonstra uma expansão significativa ao penetrar os domínios virtuais, onde os *algoritmos* desempenham o papel de dispositivos de poder que moldam as relações individuais com as narrativas emergentes. Isso, por sua vez, resulta na emergência de novos fenômenos e terminologias, tais como pós-verdade e infodemia, que destacam a peculiaridade das diversas maneiras pelas quais as narrativas relacionadas a esse fenômeno são moldadas. Essas abordagens são exploradas através da tipologia da "Matriz das *Fake News*" (Tabela 2). Adicionalmente, estas narrativas alimentam o viés de confirmação nas mentes individuais (ponto 3.3). A aplicação da metodologia (ponto 3.4) permitiu identificar a presença de um *corpus* narrativo anticientífico em cada uma das *fake news* analisadas (ponto 3.4.1 ao ponto 3.4.20) que podem ser categorizadas como tecnodiscursos, conforme a abordagem proposta por Marie-Anne Paveau (ponto 3.4.8). Como resultado dessa análise, emergiram consequências de grande importância, destacando o impacto adverso das *fake news* na sociedade: a disseminação de desinformação e a diminuição da confiança nas instituições. A análise da hipertextualidade em todas as *fake news* revelam uma relação intrínseca entre as produções textuais e a internet, que possui um potencial

significativo para influenciar a comunicação relacionada ao plano de imunização (ponto 3.5).

### **3.2 - Espionagem Digital e Vigilância através do Ciberespaço**

O cenário digital introduziu novas dinâmicas sociais, promovendo reconfigurações contínuas nos domínios da economia, tecnologia, relações sociais e na subjetividade dos indivíduos. A compreensão dessas transformações pressupõe uma intrínseca inter-relação com os processos de produção, sendo influenciada pelo paradigma econômico e pela presença de tecnologias de comunicação. A materialização dessa influência ocorre por meio de dispositivos tecnológicos, que proporcionam um determinado grau de controle sobre as interações sociais e econômicas. Destaca-se, ademais, uma percepção arraigada na neutralidade desses dispositivos, evidenciada pela confiança na possibilidade de uma relação direta entre produtores e consumidores de informação (Medeiros, 2020).

As transformações tecnológicas perpassam todo o âmbito institucional, conforme delineado no Livro Branco de Defesa Nacional (2012), cujo propósito reside na promoção de mecanismos que viabilizem a conferência de previsibilidade, estabilidade e perenidade aos projetos de equipamento e desenvolvimento tecnológico das Forças Armadas, trazendo consigo a Revolução em Assuntos Militares<sup>49</sup> (RAM). A efetividade de um processo de transformação está diretamente relacionada à capacidade de aquisição e aplicação de tecnologia de ponta nas fases de pesquisa e desenvolvimento de novos sistemas de armas e plataformas. Este processo, de natureza prolongada, pode estender-se por um período superior a 20 anos. As mudanças exigem a formulação de novas doutrinas de emprego das tropas, com o intuito de aprimorar a prontidão das forças militares para atuação em ambientes operacionais multifacetados (Ministério da Defesa, 2012).

Conforme explicitado na Política Nacional de Defesa (PND) e na Estratégia Nacional de Defesa (END) (2023), é imperativo direcionar atenção especial à segurança e defesa do ciberespaço brasileiro. Estas medidas desempenham um papel crucial na garantia do funcionamento dos sistemas de informações, gestão e

---

<sup>49</sup> "Grande mudança na natureza da guerra, resultante do emprego de novas tecnologias. O conceito engloba modificações na doutrina, no emprego operacional e na estrutura de organizações militares" (Ministério da Defesa, 2012, p.265).



comunicações de interesse nacional, demandando uma elevada magnitude de segurança e defesa nos sistemas computacionais. Os setores tecnológicos identificados como estratégicos, entre eles o cibernético, transcendem as dicotomias entre desenvolvimento e defesa, civil e militar. Nesse contexto, assume importância primordial a capacitação abrangente do país, proporcionando ao Poder Nacional a flexibilidade de adaptação às circunstâncias, explorando plenamente o potencial de emprego dessas capacidades.

No âmbito do Setor Cibernético, as capacitações são dirigidas ao amplo espectro de aplicação da tecnologia dual<sup>50</sup>, incluindo tecnologias de comunicação entre as unidades das Forças Armadas para assegurar a interoperabilidade e a habilidade de atuar de maneira integrada e segura. Esta condição implica no aprimoramento da Segurança da Informação e das Comunicações, além da Segurança Cibernética<sup>51</sup> e Defesa Cibernética<sup>52</sup>, em todas as instâncias do Estado, com especial ênfase na salvaguarda das Infraestruturas Críticas<sup>53</sup> (Ministério da Defesa, 2023c). Para o Ministério da Defesa (2015), o ciberespaço engloba os campos da comunicação e controle, atualmente vinculados à utilização de computadores, sistemas computacionais, redes de computadores e comunicações, bem como à sua interação. No âmbito da Defesa Nacional, engloba os recursos de tecnologia da informação e comunicações de cunho estratégico, incluindo aqueles que constituem o Sistema Militar de Comando e Controle (SISMC2), os sistemas de armas e vigilância, bem como os sistemas administrativos que podem impactar as atividades operacionais (Ministério da Defesa, 2015).

Para empreendermos a relação entre as narrativas discursivas sobre a vacina contra a COVID-19 e o compartilhamento de *fake news* nas redes sociais, é imperativo compreender as demandas das tecnologias duais que emergem neste campo. A relação intrínseca entre a Revolução em Assuntos Militares e o

---

<sup>50</sup> "Refere-se a descobertas inicialmente destinadas a aplicações na área militar, tendo sua base tecnológica aproveitada para utilizações na área civil" (Ministério da Defesa, 2012, p. 265).

<sup>51</sup> "Arte de assegurar a existência e a continuidade da sociedade da informação de uma nação, garantindo e protegendo, no Espaço Cibernético, seus ativos de informação e suas infraestruturas críticas" (Ministério da Defesa, 2015, p. 249).

<sup>52</sup> "Conjunto de ações ofensivas, defensivas e exploratórias, realizadas no Espaço Cibernético, no contexto de um planejamento nacional de nível estratégico, coordenado e integrado pelo Ministério da Defesa, com as finalidades de proteger os sistemas de informação de interesse da Defesa Nacional, obter dados para a produção de conhecimento de Inteligência e comprometer os sistemas de informação do oponente" (Ministério da Defesa, 2015, p. 285).

<sup>53</sup> "Infraestrutura Crítica da Informação - Subconjunto dos ativos de informação que afetam diretamente a consecução e a continuidade da missão do Estado e a segurança da sociedade" (Ministério da Defesa, 2015, p. 147).

ciberespaço reside na percepção deste último como um novo domínio que se predispõe a atividades de inteligência e espionagem<sup>54</sup>, com potencial aplicação em contextos de conflito. No âmbito dos estados estratégicos, os preceitos da teoria da guerra de Clausewitz e os debates pertinentes à Revolução em Assuntos Militares delineiam três tendências fundamentais: a emergência de um novo domínio, a criação de armas combinadas e a adoção de armas estratégicas. O emprego estratégico-militar do ciberespaço já está gerando notáveis transformações na natureza dos conflitos armados, embora seja importante ressaltar que a ascensão do domínio cibernético não ocorre de forma desvinculada das dimensões materiais tradicionalmente associadas aos conflitos armados.

Ao investigar as ramificações do ciberespaço como um vetor de ação militar dentro dos campos dos estudos estratégicos e da segurança internacional, torna-se manifesta a constatação de que o atual debate acerca da guerra cibernética, marcado por sua falta de consenso, configura uma extensão prolongada das controvérsias associadas à Revolução em Assuntos Militares e suas implicações. Esta observação se destaca de maneira notável na avaliação da pertinência da guerra no âmbito da era da informação<sup>55</sup> e da internet. Segundo a análise de Júnior, Lopes e Freitas (2017), sob a perspectiva teórica de Clausewitz, a "fricção" emerge como a força que simplifica as circunstâncias em tempos de paz e complica durante o estado de guerra. Fatores físicos e psicológicos, como clima, relevo, moral e medo, interagem para distinguir a "guerra real" da "guerra no papel". A fricção se configura como um desafio, obstaculizando a previsão e o controle de todos os elementos que influenciam o desfecho de uma batalha ou conflito. No contexto da guerra cibernética, conforme destacado pelos referidos autores, a fricção pode manifestar-se de diversas maneiras, como a complexidade em antecipar o comportamento dos sistemas computacionais ou a incerteza acerca da origem de um ataque cibernético.

Conforme delineado por Judith Revel (2002), Michel Foucault evidenciou interesse na investigação do fenômeno da "guerra". A primeira referência ao

---

<sup>54</sup> "Ação realizada por pessoal, vinculado ou não a serviço de Inteligência, visando à obtenção de conhecimento, dado sigiloso, documento ou material para beneficiar Estados, grupos de países, organizações, facções, empresas, personalidades ou indivíduos" (Ministério da Defesa, 2015, p. 106).

<sup>55</sup> "Informação - 1. Conhecimento resultante de raciocínio elaborado pelo analista de inteligência que expressa sua certeza sobre situação ou fato passado ou presente. 2. Dados, processados ou não, que podem ser utilizados para produção e transmissão de conhecimento, contidos em qualquer meio, suporte ou formato (Lei de Acesso à Informação)" (Ministério da Defesa, 2015,p 146.).

conceito de guerra consiste na inversão da fórmula clausiana, objetivando descrever a situação de crise internacional resultante dos conflitos petrolíferos, onde a política seria entendida como a continuação da guerra por outros meios. Essa proposição, ao ser reformulada de maneira interrogativa, surge como o núcleo central do curso intitulado "Em defesa da sociedade" (1976). Se a noção de "estratégia" é de importância crucial para analisar os dispositivos de saber e poder, permitindo a investigação das relações de poder por meio de técnicas de dominação, poderíamos argumentar, portanto, que a dominação constitui, fundamentalmente, uma forma ininterrupta da guerra? O paradigma da guerra é substituído por um modelo mais intrincado na análise das relações de poder, denominado "governamentalidade". Segundo a autora, apesar de ter exercido influência na gênese dos Estados, a guerra não real é o elemento fundacional que confere estrutura a um Estado, configurando-se como uma "batalha" autêntica (Revel, 2002).

Segundo a análise de John Protevi (2014), Michel Foucault emprega a terminologia "guerra" (ou, no mínimo, "batalha") em suas principais obras do seu período genealógico, utilizando-a como um "modelo" para esclarecer as dinâmicas das relações sociais. No entanto, esse emprego epistemológico do termo "guerra" não se mantém de maneira ininterrupta. Foucault realiza uma genealogia do modelo de guerra, interpretando-o como uma "estratégia" destinada a integrar um campo diversificado de relações de poder. O pensador adota o que poderia ser caracterizado como o conceito de "emergência" para a análise das relações sociais. Para compreender o poder social, torna-se imperativo contemplar as relações sociais em um nível macro, abrangendo aquelas entre "peritos e sujeitos", "homens e mulheres" ou "burguesia e proletariado". Essas relações emergem de uma "microfísica do poder" por meio da resolução ou integração de um campo de forças de relações múltiplas ou diferenciais.

Ao subverter o conceito clauswitziano de guerra, Michel Foucault evidencia que Clausewitz havia invertido um discurso mais antigo, cuja formulação estabelecia a guerra como o modelo ou "grade de inteligibilidade" para as relações sociais. Essa formulação foi introduzida no discurso histórico, e, nesse sentido, as proposições que afirmam que a guerra é a grade de inteligibilidade para o poder social possuem um valor de verdade, podendo ser corroboradas ou refutadas (Protevi, 2014). Por outro lado, Roger Deacon (2003) argumenta que a reconceptualização de Foucault das relações de poder modernas, especialmente no contexto disciplinar, apresenta

uma notável correspondência com a análise da guerra delineada por Clausewitz. Tanto o poder quanto a guerra, para Foucault, podem ser apreendidos em termos de relações de força múltiplas, instáveis, interativas e variáveis, governadas pela racionalidade, embora frequentemente apresentem resistência à análise aprofundada.

De acordo com Deacon (2003), numa análise preliminar, pode-se supor que Clausewitz e Foucault adotam abordagens opostas ao examinar a relação entre guerra e política. Foucault, de fato, empreendeu a inversão da posição clauswitziana, visto que ambos concebem a guerra e o poder como fenômenos intrincados, multifacetados, variáveis e relacionais. Ambos são caracterizados pela constante interação de diversas relações de força, regidos pela racionalidade, cuja presença não atenua a violência nem neutraliza a paixão. Tanto a guerra quanto o poder escapam de reduções simplistas aos objetivos de entidades como estados, governos, classes ou ideologias, e não se conformam a modalidades fixas ou unilaterais. Em vez disso, a sua significância reside primordialmente nos resultados e nas consequências mutáveis e interdependentes, especialmente nos seus componentes e efeitos morais e psicológicos.

Clausewitz busca manter o arcabouço de sua teoria da guerra em um equilíbrio delicado entre a violência, a criatividade e a racionalidade do conflito, assemelhando-se a um objeto suspenso entre três ímãs. Em contraste, Michel Foucault dedica sua atenção a experiências contemporâneas específicas, tais como loucura, doença, transgressão das leis, sexualidade e auto-identidade... Explorando sua relação tripartida com o conhecimento, o poder e a ética. Num vernáculo mais contemporâneo, essa relação é descrita como uma soma zero<sup>56</sup>, aplicável a situações tão diversas quanto a capacidade de ataque nuclear preventivo e a luta de classes.

Qualquer teoria da guerra deve reconhecer que, ao lidar com duas entidades distintas que compartilham uma relação comum externa a elas mesmas, a polaridade não reside nas entidades, mas sim na relação entre elas. De maneira análoga, para Foucault, a vitória ou derrota na esfera política não se submete à

---

<sup>56</sup> "Soma Zero" refere-se a uma situação em que um ganho para uma parte é exatamente equilibrado por uma perda equivalente para a outra parte, resultando em um equilíbrio de poder ou vantagem. Este conceito é discutido em relação às relações de força na guerra e na política, destacando que tais relações raramente se enquadram em um modelo de soma zero devido à natureza dinâmica e complexa das interações entre os atores envolvidos.

dicotomia do tudo ou nada. Mais crucial ainda, ao invés de conceber o poder e a resistência de forma estreita como nodos fixos e antitéticos, ele argumenta que é imperativo deslocar nosso foco para as relações entre esses dois polos. Nessa perspectiva, o poder deve ser examinado não apenas com base nos termos primários da relação de poder, mas, de maneira mais abrangente, considerando a relação em si, na medida em que determina os elementos sobre os quais incide (Deacon, 2003).

Consoante a análise de Protevi (2014), à medida que a sociedade é percebida evolutivamente como engajada em uma luta pela existência, conforme delineado por Foucault, ela é concebida como biologicamente monista, sendo considerada uma substância invadida ou infiltrada por elementos estrangeiros, resultando na produção de desviantes dentro do tecido social, entendidos como manifestações de degeneração. Nesse contexto, o racismo introduz uma "ruptura" no domínio da vida, submetendo-a ao controle estatal através da biopolítica. O estado assume um novo papel com a introdução do racismo biológico, não mais como um instrumento na luta entre "povos", mas como o guardião da integridade, superioridade e pureza da raça nacional.

A partir dessa perspectiva, Foucault traça as transformações do racismo ao longo do século XX, evidenciando por que os estados mais propensos à violência são aqueles mais imersos na biopolítica e, conseqüentemente, no racismo. Inicialmente, destaca-se o racismo estatal nazista, reinscrito no discurso profético que deu origem à luta racial, como evidenciado nos mitos nazistas de uma luta popular (Protevi, 2014). Este contexto apresenta a conjuntura e o princípio de polaridade, nos quais tanto a guerra quanto o poder escapam à redução aos objetivos e propósitos dos agentes do poder (Deacon, 2003). Segundo Protevi (2014), o modelo de guerra possui três aspectos fundamentais:

"(1) As relações de poder social estão ancoradas em uma guerra histórica específica, de modo que a política "sanciona e reproduz" o resultado dessa guerra; (2) As lutas políticas são continuações dessa mesma guerra; e (3) Uma decisão final que encerra a política só pode ocorrer em uma batalha final" "tradução nossa" (Protevi, 2014, p. 541).

Foucault inicia sua genealogia da "guerra" no discurso da guerra social como um fenômeno histórico concreto, desencadeando um nascimento dual do modelo de

guerra social. De acordo com Protevi (2014), a partir da obra "A História da Sexualidade", publicada em 1976, Foucault passa a conceber a guerra não mais como uma grade de inteligibilidade que revela um regime de verdade governando um discurso histórico específico, mas como uma opção prática para "codificar" a multiplicidade de relações de força, ou seja, uma "estratégia" opcional e precária para integrá-las. Protevi argumenta que a complexidade das relações de força pode ser parcialmente codificada, nunca de maneira abrangente, quer na manifestação de guerra, quer na configuração política. Tal perspectiva sugere a necessidade de empregar duas estratégias diferenciadas para a integração dessas relações de força, sendo importante destacar que uma delas está constantemente propensa a transformar-se na outra. Este processo aborda a incorporação dessas relações, as quais se caracterizam por serem desequilibradas, heterogêneas, instáveis e tensionadas.

O filósofo Michel Foucault, por sua vez, utiliza o "poder" como a grade de inteligibilidade para compreender as dinâmicas das relações sociais, e a "guerra" emerge como uma estratégia ativa na prática política. Analisar o campo social a partir da perspectiva do poder permite visualizar a guerra como uma estratégia viável para integrar a multiplicidade de relações de força, ao passo que o poder, em sua essência, só se revela quando observado como tal multiplicidade. Essas sucessivas grades de inteligibilidade revelam uma ontologia social dinâmica, um realismo interativo, no qual a guerra se configura como uma estratégia para ação no campo social. Ela se torna uma via para integrar a diversidade de relações de força que compõem esse campo e, desse modo, para constituir os agentes da história política como participantes envolvidos em uma "guerra por outros meios" (Protevi, 2014).

Contudo, de acordo com Mark Neocleous (1996), ao declinar a adoção de uma distinção entre Estado e sociedade civil em suas obras, Michel Foucault enfrenta dificuldades em discernir entre as diversas formas de Estado. Além disso, Neocleous ressalta a complexidade de Foucault ao abordar o fascismo, bem como sua abordagem essencialmente pré-moderna da guerra, criticando a utilização descuidada do termo "fascismo" em várias instâncias. O autor sustenta que Foucault considerava que ao reformular o problema [do poder político] em termos de Estado, permanecia atrelado à concepção de soberano e soberania. Logo, a mudança de

foco de Foucault, afastando-se do soberano, implica igualmente um afastamento do Estado.

A insistência na necessidade de uma filosofia política desvinculada do problema do Estado como o epicentro de um poder soberano, propondo, em contrapartida, o reconhecimento das potencialidades produtivas do poder, resulta em um conceito inflacionado e, conseqüentemente, depreciado. Essas críticas evidenciam as limitações e inconsistências na abordagem de Foucault em relação ao poder, à política e à guerra (Neocleous, 1996).

Enquanto Mark Neocleous (1996) desvaloriza o conceito empregado por Foucault, Roger Deacon (2003) adota uma abordagem contrária, afirmando que a inversão crítica de Foucault revela que na guerra há uma multiplicidade de fatores, tanto externos quanto internos (conforme Clausewitz, objetivos e subjetivos), que estruturam e condicionam as forças diretamente envolvidas: habilidade, disciplina e coragem de políticos e generais, ativistas e soldados, fatores tecnológicos ou ideológicos, velocidade, planejamento, inteligência, comunicações, astúcia, aliados e apoiadores, logística, circunstâncias, clima, paixão, sorte e acaso, entre outros.

Para Clausewitz, segundo Deacon, a "guerra" é um ato de destruição mútua, em que dois elementos incompatíveis devem continuamente se destruir. Assim como no caso do fogo e da água, os quais nunca atingem um estado de equilíbrio e devem prosseguir em interação até que um deles seja completamente extinto, Foucault concebe as relações de poder como um confronto ininterrupto de estratégias. Esse embate contínuo é mais comparável a uma batalha perpétua do que a um contrato que regula uma transação ou a conquista de território. Essa dinâmica é caracterizada como uma incitação recíproca e luta, constituindo menos uma confrontação face a face que paralisa ambos os lados e mais uma provocação persistente (Deacon, 2003).

Adicionalmente, John Protevi (2014) sustenta que as abordagens de Foucault em relação ao poder soberano, particularmente no que tange ao direito de determinar sobre a vida e a morte, são amplamente reconhecidas. O poder soberano de decidir sobre a vida e a morte, originado formalmente na patria potestas romana absoluta, persiste de maneira atenuada na teoria jurídica clássica, sendo seu exercício condicionado à presença de uma ameaça ao soberano. O soberano exerce influência indireta sobre a vida do súdito em relação aos inimigos externos, possibilitando a exposição indireta do súdito à morte ao obrigá-lo a defender o

soberano na guerra. Dois indicadores evidenciam essa transformação: a intensificação da violência na guerra, à medida que os estados modernos têm a responsabilidade de defender a todos, não apenas o soberano; e a pena de morte emerge como o escândalo de um poder que regula a vida. A proposição de Foucault ressoa com a ideia de que governar é estruturar o campo possível de ação dos outros. Importante destacar que a leitura de Foucault não deve ser interpretada como uma substituição da preocupação com o poder pela subjetividade. Pelo contrário, a subjetividade constitui o modo pelo qual o poder opera na governamentalidade; a orientação de nossas condutas é realizada ao nos induzir a nos subjetivar de diversas maneiras, seja como sujeitos sexuais ou mesmo como gestores de nossas próprias vidas (Protevi, 2014).

Neste cenário de hostilidades, não há um poder soberano que possa ser convocado para interromper ou evitar conflitos, tampouco existem normas morais, sejam elas explícitas ou implícitas, capazes, em última instância, de arbitrar de maneira neutra entre os antagonistas. De acordo com a perspectiva de Foucault, essa "guerra total" não se dissolve em suas próprias contradições, renunciando à violência e submetendo-se às leis civis. Ao contrário, a lei é concebida como um prazer calculado e impiedoso, uma apreciação do derramamento de sangue planejado, que viabiliza a incitação contínua de novas formas de dominação e a encenação meticulosamente repetida de cenas violentas. Isso não implica que tudo seja permitido nesse contexto beligerante ou que não existam normas; ao contrário, as próprias regras emergem do campo de batalha e, assemelhando-se à obra de um ferreiro, podem revelar-se robustas e perduráveis ou frágeis e efêmeras. Embora a guerra e a política possam ser orientadas pela racionalidade, isso não sugere que a guerra seja impessoal ou que sua violência seja anacrônica. Pelo contrário, a guerra se manifesta como um ato de força, e não há uma restrição lógica para a aplicação dessa força, o que naturalmente propende ao massacre. Entre a violência e a racionalidade, não há incompatibilidade, conforme argumentado por Deacon (2003).

Segundo Mark Neocleous (1996), a questão da resistência no contexto do poder, para Foucault, transcende a superficialidade, revelando-se como uma universalização da guerra na abordagem foucaultiana do social. Isso se deve ao fato de que a metafísica do poder de Foucault não apenas reflete uma metafísica da resistência, mas também uma metafísica da guerra (Neocleous, 1996).



No entendimento de Roger Deacon (2003), Foucault reitera que a "resistência" não se contrapõe ao poder como um ente centralizado e homogêneo, mas é uma "energia" integrada ao poder, manifestando-se como um conjunto disperso e instável de relações, pois onde há poder, há resistência, e conseqüentemente, essa resistência nunca está em uma posição de exterioridade em relação ao poder. Contrariamente à concepção de resistência como algo reativo, passivo e destinado a uma derrota contínua, Deacon argumenta que ataque e defesa, ação e reação estão entrelaçados como elementos de um combate com mais de uma "rodada". Nos termos de Clausewitz, a resistência é considerada uma forma de ação, visando destruir parte do poder do adversário a ponto de forçá-lo a renunciar às suas intenções. Foucault acrescentaria que é nossa responsabilidade defender-nos de maneira a pressionar as instituições a se reformarem. Em essência, tanto Clausewitz quanto Foucault sustentam que a resistência constitui uma forma de ação, não sendo meramente uma reação passiva.

A resistência, assim, pode ser compreendida como um desafio e uma contestação ao poder estabelecido, representando uma forma de ação que busca alterar a dinâmica das relações de força em jogo. Em outras palavras, a resistência pode ser uma tentativa de modificar a polaridade existente na guerra ou na relação de poder, em vez de simplesmente mantê-la. Ambos os pensadores concordam que a polaridade ou soma zero raramente é atingida na prática, dada a natureza dinâmica e complexa das interações entre os atores envolvidos (Deacon, 2003).

Tanto a guerra quanto a política compartilham características fundamentais, como o uso da força em situações perigosas e a interação constante com um adversário, além dos esforços de espírito e coragem para atingir os objetivos desejados. No entanto, nem Clausewitz nem Foucault pretendiam sugerir que guerra e política são indistinguíveis. Clausewitz observou que, à medida que os motivos se tornam menos intensos, a guerra parece mais política em caráter, e por analogia, a política parece mais militar.

Ao hipotetizar que o poder é guerra, uma guerra continuada por outros meios, Foucault não busca negar, mas ampliar a relevância de Clausewitz. Ele reconhece a possibilidade de a guerra ser uma continuação da política como estratégia, mas ressalta que a política foi concebida, senão como uma continuação direta da guerra, pelo menos como derivada do modelo militar para prevenir a desordem civil. A política, enquanto técnica para manter a paz e a ordem internas, buscou

implementar o mecanismo do exército perfeito. Assim, a estratégia possibilita entender a guerra como uma forma de conduzir a política entre os estados, enquanto a tática viabiliza compreender o exército como um princípio para manter a ausência de guerra na sociedade civil (Deacon, 2003).

Para além de Roger Deacon (2003), Julian Reid (2003) destaca a relevância do trabalho de Michel Foucault ao explorar a interconexão entre poder, estratégia e administração da vida. Foucault concebe a guerra como uma estratégia, divergindo da abordagem de Clausewitz, que se concentrava predominantemente nas guerras entre estados. Para Foucault, a importância central da guerra não reside nas práticas beligerantes entre estados, mas sim na emergência de uma nova forma de poder político, frequentemente referida como "governamentalidade".

Embora o conceito de estratégia ainda seja comumente definido nos estudos estratégicos como uma racionalidade instrumental para calcular a relação entre meios e fins, visando promover os interesses de estados e outros atores, Reid (2003) observa que, para Foucault, a estratégia não se limita ao planejamento, condução ou vitória em guerras. Em vez disso, Foucault oferece uma das análises mais perspicazes e influentes sobre a implementação do poder estratégico na era moderna tardia. É crucial salientar que sua abordagem não se concentra na melhoria da eficácia estratégica, mas sim em uma análise crítica do poder.

A apreciação das mutações nas modalidades de poder ao longo da história, especialmente no que concerne ao advento do "biopoder", influencia significativamente a condução da guerra e da política moderna. Em vez de focalizar-se exclusivamente na repressão e punição, o biopoder procura gerir e controlar a vida das pessoas, visando torná-las mais produtivas e eficientes. Essa abordagem tem implicações profundas para a política, a economia e a sociedade em geral, uma vez que molda a forma como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam entre si.

Somado a isso, Reid (2003) destaca que a obra de Foucault contribui para a análise das "Transformações da Guerra", consideradas nesta pesquisa como Revoluções em Assuntos Militares (RAM). Nesse sentido, as mudanças políticas, sociais e tecnológicas não lineares dos últimos anos demandam uma reconfiguração da estratégia, rompendo com as tradições clausewitzianas. Reid ressalta, em

particular, o valor do trabalho de Clausewitz ao contextualizar o papel contemporâneo da guerra, conforme descrito por Foucault na estratégia do poder<sup>57</sup>.

Destaca-se que a guerra cibernética<sup>58</sup>, como ferramenta estratégica, possui limitações inerentes, especialmente em termos de capacidade de coerção, devido às peculiaridades do ciberespaço e às restrições na geração de efeitos cinéticos (Júnior, Lopes e Freitas, 2017). No entanto, é crucial salientar que no ambiente virtual, as entidades cibernéticas exercem uma influência substancial nos processos decisórios, ao incorporar expressões discursivas que têm repercussões na esfera da opinião pública.

Adicionalmente, a fonte cibernética oferece recursos que possibilitam a aquisição de dados no ciberespaço por meio da realização de ações de busca ou coleta, frequentemente conduzidas com o suporte de ferramentas computacionais. De acordo com o Ministério da Defesa (2015), a fonte cibernética pode ser integrada a outras fontes, como as humanas, de imagens e de sinais, para a produção de conhecimento em inteligência. Essa integração tem o potencial de fortalecer o apoio a forças irregulares compostas por elementos locais que atuam de maneira clandestina, aparentemente alheios ao movimento (seja revolucionário ou de resistência). Esses elementos prestam assistência em diversas áreas, como logística, recrutamento e inteligência, com o objetivo de proporcionar influência psicológica às demais forças irregulares (Ministério da Defesa, 2015).

Diante de uma tecnologia dual, é imperativo salientar que o ciberespaço, tendo sua origem vinculada a propósitos militares, configura-se como a infraestrutura que sustenta a Internet. A rede de internet teve seu desenvolvimento no final da década de 1960 como um projeto financiado e administrado pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), um órgão de pesquisa do Departamento de

---

<sup>57</sup> Para Reid (2003), Foucault argumenta que a estratégia do poder é exercida por meio de uma série de técnicas e práticas que visam controlar e gerenciar a vida das pessoas, incluindo a vigilância, a disciplina, a normalização, a medicalização e a biopolítica. Essas técnicas são aplicadas em diferentes contextos, como a escola, o hospital, a prisão, a fábrica e outros espaços institucionais, e são usadas para moldar as pessoas de acordo com as normas e valores dominantes da sociedade (Reid, 2003).

<sup>58</sup> "Corresponde ao uso ofensivo e defensivo de informação e sistemas de informação para negar, explorar, corromper, degradar ou destruir capacidades do adversário, no contexto de um planejamento militar de nível operacional ou tático ou de uma operação militar. Compreende ações que envolvem as ferramentas de Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) para desestabilizar ou tirar proveito dos Sistemas de Tecnologia da Informação e Comunicações e Comando e Controle (STIC2) do oponente e defender os próprios STIC2. Abrange, essencialmente, as Ações Cibernéticas. A oportunidade para o emprego dessas ações ou a sua efetiva utilização será proporcional à dependência do oponente em relação à TIC" (Ministério da Defesa, 2015, p. 134).

Defesa dos Estados Unidos da América. Conhecida como "Arpanet", essa rede de computadores conectados foi criada visando facilitar o compartilhamento rápido e fácil de conjuntos de dados entre os principais acadêmicos americanos. Em 1969, durante a Guerra Fria, foi estabelecida a primeira conexão em rede entre dois computadores na Califórnia. Em julho de 1973, Peter Kirstein, um jovem professor de ciência da computação na *University College London*, tornou-se a primeira pessoa do Reino Unido a se conectar à Arpanet por meio dos cabos telefônicos do fundo do mar do Atlântico (Bartlett, 2014).

Atualmente, segundo o Dicionário DOD de Termos Militares e Associados do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (2012), a Internet é considerada um componente essencial do domínio global do ciberespaço, dada a sua enorme relevância como esfera de comunicação. Além da Internet, esse domínio engloba redes interconectadas de infraestruturas de tecnologia da informação, como redes de telecomunicação, sistemas de computador, processadores e controladores incorporados. Por tanto, a Internet não é sinônimo de ciberespaço, mas sim uma "rede global de infraestruturas de tecnologias de informação interligadas entre si, especialmente as redes de telecomunicações e os sistemas de processamento dos computadores", que antecede a criação da própria Internet (Fernandes, 2012, p. 12).

De acordo com Pierre Lévy (1999), os sistemas sócio-técnicos globais enfatizam a parte material e artificial dos fenômenos humanos, deste modo, é indissociável das atividades humanas a interação entre: "Pessoas vivas e pensamentos; Entidades materiais naturais e artificiais; Ideias e representações" (Lévy, 1999, p. 22). Essas transformações tecnológicas, especialmente aquelas decorrentes da internet e do ciberespaço, oferecem um amplo controle sobre a vida humana e suas relações, afetando percepções posteriores à criação desse ambiente. Essas mudanças têm impacto desde a biologia humana até as relações sociais, incluindo a política e o âmbito familiar. Como resultado, emergem formas virtualizadas de vida que não existiam anteriormente (Sodré, 2002).

Lévy considera o ciberespaço como o "espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores". Segundo o autor, o ciberespaço inclui o conjunto sistêmico de comunicação eletrônica, sendo uma "nova fronteira" que forma a "terra do saber" (Lévy, 1999, p. 92). No entanto, Ventre (2012) destaca que não há um conceito claro e consensual sobre o ciberespaço entre os especialistas, embora alguns o considerem sinônimo

de internet (Ventre, 2012). O espaço cibernético abrange todas as redes de computadores no mundo e os dispositivos sujeitos ao seu controle. Dessa forma, a internet não é sinônimo de ciberespaço, pois é possível imaginar uma "rede privada" isolada que constitui um espaço cibernético separado. Essas "ilhas" no oceano do ciberespaço são importantes para a construção do mundo digital e moldam a arquitetura da internet ao lidar com fatores como flutuações monetárias, transações comerciais e sistemas de controle, como gerenciamento de usinas nucleares (White; Clarke; Knake, 2012). Portanto, o ciberespaço é um domínio operacional marcado pelo uso do espectro eletrônico e eletromagnético para armazenar, criar, modificar e/ou trocar informações por meio da interconexão e interdependência das redes (Cepik, M.; Canabarro, D. R.; Bornet, T., 2014).

Essa característica transversal do ciberespaço em relação aos outros domínios convencionais, como a terra, ar, mar e espaço, constitui uma temática de considerável relevância. Conforme as contribuições de Ventre (2012), o domínio cibernético se desdobra em três estratos representativos dentro deste subconjunto de espaço e informação, os quais são devidamente apresentados na tabela subsequente:

**Tabela 1 - As Três Camadas do Ciberespaço.**

<b>Nome</b>	<b>Camada</b>	<b>Elementos</b>
<i>Hardware</i>	Inferior	O físico, que tem relação com os elementos que dão forma material à infraestrutura que suporta e apoia às conexões e fluxos de dados.
<i>Software</i>	Intermediária	Os aplicativos, padrões e programas técnicos, são responsáveis por traduzirem a interação das informações e a troca de dados.
<i>Peopleware</i>	Superior	Camada cognitiva, que se compõe das informações compartilhadas e acessadas pelos usuários conectados, que passam pelo processo de codificação e se descodifica para a compreensão humana.

Fonte: Autor, adaptado de Daniel Ventre (2012).

Ao observarmos as considerações mencionadas, torna-se evidente que as ações cibernéticas são dependentes da integridade das três camadas que

constituem o ciberespaço, em particular das duas primeiras: *Hardware e Software* (Ventre, 2012). Essas camadas foram aprimoradas durante a revolução científico-tecnológica da década de 70 e passaram a apoiar as redes de informação e comunicação, resultando no surgimento de novas invenções relacionadas ao circuito eletrônico, como o *microchip*, comuns em celulares e *smartphones*. A partir dos anos 2000, a internet começou gradualmente a se consolidar como a principal rede no ciberespaço, possibilitando o compartilhamento de diversas informações pelos usuários, que “geram ainda uma quarta camada, um espaço vastíssimo de interações sociais que se desenvolve de maneira transnacional e impõe múltiplos desafios aos processos de governança política nos planos nacional e internacional” (Cepik, M.; Canabarro, D. R.; Bornet, T., 2014, p. 164).

A natureza do *Big Data* guarda notáveis semelhanças com o conceito da quarta camada do ciberespaço, conforme delineado por Brittany Kaiser (2020). Isso se deve ao fato do *Big Data* abarcar o armazenamento transnacional de informações contidas em vastos conjuntos de dados complexos. O volume significativo de dados de usuários, notavelmente exemplificado no contexto do caso da *Cambridge Analytica*, supera amplamente a capacidade de gestão eficiente por meio de *softwares* de processamento de dados convencionais. Essas informações são geradas durante as interações dos usuários em plataformas digitais, muitas vezes por meio de *cookies* de rastreamento, que, teoricamente, são apresentados como instrumentos socialmente aceitáveis. Contudo, como Kaiser (2020) aponta, esses *cookies*, frequentemente mascarados como benignos, constituem, na verdade, ferramentas sofisticadas utilizadas para influenciar cidadãos e consumidores, manipulando suas percepções e comportamentos.

Comparado ao petróleo por conta de seu potencial econômico e estratégico, o *Big Data* se configura como a matéria-prima essencial para identificar padrões comportamentais, preferências e inclinações políticas de eleitores e consumidores. Isso, por sua vez, possibilita a personalização de mensagens e estratégias, visando maximizar o impacto e a eficácia das campanhas. O *Big Data* desempenha um papel crucial, na prática do *microtargeting*, uma estratégia altamente segmentada voltada para influenciar indivíduos ou grupos específicos por meio de mensagens altamente direcionadas. Esse fenômeno, abordado na literatura acadêmica, é possível graças à ampla gama de informações coletadas, armazenadas e analisadas

desta camada, que engloba dados demográficos, geográficos, comportamentais e psicográficos. O *microtargeting* capitaliza essa riqueza de dados para categorizar e agrupar indivíduos com base em interesses, preferências e afinidades compartilhadas, permitindo a criação de mensagens persuasivas altamente personalizadas. Essa abordagem não apenas tem implicações significativas na esfera política, onde pode ser utilizada para influenciar eleições e opiniões públicas, mas também em áreas como marketing e publicidade, onde as empresas podem direcionar produtos e serviços com grande precisão, otimizando o retorno sobre o investimento e maximizando o engajamento do público-alvo (Kaiser, 2020).

O *Big Data* exerce influência notável nas operações de inteligência, como analisado por Paulo Magno de Melo Rodrigues Alves (2018). Este autor explora três elementos inerentes ao universo do *Big Data* que impactam o contexto de atividades de inteligência: a sobrecarga informacional, o aprimoramento da capacidade preditiva proporcionada por *algoritmos* e os riscos democráticos associados à crescente predominância desses *algoritmos*. Estes elementos são meticulosamente discutidos e apresentados como fundamentais para a compreensão da necessidade premente de incorporar técnicas e ferramentas do *Big Data*, a fim de habilitar a Inteligência a cumprir de maneira eficaz o seu mandato social, como será analisado mais adiante (Alves, 2018).

Uma dessas tendências é o *microtargeting*, que foi implementado pela *Cambridge Analytica* através do modelo OCEAN, também conhecido como os “*Big Five*” [Cinco Grandes] fatores da personalidade, é uma estrutura amplamente reconhecida na psicologia que descreve os principais traços de personalidade de um indivíduo. Cada letra do OCEAN representa um traço específico: “aberto a novas experiências” (O, de “*openness*”), “metódico” (C, de “*conscientiousness*”), “extrovertido” (E, de “*extraversion*”), “empático” (A, de “*agreeableness*”) ou “neurótico” (N, de “*neuroticism*”) (Kaiser, 2020). As variações desses traços em cada indivíduo podem influenciar seu comportamento, suas decisões e até mesmo sua saúde mental, tornando o Modelo OCEAN uma ferramenta valiosa para pesquisas em psicologia, recrutamento e desenvolvimento pessoal (Kaiser, 2020).

Os *algoritmos*, como discutido por O’Neil (2021), têm a capacidade de utilizar os dados armazenados para elaborar perfis detalhados das pessoas, seguido pela personalização direcionada de anúncios, notícias ou conteúdo específico, com o

intuito de influenciar suas opiniões e/ou comportamentos (O'Neil, 2021). Para Kaiser (2020), essa prática representa uma intrusão na esfera da privacidade dos usuários das plataformas sociais, com o propósito de estabelecer conexões emocionais e persuadir os indivíduos a adotarem condutas previamente delineadas, seja no contexto político, através do apoio a candidatos específicos, ou no domínio comercial, mediante aquisições de produtos ou apoio a causas específicas (Kaiser, 2020). É importante notar que esse processo, reconhecido como a abordagem "*bottom-up*" [de baixo para cima], revela o emprego de técnicas de "*psychological operations*" [operações psicológicas] por parte da extinta companhia europeia *Cambridge Analytica*. Tais técnicas, embora comumente utilizadas em iniciativas de caráter humanitário e defensivo, se configuram, conforme observa Kaiser (2020), como um eufemismo para o conceito de "guerra psicológica" (Kaiser, 2020, p. 38-39).

A repórter investigativa Carole Cadwalladr (2019), que acompanhou o caso, relata que inicialmente, a empresa *Strategic Communication Laboratories* (SCL), precursora da *Cambridge Analytica*, foi contratada pelo setor militar, operando em regiões como Afeganistão, Iraque e países do Leste Europeu. Entretanto, o ponto crucial dessa evolução se deu quando a empresa começou a utilizar dados para influenciar processos eleitorais. É fundamental destacar que há uma notável convergência entre essas atividades, uma vez que todas se enquadram na mesma metodologia. Segundo Cadwalladr, as campanhas conduzidas pela *Cambridge Analytica/SCL* em determinados países serviram como campos de testes para o desenvolvimento de novas tecnologias e estratégias, como a persuasão em larga escala e a manipulação da participação eleitoral (Privacidade Hackeada, 2019). No que concerne à natureza dessas atividades, a presente investigação as concebe como uma manifestação de atividade de inteligência (Senado Federal, 2023a), uma vez que estão intrinsecamente relacionadas à produção e disseminação de conhecimento com potencial influência sobre o processo decisório, as políticas governamentais e a segurança tanto da sociedade quanto do Estado (Agência Brasileira de Inteligência, 2023c), contribuindo assim para a instauração de um cenário de paz negativa (Galtung, 1996).

A aplicação destas técnicas evidencia a marcante dinâmica do ciberespaço, notável por sua propensão à complexidade e variabilidade (Demchak & Dombrowski,



2013). Neste contexto, as *fake news* emergem como uma ferramenta para a disseminação de informações (neste caso, desinformação<sup>59</sup>), assemelhando-se a uma operação de informação. Tal operação implica a execução de ações coordenadas no ambiente informacional, respaldadas por inteligência, com o objetivo de influenciar um adversário, seja este real ou potencial. O cerne dessa estratégia consiste em diminuir a combatividade, coesão interna e externa, e a capacidade de tomada de decisão do oponente, ao mesmo tempo em que salvaguarda o próprio processo decisório. Desta forma, contribui para a realização dos objetivos políticos e militares preestabelecidos, atuando nos domínios cognitivo, informacional e físico da informação do oponente, assim como nos processos e sistemas nos quais estas circulam, enquanto busca proteger as forças aliadas e seus respectivos processos e sistemas de tomada de decisão (Ministério da Defesa, 2015).

A prática em análise assume as características inerentes à atividade de espionagem, conforme destacado por Fábio de Macedo Soares Pires Condeixa (2015), o qual ressalta que a espionagem, enquanto fenômeno social, pode acarretar diversas implicações no domínio jurídico. No contexto do direito internacional, a espionagem entre Estados é reconhecida como um ato lícito durante conflitos armados, entretanto, subsistem controvérsias acerca de sua licitude em períodos de paz. A ausência de um conceito uniforme de espionagem entre os estudiosos do tema é evidenciada, sendo esta frequentemente associada às atividades dos serviços de inteligência, embora tal correlação não seja imperativa. Condeixa (2015) adota uma concepção abrangente da espionagem, definindo-a como a obtenção clandestina de informações, englobando não apenas agentes estatais, mas também agentes a serviço de grupos e organizações privadas, como exemplificado pela espionagem industrial. O autor enfatiza que a espionagem se caracteriza pelo envolvimento intencional na coleta de informações sobre pessoas ou objetos recentemente observados, pela aquisição e transmissão sigilosa dessas informações, pelo uso dessas informações por partes hostis ou suspeitas em relação às pessoas a que se referem, geralmente envolvendo questões governamentais, e pela prática consciente de enganação (Condeixa, 2015).

---

<sup>59</sup> "Técnica especializada utilizada para iludir ou confundir um centro decisor, por meio da manipulação planejada de informações falsas ou verdadeiras, visando, intencionalmente, a induzi-lo a erro de avaliação" (Ministério da Defesa, 2015, p. 89).

Os avanços impulsionados pela tecnologia e pela interconexão global não apenas apresentam novas possibilidades, mas também geram desafios, como a prática de espionagem e a intensificação da competição entre as potências pelo controle da informação (Senado Federal, 2023c). Dada a natureza crucial dos meios de armazenamento, transmissão e processamento de dados, bem como dos ativos de informação e dos equipamentos necessários para essas operações (como computadores, dispositivos de comunicação e interconexão), dos sistemas de informação em geral e dos locais que abrigam esses meios, juntamente com as pessoas que têm acesso a eles (Ministério da Defesa, 2015). A validação dessas preocupações foi evidenciada em junho de 2013, quando o ex-agente da Agência de Segurança Nacional (NSA) dos Estados Unidos, Edward Snowden, denunciou a existência de um sistema abrangente de monitoramento das comunicações, tanto domésticas quanto internacionais. Essa revelação destaca que ninguém está imune a tais práticas, incluindo líderes de nações aliadas.

As motivações subjacentes à prática de espionagem podem ser estrategicamente fundamentadas, atendendo a interesses políticos ou objetivos comerciais, como evidenciado no contexto brasileiro, onde a presidente da República, Dilma Rousseff, e a Petrobras foram identificadas como alvos. O repúdio internacional à espionagem cibernética, intensificado após as revelações de Snowden, concentrou-se especificamente nos Estados Unidos; contudo, especialistas já apontavam para a presença disseminada dessa prática em diversos setores da sociedade. A aquisição de dados pode ocorrer em distintos pontos da comunicação entre usuários, uma vez que as estruturas de conexão, servidores de e-mail e redes sociais estão distribuídos globalmente, escapando à regulamentação de um único país. A atividade de inteligência, frequentemente associada a práticas de espionagem, implica essencialmente na produção de conhecimento e dados, bem como na salvaguarda dos interesses que o Estado ou uma corporação almejam preservar. O objetivo deveria ser a obtenção de informações capazes de conferir vantagens para a segurança aprimorada dos cidadãos (Senado Federal, 2023c).

Demchak e Dombrowski (2013) destacam que a delimitação das jurisdições e responsabilidades de cada Estado Nacional no ciberespaço é um desafio significativo. Isso se deve à natureza complexa do domínio cibernético, que consiste em camadas físicas e não físicas, resultando em um ambiente altamente dinâmico e

sujeito a uma considerável complexidade e variação. Neste contexto, a autonomia assume um papel crucial, referindo-se à capacidade de um Estado de impor sua autoridade no ciberespaço em relação aos seus cidadãos, independente dos interesses de outros Estados ou atores não estatais. Como observam os autores, em um mundo moldado pela ciberização, um Estado que falha é aquele que demonstra uma capacidade limitada de manter a ordem pública em seu território e não consegue consistentemente controlar suas fronteiras. Além disso, torna-se vulnerável a desafios domésticos que frequentemente transcendem a esfera constitucional. Esses desafios podem incluir desde baixos níveis de desempenho econômico até questões relacionadas ao bem-estar humano (Demchak & Dombrowski, 2013).

A vigilância *bottom-up*, que implica a coleta de informações a partir da base da sociedade, pode ser interpretada como um mecanismo de poder e controle, à luz da perspectiva foucaultiana. A conexão entre a atividade de inteligência de espionagem e a vigilância de Foucault reside na análise do poder, controle e disciplina exercidos por meio da coleta e monitoramento de informações, tanto na esfera social quanto na esfera estatal (Condeixa, 2015; Demchak & Dombrowski, 2013; Foucault, 2014; Kaiser, 2020; Ministério da Defesa, 2015). Originando-se de uma perspectiva ascendente, essa relação suscita preocupações de relevância social, especialmente no que concerne ao fenômeno das *fake news*, movendo uma série de iniciativas por parte de diversos atores em busca de soluções. Um exemplo notável é a criação da Agência Sueca de Defesa Psicológica, também conhecida como *Myndigheten För Psykologiskt Försvar*, em janeiro de 2022. Esta agência representa uma ação proativa de inteligência por parte da Suécia, na qual reconhece e confronta os desafios inerentes aos sistemas de controle automatizados que adotam novas estratégias de operações.

O principal objetivo dessa agência é proteger a sociedade sueca contra influências inadequadas decorrentes das *fake news*. Vale destacar que essa entidade possui plena capacidade para identificar e responder a uma ampla variedade de situações, dada a natureza interconectada dessas operações, que abrangem tanto aspectos relacionados à defesa militar quanto à esfera civil. Adotando uma abordagem holística e multifacetada, a agência visa a preservar a integridade e segurança da Suécia em todas as suas dimensões (Regeringen, 2022).

A coleta, organização e análise de informações destinadas a satisfazer as necessidades de tomadores de decisão compreendem a essência da atividade de inteligência (Agência Brasileira de Inteligência, 2023c). E com o advento do ciberespaço e a larga expansão da sociedade da informação, a crescente sofisticação tecnológica dos sistemas de informação que respaldam a tomada de decisões popularizou o emprego do termo "inteligência" para caracterizar essa função de suporte, seja no âmbito governamental, empresarial ou em organizações sociais. Conforme Marco Cepik (2002), a atividade de inteligência envolve a coleta de informações sem o consentimento, cooperação ou conhecimento por parte dos alvos da ação (Cepik, 2002). A ação realizada pela *Cambridge Analytica* foi considerada uma violação da privacidade, uma vez que os usuários não tinham consciência da utilização de seus dados para esses propósitos empregados pela companhia (Kaiser, 2020).

Por outro lado, a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) considera a curadoria de dados informacionais como a essência da atividade de inteligência<sup>60</sup>. Isso abrange a obtenção e análise de dados, bem como a produção e proteção do conhecimento em prol do país. No cerne desta definição, a inteligência tem como propósito fundamental a geração de conhecimento com vistas a auxiliar os tomadores de decisão a agir de forma antecipada e confiável. A atuação da atividade de inteligência da ABIN abrange tanto o âmbito externo quanto o interno do país.

No contexto externo, sua missão primordial consiste em adquirir e analisar informações que possam respaldar os interesses nacionais, desempenhando um papel crucial na defesa<sup>61</sup> contra ameaças existentes e na identificação de oportunidades potenciais. No âmbito interno, a inteligência concentra-se na salvaguarda do Estado e da sociedade, bem como na preservação da estabilidade das instituições democráticas e na promoção da eficiência na gestão pública. Portanto, a atividade de inteligência, tal como definida pela ABIN, desempenha um

---

<sup>60</sup> “[...] entende-se como inteligência a atividade que objetiva a obtenção, análise e disseminação de conhecimentos dentro e fora do território nacional sobre fatos e situações de imediata ou potencial influência sobre o processo decisório e a ação governamental e sobre a salvaguarda e a segurança da sociedade e do Estado” (Senado Federal, 2023a).

<sup>61</sup> “1. Ato ou conjunto de atos realizados para obter, resguardar ou recompor a condição reconhecida como de segurança. 2. Neutralização ou dissuasão de ações hostis que visem a afetar a segurança de uma organização militar ou ponto sensível, pelo emprego racional de meios adequados, distribuídos conforme um planejamento, devidamente controlados e comandados. 3. Reação contra qualquer ataque ou agressão real ou iminente” (Ministério da Defesa, 2015, p. 84).

papel multifacetado e essencial no contexto da segurança<sup>62</sup> e do desenvolvimento do país (Agência Brasileira de Inteligência, 2023a; Agência Brasileira de Inteligência, 2023b; Agência Brasileira de Inteligência, 2023c; Senado Federal, 2023a).

A segurança está intrinsecamente ligada à percepção de ameaças<sup>63</sup> que, em determinados contextos, podem evoluir para agressões concretas. Nesse contexto, é fundamental que as agências de Inteligência monitorem e avaliem de forma contínua as condições internas e externas, com o propósito de identificar eventos ou situações que possam se transformar em ameaças ou representar riscos para os interesses da sociedade e do Estado. A atuação da Inteligência desempenha um papel crucial ao permitir que o Estado se prepare de forma proativa para enfrentar desafios futuros, além de identificar oportunidades para a implementação de ações governamentais. No contexto contemporâneo, a atividade de Inteligência, seja no âmbito civil ou militar, encontra no ciberespaço um ambiente propício para a disseminação tanto de informações quanto de desinformação. Este ambiente virtual proporciona modalidades de ferramentas para o anonimato, violação da privacidade e a realização de ataques virtuais. Especialmente ao longo da última década, temos observado a atuação estratégica de diversos grupos sociais nesse espaço cibernético (Oliveira, 2020).

Uma das modalidades tecnológicas complementares, é a denominada *Social Media Intelligence* (SOCMINT) [Inteligência de Mídias Sociais], utiliza o processamento de *Big Data* para apoiar a tomada de decisões por meio do monitoramento de redes sociais digitais. Ela envolve a observação e análise de indivíduos e grupos para compreender aspectos comportamentais relacionados a relações e sistemas estabelecidos. Essa abordagem requer uma avaliação integrada de atitudes, contextos e características culturais para uma análise eficaz, especialmente no que se refere às medidas de prevenção e repressão de distúrbios da ordem pública. A SOCMINT apresenta tanto oportunidades<sup>64</sup> quanto desafios

---

<sup>62</sup> “1. É a sensação de garantia necessária e indispensável a uma sociedade e a cada um de seus integrantes, contra ameaças de qualquer natureza. 2. Condição que resulta do estabelecimento e conservação de medidas de proteção que assegurem a inviolabilidade contra atos ou influências hostis” (Ministério da Defesa, 2015, p. 248-249).

<sup>63</sup> “Cumprе ressaltar que a complexidade global já não permite clara diferenciação de aspectos internos e externos na identificação da origem das ameaças e aponta, cada vez mais, para a necessidade de que sejam entendidas, analisadas e avaliadas de forma integrada”(Agência Brasileira de Inteligência, 2023c).

<sup>64</sup> “Entre essas oportunidades estão: a) o acompanhamento das informações difundidas pela população na ocasião de um evento de interesse das agências governamentais, a exemplo de catástrofes naturais, surtos epidêmicos ou manifestações sociais, sob um modelo de colaboração

para a segurança nacional e os interesses estratégicos do Estado. Isso inclui o acompanhamento de informações disseminadas pela população durante eventos de interesse governamental, como catástrofes naturais, surtos epidêmicos ou manifestações sociais, por meio de colaboração coletiva (*crowdsourcing*). Além disso, permite a compreensão das percepções dos cidadãos em relação aos resultados de políticas públicas e a análise da atuação de grupos que promovem o ódio e a disseminação de *fake news* (De Souza; Do Bomfim, 2021).

Apesar da existência de áreas de intersecção entre as esferas civis e militares, bem como entre segurança e defesa cibernética, é observável que a atividade de inteligência oferece uma abordagem aprimorada para otimizar a utilização da infraestrutura do ciberespaço pelo Estado. A importância das técnicas operacionais de dados se destaca no desenvolvimento de soluções nas áreas de segurança e defesa, especialmente devido ao vasto volume e variedade de dados coletados das plataformas de redes sociais (Cepik, 2002). Entretanto, para a melhoria das condições nesse contexto, torna-se imperativo considerar as dinâmicas que operam abaixo do limiar de conflito armado. Essas dinâmicas desempenham um papel fundamental ao possibilitar a aquisição e análise de informações cruciais para identificar as estratégias de manipulação da informação empregadas por atores envolvidos nesse tipo de conflito (Agência Brasileira de inteligência, 2023c). Além disso, a atividade de inteligência desempenha um papel crucial na avaliação dos objetivos e táticas desses atores, frequentemente difíceis de discernir devido à natureza ambígua dessas situações. Em um contexto de revolução nos assuntos militares, no qual as doutrinas tradicionais nem sempre são aplicáveis, a atividade de inteligência emerge como um elemento crucial para a adaptação e formulação de estratégias eficazes no enfrentamento das implicações ocasionadas pelo ciberespaço e (Cepik, 2002; Garcia, 2005; Oliveira, 2020).

---

coletiva (*crowdsourcing*); b) a revelação do modo de articulação de organizações criminosas e de vertente extremista, a exemplo de ações para radicalização ou difusão de ideias de violência em desfavor da ordem pública; c) a promoção da consciência situacional em tempo real, de modo que o governo venha a prestar a melhor experiência aos usuários dos serviços públicos; d) a percepção dos cidadãos acerca dos resultados de políticas públicas; f) a atuação de grupos de ódio e de difusão de *fake news*; e g) a avaliação da interferência externa de países estrangeiros (De Souza; Do Bomfim, 2021, p. 63).

### 3.3 - Sociedade do Discurso e Tipologia das *Fake News*

A ordem do discurso, para Foucault, se constitui a partir de uma relação entre poder e discurso difundidos nos espaços sociais, formando, assim, uma sociedade de discurso (Foucault, 1996). Para o autor, a produção de discursos é controlada em todas as sociedades visando inibir seus poderes e perigos, pois o discurso é uma forma de controle social que molda a maneira como pensamos e agimos, utilizado por instituições como o Estado, a Igreja e a ciência para manter o *status quo*. Nesse contexto, o conceito de biopoder surge como um mecanismo crescente de organização em todas as esferas da sociedade, sob a justificativa de promover o bem-estar individual e coletivo. Esse processo revela-se como uma estratégia que se desenrola de maneira aparentemente autônoma, envolvendo cada vez mais membros da sociedade, com o propósito central de intensificar a ordem e ampliar o próprio poder. Como resultado, a sociedade se encontra imersa em um sistema de obrigações implícitas, em que os indivíduos têm o direito à subsistência, mas, em contrapartida, devem aceitar as restrições físicas e morais inerentes ao processo de confinamento (Dreyfus e Rabinow, 1995).

A verdade não subsiste de maneira independente do poder, pelo contrário, está intrinsecamente entrelaçada a ele, emergindo como produto de variadas influências e pressões no contexto sociopolítico global. Cada sociedade forja sua própria estrutura de verdade, configurando uma espécie de "política geral" que dita como a verdade é formulada e aplicada em seu seio. Surge, inegavelmente, uma disputa em torno da verdade, ou pelo menos em relação à percepção da verdade. Nesse cenário, a realidade transcende a mera concepção de um conjunto de fatos objetivamente corretos que devem ser descobertos ou persuadidos aos outros; em vez disso, está intrinsecamente relacionada com o conjunto de diretrizes que moldam a nossa diferenciação entre o verdadeiro e o falso, assim como a atribuição de poder específico às informações classificadas como não verdadeiras, com o propósito de disseminar o conhecimento (Dreyfus e Rabinow, 1995), o que pode divergir da atividade de disseminação de conhecimento da Política Nacional de Inteligência (Agência Brasileira de Inteligência, 2023c).

Com o advento do ciberespaço, a relação de efeito causal dos discursos encontrou um novo território em relação à responsabilidade de seus emissores (Paveau, 2016). Este ambiente digital propiciou o surgimento de uma cultura e

identidade própria, dando origem a um arcabouço normativo singular. Muitos entusiastas da tecnologia acreditavam que o ciberespaço inaugurou uma era de aprendizado e compreensão sem precedentes, inclusive aventando a possibilidade de um declínio do Estado-Nação (Bartlett, 2014). Contudo, como Michel Foucault delimitou, em nossa sociedade não existe um tribunal filosófico<sup>65</sup> definitivo encarregado de determinar de forma inequívoca o que constitui a verdade (Foucault, 1998). Os espaços digitais não escaparam a essa realidade, e isso se evidencia nos primeiros anos da internet, quando surgiram defensores de uma concepção de liberdade sem limites. O famoso manifesto intitulado "*Declaration of the Independence of Cyberspace*" [Declaração da Independência do Ciberespaço], escrito por John Perry Barlow em 1996, ilustra essa perspectiva, propondo que a internet seja um espaço autônomo, desprovido de regulamentações externas (Perry-Barlow, 2022).

Por outro lado, de acordo com Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018), o advento da internet também trouxe aspectos positivos para o discurso. Segundo os autores, muitos enxergaram o excesso de liberdade como uma oportunidade para a democratização da informação e da comunicação. Um exemplo emblemático disso foi a Primavera Árabe<sup>66</sup>, que demonstrou como a liberdade na rede poderia ser utilizada para promover a mobilização popular e a disseminação de ideias democráticas. Em países do Oriente Médio e do Norte da África que estiveram sob regimes ditatoriais por décadas, as redes sociais serviram como palco para a organização de mobilizações civis. Naquela época, era difícil imaginar que, pouco anos depois, a "recessão democrática<sup>67</sup>" se tornaria um dos temas mais relevantes em relação a esses desenvolvimentos.

Enquanto nos anos 90, a ênfase recaía sobre a liberdade na internet na totalidade, no início do século XXI, as redes sociais começaram a chamar a atenção

---

<sup>65</sup> O papel do tribunal filosófico é estabelecer as regras do jogo da verdade e da justiça, decidindo o que é aceitável e o que não é em um determinado contexto cultural e histórico. Foucault argumenta que essas regras são moldadas por forças políticas, econômicas e sociais e, portanto, não são neutras ou objetivas.

<sup>66</sup> A Primavera Árabe foi um movimento social e político que ocorreu em vários países do Oriente Médio e do Norte da África, a partir do final de 2010 e início de 2011. O movimento foi marcado por protestos em massa, manifestações e conflitos violentos, que resultaram em mudanças políticas significativas em alguns países. O estopim da Primavera Árabe foi a autoimolação do jovem tunisiano Mohamed Bouazizi, em dezembro de 2010, como protesto contra a corrupção policial e o desemprego.

<sup>67</sup> Um processo gradual em que as instituições democráticas e os valores associados a elas são erodidos, minados ou enfraquecidos por ações de líderes políticos que buscam ampliar seu poder e influência.



para a liberdade de expressão e a percepção de que as democracias seriam fortalecidas por meio dessas manifestações. O fim do processo contínuo de expansão democrática global e o fracasso da democratização nos países que participaram da Primavera Árabe - com apenas a Tunísia conseguindo realizar uma transição bem-sucedida - deram origem a um novo ciclo de análises sobre os Estados democráticos. Como resultado, após o referendo que determinou a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit<sup>68</sup>) e a eleição de Donald J. Trump como presidente dos Estados Unidos, emergiram debates públicos em busca de compreender o impacto da intervenção digital nas sociedades em todo o mundo e como isso poderia afetar as democracias (Levitsky e Ziblatt, 2018).

Conforme destacado por Marie-Anne Paveau (2016), um dos pilares fundamentais da ética discursiva digital reside na noção de integridade discursiva, à qual a autora faz referência em relação à questão da privacidade, como discutido no capítulo anterior. Portanto, o caso da *Cambridge Analytica* emerge como um evento que sublinha a imperatividade de um diálogo aprofundado acerca da ética digital, uma vez que, conforme argumentado por Kaiser (2020), a privacidade *online* de numerosos utilizadores americanos no *Facebook* foi violada com o intuito de promover uma campanha pró-Trump (Kaiser, 2020). Esse episódio amplifica as preocupações previamente delineadas por Cathy O'Neil (2021) no tocante à utilização de *algoritmos* (O'Neil, 2021).

Esta problemática também se manifesta na intrincada e preocupante relação entre infodemia<sup>69</sup> e pós-verdade (D'Ancona, 2018; Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). A infodemia representa o fenômeno da disseminação descontrolada e excessiva de informações, incluindo *fake news*, boatos e desinformação, muitas vezes amplificadas pelas redes sociais e pela velocidade da era digital (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). Nesse contexto, a pós-verdade surge como um assunto de extrema relevância, uma vez que descreve a tendência em que decisões e crenças são moldadas mais pela emoção e pela narrativa pessoal do que pelos fatos objetivos, tendo nas eleições americanas de 2016 a campanha de Trump como

---

<sup>68</sup> O Brexit foi a decisão do Reino Unido de se retirar da União Europeia (UE), que foi confirmada por um referendo em 23 de junho de 2016. A palavra "Brexit" é uma combinação de "British" (britânico) e "exit" (saída). O referendo foi proposto pelo então primeiro-ministro do Reino Unido, David Cameron, em resposta a pressões de membros do Partido Conservador que queriam que o país deixasse a UE.

<sup>69</sup> Conforme declarado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), escritório regional da OMS, a infodemia se caracteriza como "um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que dificultam encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa" (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020, p. 2).

um marco, de acordo com Matthew D'Ancona (2018). A pós-verdade enfraquece ainda mais a capacidade de discernir informações confiáveis daquelas que não o são, tornando a sociedade mais vulnerável às influências manipuladoras e à propagação de desinformação em uma era de infodemia, na qual a verdade muitas vezes compete com narrativas persuasivas, mas enganosas (D'Ancona, 2018; Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

A pós-verdade e a infodemia têm implicações significativas, uma vez que, como observado por Ramon M. Cosenza (2016), os seres humanos têm uma tendência inerente ao viés de confirmação. Isso significa que o cérebro humano tende a buscar ou interpretar fatos conforme as crenças, expectativas ou hipóteses disponíveis no momento, muitas vezes ignorando informações que contradigam as crenças. O autor considera esse comportamento como um desvio cognitivo comum na vida cotidiana, o qual pode contribuir para a manutenção de estereótipos. Geralmente, quando chegamos a uma conclusão, crença ou ponto de vista, tendemos a buscar evidências que o sustentem, evitando esforço para considerar cenários alternativos. A presente disposição de viés cognitivo induz à aquisição de satisfação perante o desfecho alcançado, muitas vezes resultando na tendência à preservação de recursos energéticos, bem como à resistência à exploração de múltiplas perspectivas (Cosenza, 2016).

De acordo com Matthew D'Ancona (2018), uma das principais impulsionadoras da proliferação do fenômeno da pós-verdade em nossa sociedade é a carência de regulamentação no que concerne à definição e validação da veracidade. Este cenário é exacerbado pelo aumento do acesso à informação e a emergência de novos meios de comunicação, notadamente as redes sociais, que têm tornado crescentemente desafiador o discernimento entre informações e narrativas enganosas. Como resultado, verificou-se um declínio na confiança depositada nas instituições tradicionais, uma vez que os canais de comunicação amplificam tendencialmente nosso viés de confirmação, sobretudo no âmbito da mídia e da política, contribuindo, conseqüentemente, para uma crescente polarização na sociedade.

D'Ancona propõe que a solução para o problema da pós-verdade não repousa meramente na regulamentação da informação ou na imposição de padrões de veracidade, mas sim na ênfase dada à importância do desenvolvimento de habilidades críticas e cívicas que capacitem os indivíduos a discernir entre a verdade

e a falsidade. Este imperativo requer um esforço educativo no sentido de instruir as pessoas a avaliar de forma crítica as fontes de informação, verificar os fatos e adotar uma atitude crítica em relação ao material que consomem (D'Ancona, 2018).

A pós-verdade ganha ainda mais força diante da "*Firehose of Falsehood*" [Mangueira de Falsidades], termo que descreve o modelo contemporâneo de propaganda russa, observado no plebiscito da Crimeia em 2014. Conforme detalhado por Paul e Matthews (2016), a máquina de propaganda opera de diversas maneiras. Ela produz uma quantidade considerável de propaganda em múltiplos formatos, incluindo texto, vídeo, áudio e imagens estáticas, distribuídos por meio da internet, redes sociais, televisão via satélite e transmissões de rádio. Além disso, a propaganda russa é caracterizada por disseminar verdades parciais ou mesmo ficções completas, frequentemente sem se comprometer com a consistência e a credibilidade. Essa estratégia de propaganda é rápida, constante e repetitiva, sendo projetada para confundir e sobrecarregar sua audiência.

Canais de "notícias" russos, como RT e *Sputnik*, são concebidos para se assemelhar a programas de notícias convencionais, e seus apresentadores são retratados como jornalistas e especialistas, o que aumenta a credibilidade percebida das desinformações que disseminam. No entanto, as informações veiculadas por esses canais não refletem necessariamente a verdade ou a precisão, fazendo parte da máquina de propaganda. Portanto, embora possam aparentar ser programas de notícias, não seguem os padrões éticos da imprensa tradicional. A Rússia também emprega uma grande quantidade de "*trolls*"<sup>70</sup> pagos na internet, que atacam ou minam visões, ou informações contrárias aos interesses russos, fazendo isso por meio de salas de bate-papo *online*, fóruns de discussão e seções de comentários em *sites* de notícias e outras plataformas (Paul e Matthews, 2016).

A jornalista Patrícia Campos Mello (2020) elabora uma análise detalhada sobre o uso do *WhatsApp* por parte de empresas de marketing político no Brasil, a partir das eleições de 2018, que teve como intuito o de disseminar desinformação e influenciar a opinião pública. Este processo envolveu a aquisição de pacotes para o envio massivo de mensagens direcionadas contra candidatos específicos ou partidos políticos. A autora faz uma pertinente comparação com a estratégia

---

<sup>70</sup> Um troll é um indivíduo pago para disseminar propaganda russa e atacar visões opostas em salas de bate-papo *online*, fóruns de discussão e seções de comentários em sites de notícias e outros *sites*. Esses trolls também criam e mantêm milhares de contas falsas em plataformas de mídia social para disseminar propaganda russa.

empregada pelo russo Vladimir Putin, que já havia utilizado tais táticas de desinformação de maneira intensiva em 2014, durante a anexação da Crimeia (Mello, 2020).

Essa analogia é congruente com a descrição oferecida por Paul e Matthews (2016), que caracterizaram a propaganda de Putin como "uma mangueira de incêndio da falsidade". Em ambos os casos, observa-se a disseminação em larga escala de narrativas incorretas com o propósito de manipular a opinião pública (Paul e Matthews, 2016). Segundo Campos Mello (2020), essas empresas nacionais de marketing político contrataram indivíduos para efetuar os disparos massivos de mensagens, direcionadas a uma ampla base de números de telefone, considerando a ampla disseminação do *WhatsApp* no país. Ao contrário das redes sociais, o *WhatsApp* não utiliza *algoritmos* para essa finalidade, o que torna necessário o emprego de pessoas para coordenar os disparos. Além disso, durante as eleições de 2018, a autora relata fraudes envolvendo Cadastros de Pessoa Física (CPF) e *chips* de celular, utilizados para efetuar os disparos em massa de mensagens políticas via *WhatsApp*. Outro aspecto relevante ressaltado é a continuidade das atividades de *bots* (inteligência artificial), *trolls* e *sockpuppets* (perfis fictícios) mesmo após o segundo turno das eleições nas plataformas, evidenciando a persistência dessas estratégias de manipulação da opinião pública (Mello, 2020).

O antropólogo David Nemer (2021) relata que na ausência de um *algoritmo*, a "Infraestrutura<sup>71</sup> Humana" de *fake news* assumiu um papel de radicalização no *WhatsApp*. A arquitetura criptografada de ponto-a-ponto do aplicativo pode fornecer aos usuários um sentimento de segurança e privacidade, já que não há *algoritmos* interferindo em suas mensagens. Ele também ressalta que as mensagens fornecem um senso de espontaneidade, já que o aplicativo provê a qualquer pessoa a habilidade de produzir e compartilhar conteúdo (Nemer, 2021). No entanto, como mencionado anteriormente, essa característica do *WhatsApp* acaba por contribuir com a pós-verdade e a infodemia. Os grupos radicais que disseminavam desinformação surgiram durante as eleições de 2018, abordando uma variedade de temas, e persistiram mesmo após o período eleitoral, embora em menor número (Nemer, 2021). Tais grupos desempenharam um papel análogo à "plataforma Rousseau" de Beppe Grillo na Itália (Empoli, 2021).

---

<sup>71</sup> "redes construídas que facilitam o fluxo de bens, pessoas ou ideias e permitem sua troca através do espaço".

A crise da COVID-19 exacerbou significativamente a problemática do uso malicioso das redes sociais. De fato, em abril de 2020, uma pesquisa conduzida pela Reuters revelou que cerca de 37% dos entrevistados identificaram um excesso de desinformação relacionada à COVID-19 nas plataformas de redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, enquanto aproximadamente 32% relataram encontrá-la por meio de aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*. Durante o período de janeiro a março de 2020, constatou-se que 59% da desinformação era resultado da reconfiguração e recontextualização de informações, enquanto 38% consistiam em informações completamente fabricadas. É relevante observar que, em sua maioria, esse conteúdo desinformativo era gerado por meio de *software* amplamente acessível e de baixo custo, frequentemente denominado como "falsificações baratas," conforme relatado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2023).

Um estudo em âmbito nacional levantou a presença de 329 *fake news* relacionadas à pandemia de COVID-19 que circularam no Brasil de janeiro a junho de 2020. Estas narrativas enganosas foram amplamente difundidas por meio de plataformas como *WhatsApp* e *Facebook*. Quanto aos tópicos mais recorrentes abordados pelas *fake news*, destacam-se questões de natureza política, como, por exemplo, falsas alegações envolvendo governantes e a vacinação contra a COVID-19 (representando 20,1% das *fake news*), seguidas por temas relacionados à epidemiologia e estatísticas, incluindo distorções na proporção de casos e óbitos (correspondendo a 19,5%), além de abordagens relacionadas à prevenção (totalizando 16,1%). Conforme os dados do *Google Trends*, observou-se um aumento significativo de 34,3% nas buscas que continham termos associados às *fake news*. Esse aumento nas pesquisas foi mais acentuado na região sudeste (com um aumento de 45,1%) e nordeste (com um aumento de 27,8%) (De Barcelos et al., 2021).

A adesão à vacinação é um fenômeno complexo, influenciado pelas representações simbólicas e pelos mecanismos socioculturais que configuram as atitudes das comunidades em relação à imunização. Vários fatores desempenham um papel de considerável relevância na tomada de decisão nesse contexto, incluindo a percepção da segurança, eficácia e importância das vacinas, juntamente com a harmonia com valores religiosos individuais. Em países onde a confiança nas vacinas é notável, é comum observar uma maior adesão à vacinação. Destacam-se, nesse cenário, regiões como a África, América Latina e o subcontinente indiano,

onde a experiência positiva no controle de doenças preveníveis por meio da imunização tem impulsionado a participação da população.

No decorrer da história, o Brasil demonstrou uma elevada confiança na prática da vacinação. No entanto, nos últimos anos, foi observada uma notável redução nessa adesão. De acordo com estudos realizados em novembro de 2015, mais de 90% dos participantes concordavam plenamente com a afirmação de que "as vacinas são importantes". Em novembro de 2018, esse índice caiu para a faixa entre 80% e 89,9%. A confiança plena nas alegações de que "as vacinas são seguras" e "as vacinas são eficazes" diminuiu ainda mais durante o contexto da pandemia, variando de 70% a 79,9% para um intervalo de 60% a 69,9%. Esse declínio na confiança é um fenômeno persistente e atingiu níveis sem precedentes, em grande parte devido à proliferação generalizada de desinformação, que se disseminou amplamente por meio de dispositivos eletrônicos (Galhardi et al., 2022).

As *fake news* foram usadas para manipular a opinião pública e desprestigiar as instituições, visando obter vantagens econômicas e/ou políticas (Senado Federal, 2023). Pois, durante os primeiros seis meses da pandemia de COVID-19 no Brasil, as *fake news* se destacaram por conterem conteúdo de natureza política e desinformação relacionada ao número de casos e óbitos, bem como às medidas de prevenção e tratamento. Essas narrativas falsas frequentemente adotaram uma linguagem que se assemelhava a utilizada por órgãos oficiais de saúde, como o Ministério da Saúde, e também por veículos de imprensa. Os principais canais de disseminação dessas *fake news* foram o *WhatsApp* e o *Facebook*, fazendo uso de mensagens, imagens e vídeos (De Barcelos et al., 2021).

No contexto da estratégia de comunicação relacionada ao plano de vacinação, constata-se a utilização de meios de comunicação tradicionais, tais como televisão e rádio, com o intuito de promover a conscientização sobre a importância da imunização. É crucial ressaltar que, à medida que as narrativas enganosas disseminadas por meio das redes sociais adotam uma estética linguística similar àquelas veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais, atribuem-se uma aparência de credibilidade que, na realidade, não possuem (Ministério da Saúde, 2021; Senado Federal, 2023).

A exploração maliciosa de redes sociais e canais de comunicação menos regulamentados, que empregam criptografia de ponta a ponta, não representa um fenômeno recente e iniciou-se antes da eclosão da crise da COVID-19. A suspensão

de mais de 200.000 contas de extremistas pelo *Twitter* em agosto de 2016 resultou em uma migração para plataformas de mensagens que oferecem criptografia de ponta a ponta, tais como *Telegram* e *WhatsApp*. Esses serviços atraíram extremistas violentos devido à considerável liberdade de conteúdo que proporcionam, ao mesmo tempo, em que desafiam significativamente as capacidades das agências de aplicação da lei em monitorar suas atividades (ONU, 2023).

Conforme destacado por Nemer (2021), a radicalização em contextos de grupos *online* se manifesta como resultado da prolongada exposição dos usuários a determinados vieses narrativos, um processo que pode ser subdividido em três fases distintas: normalização, familiarização e, por fim, desumanização. Na fase de normalização, recursos típicos da internet, como memes frequentemente imbuídos de elementos irônicos, são empregados como meios para gradualmente introduzir conceitos extremistas aos usuários, permitindo-lhes manter uma negação plausível das ideias. A fase subsequente, denominada familiarização, é o estágio em que os usuários se aclimatam e, de alguma maneira, tornam-se menos sensíveis a conteúdos tipicamente associados a racismo ou misoginia, estabelecendo um novo limiar de aceitabilidade e afastando gradualmente o indivíduo do ponto central em direção às extremidades do espectro, um fenômeno frequentemente observado em comunidades que compartilham conteúdos dessa natureza. Por último, a fase de desumanização é o ponto em que os usuários, devido à extrema exposição a narrativas radicais, podem reduzir a empatia e consideração pelas outras pessoas, muitas vezes tratando-as como "inimigos" ou "outros", perdendo assim uma parte significativa de sua humanidade (Nemer, 2021).

No campo da política, os autores Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) ressaltam que a principal preocupação da exploração maliciosa de redes sociais reside no desrespeito às "regras informais" dos debates democráticos, as quais compreendem um conjunto de normas e práticas que, embora não estejam formalmente codificadas nas leis e constituições, desempenham um papel crucial no funcionamento da democracia. Estas incluem, entre outros aspectos, a cooperação entre diferentes partidos políticos, a aceitação das derrotas eleitorais e a disposição de colaborar em prol do bem comum. Entretanto, os autores argumentam que a eficácia e a durabilidade dessas regras são mais notáveis em países onde as constituições escritas são reforçadas por normas não escritas do jogo.

Nesse contexto, a carência de clareza nas regras que definem o conceito de "verdade" e "mentira" na esfera pública emerge como um tema crítico abordado por Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) em sua obra "Como as Democracias Morrem". Os autores sustentam que a disseminação de desinformações representa um desafio para as democracias modernas, sendo a ausência de regras definidas para sua identificação e a responsabilização dos responsáveis uma das causas desse problema. A manipulação da informação pode erodir a confiança pública nas instituições democráticas, tornando, assim, imperativo o estabelecimento de abordagens eficazes para enfrentar essa ameaça. Levitsky e Ziblatt (2018) enfatizam a necessidade de que as democracias estabeleçam regras transparentes e precisas para assegurar a precisão e a credibilidade das informações, bem como para responsabilizar aqueles que disseminam as *fake news*.

É plausível observar que a proliferação de desinformação em democracias pode ser uma resposta à crescente desconfiança dos indivíduos em relação aos meios de comunicação jornalísticos. Um exemplo notório é o ex-presidente americano Donald Trump, que intensificou os esforços para desacreditar figuras-chave do sistema político e informacional, inclusive por meio de ataques retóricos à mídia crítica. Trump acusou veículos de imprensa como o *The New York Times* e a CNN de disseminarem "*fake news*" e de conspirarem contra ele, utilizando uma retórica reminescente de práticas autoritárias<sup>72</sup> (Levitsky e Ziblatt, 2018). Em relação ao cenário digital, Donald Trump soube tirar vantagem das ferramentas disponíveis, como exemplificado na atuação da *Cambridge Analytica* (Kaiser, 2020). Todavia, a utilização dessas ferramentas digitais ressaltam a complexa interação entre a democracia e uma infraestrutura de inteligência bem estabelecida, que detém um vasto acervo de informações e experiência em vigilância e interceptação de comunicações. Esta relação pode dar origem a potenciais ameaças tanto ao governo quanto aos cidadãos, considerando sua operação sob um manto de sigilo (Cepik, 2002).

Conforme salienta Danah Boyd (2017), estamos imersos em uma guerra de informações, na qual as *fake news* estabelecem conexões previamente inexistentes. Ela adverte sobre a preocupação com indivíduos, inclusive jornalistas, que inadvertidamente compartilham informações equivocadas. Contudo, uma

---

<sup>72</sup> Dentre os inúmeros exemplos mencionados pelos autores, destacamos o governo de Adolf Hitler na Alemanha, durante o período de 1933 a 1945.



inquietação ainda mais acentuada emerge quando se trata das campanhas sistemáticas de disseminação de desinformação, a autora argumenta que as agências de notícias, treinadas para reportar informações e manter um modelo conceitual de padrões, encontram-se inadequadamente preparadas para compreender o papel que desempenham nessa guerra da informação. É imprescindível reconhecer que as ações da mídia desempenham um papel crucial na moldagem do desenvolvimento dessa guerra. A busca por "fatos alternativos" impulsiona uma economia de atenção e influência a opinião pública, fundamentando-se em tecnologias de difusão "um para muitos", nas quais as redes sociais permitem que fragmentos de propaganda sejam direcionados a determinados usuários em redes ou grupos que apresentam maior probabilidade de aceitar e compartilhar mensagens específicas. Conforme a autora, "Eles [*hackers*, fraudadores e inimigos] estão travando uma guerra contra a mídia e a mídia não sabe o que fazer além de informar sobre isso" (Boyd, 2017).

No intuito de mitigar os impactos decorrentes do fenômeno das *fake news*, a autora Claire Wardle (2017) destaca a existência de sete categorias distintas de conteúdo problemático em nossos ecossistemas de informação, conforme demonstrado na tabela abaixo. É imperativo examinar minuciosamente essas diversas formas de conteúdo falso a fim de compreender as motivações dos criadores de conteúdo e os mecanismos de disseminação de desinformação. Por meio de uma "Matriz de *Fake News*" elaborada pela autora, observamos a categorização desse fenômeno. Wardle argumenta que a "influência política" desempenha um papel central na disseminação de quatro tipologias específicas: "conteúdo enganador", "contexto falso", "contexto manipulado" e "conteúdo fabricado" (Wardle, 2017).

**Tabela 2 - Tipologia das *Fake News*.**

<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>
<b>Sátira ou Paródia</b>	Nenhuma intenção de causar danos, mas tem potencial para enganar. Tem-se como exemplo os memes.
<b>Conteúdo Enganador</b>	Uso de conteúdos verídicos, mas com enquadramento ou seleção de recortes que favorecem uma narrativa. Nesta categoria também estão os conteúdos que se parecem espontâneos, mas que na verdade são contratados ou automatizados. Fazendas de cliques, de likes (e de comentários). Falsa impressão de organicidade e engajamento.
<b>Conteúdo Impostor</b>	Uso de logotipos e outras formas de design de veículos de imprensa para se fazer passar por conteúdo legítimo. Por vezes, também se valendo da falsa atribuição de texto, foto ou vídeo como forma de dar credibilidade ao conteúdo.
<b>Conteúdo Fabricado</b>	Conteúdo inteiramente inventado para suportar uma narrativa, sem qualquer base fática. Usualmente criado com o intuito de gerar engajamento e reforçar convicções em seguidores.
<b>Conexão Falsa</b>	Uso de títulos, legendas e outros recursos que incentivam o clique, a leitura ou o simples compartilhamento de conteúdo, feito para gerar audiência.
<b>Contexto Falso</b>	Uso de conteúdos genuínos, mas fora de seu contexto original, servindo para fomentar narrativas e supostamente comprovar fatos com os quais não guardam relação.
<b>Contexto Manipulado</b>	Uso de ferramentas de edição para alterar conteúdo genuíno, geralmente com a inserção de pessoas em fotos ou vídeos.

Fonte: Autor, adaptado de Wardle, 2017.

A tabela demonstra que os casos envolvendo a manipulação discursiva atuam de forma ampla na disseminação de narrativas falsas, podendo ser consideradas ações fraudulentas. Parte dessas categorias visa desinformar, usando abordagens tecnológicas cada vez mais diversificadas, incluindo formatos de entretenimento, como memes e manipulações visuais (como supostos "vazamentos de áudios", vídeos alterados, sátiras e paródias). Portanto, ao buscar uma definição, podemos afirmar que as *fake news* não são necessariamente uma manipulação jornalística, pois nem sempre buscam parecer uma comunicação oficial de jornalismo. Esse fenômeno não está necessariamente oposto à verdade, podendo ser baseado em contextos verdadeiros ou fragmentos factuais. Isso causa uma desordem narrativa, com o intuito de confundir seus receptores (Wardle, 2017).

O fenômeno das *fake news* invade o território jornalístico na tentativa de se

apropriar de uma credibilidade que naturalmente não lhes pertence, buscando assim expandir sua influência e aceitação na sociedade, tal como ilustrado pela metáfora da "mangueira de falsidade" (Paul e Matthews, 2016). Em consonância com análises de renomadas autoras como Claire Wardle (2017), Danah Boyd (2017) e Patrícia Campos (2020), assim como outras contribuições na pesquisa sobre *fake news* nas plataformas de comunicação no Brasil que destacam semelhanças com o processo jornalístico (Benitti, 2020), fica claro que a interseção entre o jornalismo e as *fake news* representa um desafio significativo para a informação<sup>73</sup> pública (Wardle, 2017; Boyd, 2017; Mello, 2020). Esse desafio emerge devido à notável disparidade no compromisso com a veracidade entre *fake news* e o jornalismo tradicional. A tarefa de conceituar de forma precisa esse fenômeno na língua portuguesa revela-se complexa, uma vez que sua tradução literal para "notícia falsa" demonstra-se inadequada. Essa inadequação decorre de uma contradição inerente, dado que algo categorizado como informação não pode, por definição, ser falso, enquanto algo falso não pode ser considerado uma informação válida (Canário, 2018).

A UNESCO reafirma a relevância crucial de um jornalismo de excelência e adverte sobre os danos causados à missão jornalística pela propagação de desinformação e informações imprecisas. O jornalismo de alta qualidade se distingue pela sua capacidade de fornecer informações precisas e responsáveis, diferentemente do "jornalismo deficiente" que frequentemente deixa de cumprir essa promessa. Infelizmente, o "jornalismo deficiente" pode ser caracterizado por erros frequentes, resultantes de pesquisas inadequadas ou falta de verificação apropriada. É importante ter em mente, no entanto, que essas publicações ainda desempenham um papel na seleção e filtragem de informações relevantes, apesar de suas deficiências, e podem ser posteriormente corrigidas (Ireton e Posetti, 2019). Contudo, é fundamental destacar que a inclusão de mentiras como conteúdo jornalístico viola os Princípios Internacionais de Ética Profissional no Jornalismo, estabelecidos pela Associação Brasileira de Imprensa, e também infringe o artigo 5º da Constituição Federal, uma vez que ambos estabelecem que a busca pela

---

<sup>73</sup> A informação é "[...] verdadeira e autêntica através de uma dedicação honesta para realidade objetiva por meio de que são informados fatos conscienciosamente no contexto formal deles/delas e mostram as conexões essenciais deles/delas e sem causar distorção, com desenvolvimento devido da capacidade criativa do jornalista, de forma que o público é provido com material adequado para facilitar a formação de um quadro preciso e compreensivo do mundo no qual a origem, a natureza e a essência dos acontecimentos, processos e estados dos casos são tão objetivamente quanto possível compreendidos" (Associação Brasileira de Imprensa, 2002).

verdade é uma responsabilidade social primordial. Além disso, a disseminação de desinformação pode acarretar graves consequências para a sociedade, afetando áreas como a saúde pública, política e economia (Associação Brasileira de Imprensa, 2002).

### 3.4 - Análise Metodológica

#### 3.4.1 - Agência Lupa

Durante o período compreendido entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021, foram catalogadas apenas sete *fake news* encontradas através da Agência Lupa. Abaixo encontra-se uma tabela com os sete títulos das *fake news* presentes no banco de dados da agência, através da busca pelas palavras “Vacina” e “COVID-19”, e pode ser observado no Anexo 1 nesta pesquisa.

#### 3.4.2 - *Fake News* 1: Voluntária nos EUA apresentou ‘feridas sangrentas’ após teste da vacina da Covid-19.

A *fake news* apresenta o seguinte discurso narrativo:

“VOLUNTÁRIA DO TESTE DA VACINA COVID-19 TEVE REAÇÃO ADVERSA. [...] Foi voluntária em um estudo de VACINA COVID-19 e teve uma reação adversa grave. Ela não consegue andar ou trabalhar há quase 4 semanas por causa de enormes feridas sangrantes nos pés. Essas feridas são chamadas de Erupção Fixa por Drogas para aqueles que desejam se aprofundar um pouco mais em como isso acontece [...]”

A Lupa constatou que a narrativa em questão é inverídica. A empresa farmacêutica *Pfizer*, responsável pela condução dos testes da vacina contra a COVID-19 no estado do Texas, emitiu um comunicado confirmando que a pessoa retratada nas imagens do post (anexo 1) atuou como voluntária nos ensaios clínicos do imunizante desenvolvido pela companhia. No entanto, a *Pfizer* enfatizou que as lesões adquiridas pela voluntária não possuem qualquer relação com os testes realizados. A própria voluntária compartilhou um vídeo no *Youtube*, no qual explica

que faz parte do grupo controle, ou seja, recebeu o placebo, e atribui as feridas a uma reação alérgica a um medicamento anti-inflamatório (Lupa, 2022g).

Por meio das ferramentas de análise de discurso digital, podemos identificar que essa *fake news* possui a característica de "composição", pois combina elementos textuais e visuais, resultando em uma mistura de discursos, com "deslinearização" de discursos, pois a imagem direciona o leitor para outro texto. Esse redirecionamento pode ocorrer tanto dentro como fora da plataforma, e no caso da imagem, o direcionamento era para um texto externo. O discurso leva a uma "ampliação" do discurso, uma vez que é possível fazer comentários. Além disso, há a possibilidade de "investigação", permitindo que se pesquise por esses discursos dentro do próprio *Facebook*. Foi observado que os internautas têm uma "relacionalidade" com o discurso, pois interagem com o enunciado, compartilhando-o. Essa relação é estabelecida pela subjetividade do internauta, que pode interpretar e interagir com o discurso de maneira subjetiva, como expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, opções oferecidas pela plataforma. Consta a característica de "imprevisibilidade", pois está circulando numa plataforma de *algoritmos*. Utilizando a "Matriz de *Fake News*", essa *fake news* se enquadra como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

3.4.3 - *Fake News* 2: A Vacina Covid-19 é esterilização feminina, denunciam especialistas.

A *fake news* apresenta o seguinte discurso narrativo:

"A vacina contém uma proteína spike chamada sincitina-1, vital para a formação da placenta humana em mulheres. Se a vacina funcionar de modo a formarmos uma resposta imunológica CONTRA a proteína spike, também estaremos treinando o corpo feminino para atacar a sincitina-1, o que pode levar à infertilidade em mulheres por um período não especificado (...)" (Lupa, 2022c).

O trecho do texto foi publicado no *Facebook* no dia 4 de dezembro de 2020, e tinha sido compartilhado por mais de 100 pessoas. Na imagem (anexo 2) há uma publicação usando a tradução de um conteúdo, que supostamente fora escrito pelo médico alemão Wolfgang Wodarg e Michael Yeadon, seu ex-chefe de pesquisa

respiratória da *Pfizer*. Wodarg já havia se envolvido em diferentes polêmicas relacionadas à pandemia do novo coronavírus; em abril de 2020, ele afirmou, equivocadamente, que o vírus era inofensivo. Foi verificado pela Agência Lupa que não existia, até aquele momento, evidências científicas que comprovassem que a estrutura da proteína spike, presente no coronavírus, era usada como base no desenvolvimento da vacina contra a COVID-19, e que a sincitina-1, trata-se de uma proteína produzida pelo próprio corpo humano (Lupa, 2022c).

Utilizando as ferramentas de análise de discurso digital, podemos apontar que esta *fake news* apresenta a característica de “composição” por apresentar um hibridismo semiótico entre textos e imagens, causando uma “bricolagem” de discursos, com “deslinearização”, pois a imagem leva o leitor a outro texto. Este direcionamento pode ser tanto externo à rede, como interno. No caso da imagem, era direcionado para um texto interno, que acarreta numa “ampliação” do discurso, por ser possível comentar. Consta a característica de “imprevisibilidade”, pois está circulando numa plataforma de *algoritmos*. Também há “investigabilidade”, enquanto se pode pesquisar por esses discursos dentro do próprio *Facebook*. Observou-se que há “relacionalidade” dos internautas com o discurso, pois há uma interação dos (escri)leitores<sup>74</sup> com o enunciado, chegando ao ponto de compartilhá-lo. Essa relação é moldada pela subjetividade do internauta, em que o internauta pode interpretar e interagir com o discurso, até mesmo de forma mais subjetiva, como curtir e colocar caracteres de aprovação ou rejeição, possibilidades fornecidas pela plataforma. Utilizando a “Matriz de *Fake News*”, essa *fake news* se enquadra como “conteúdo impostor”, “conexão falsa” e “contexto manipulado”.

3.4.4 - *Fake News* 3: Seis pessoas morreram no estágio final dos testes da *Pfizer* com a vacina da COVID-19.

“Seis pessoas morreram no estágio final dos testes da *Pfizer* com a vacina COVID-19”, revelou a *Food and Drug Administration* (FDA). Esse trecho foi extraído do conteúdo publicado pelo site diariodobrasil.org que, até o dia 9 de dezembro de 2020, tinha sido compartilhado 120 vezes no *Facebook*. Segundo a publicação, a informação teria sido confirmada pela FDA, a agência norte-americana de regulação

---

<sup>74</sup> Essa categoria se refere a pessoas que têm habilidades tanto na escrita quanto na leitura, mas que não são necessariamente escritores profissionais ou leitores ávidos.

de alimentos e medicamentos. A informação analisada pela Agência Lupa é verdadeira, mas está fora de seu contexto, pois das seis mortes dos voluntários durante o período de testes, nenhuma estava relacionada com a aplicação das doses da vacina. Cerca de 38 mil pessoas participaram dos testes, sendo que quatro dessas pessoas que faleceram faziam parte do grupo que recebeu placebo, e não o imunizante contra a COVID-19. Portanto, a vacina não causou a morte dessas pessoas. Dos outros dois participantes que morreram, um teve sua morte acarretada por uma parada cardíaca, 62 dias após a vacinação, e a outra por decorrência de uma arteriosclerose — condição em que os vasos sanguíneos podem endurecer com a idade — três dias após a vacinação (Lupa, 2022d).

A imagem apresenta a característica de “composição” com “deslinearização”, levando o leitor a outro texto dentro do próprio *Facebook*. Além disso, há “ampliação” do discurso e “investigabilidade”, somado à “relacionalidade” dos internautas com o discurso. Esses três últimos aspectos estão sendo considerados a partir da infraestrutura da rede na qual foi extraída a narrativa. Por se tratar de um enunciado que se apodera de fragmentos factuais, podemos afirmar que esta enunciação em específico se apodera de pré-discursos já endossados pelo corpo literário científico (revistas científicas, artigos científicos, papers) e/ou veículos tradicionais de comunicação o observável na própria imagem que remete a uma configuração textual jornalística, além de terem características. Além disso, essa *fake news* também se enquadra como “contexto falso”, “conteúdo impostor”, “conexão falsa” e “contexto manipulado”, segundo a Matriz de *Fake News*.

3.4.5 - *Fake News* 4: Bebê de dois anos MORRE durante experimentos da vacina da Covid-19 da Pfizer em crianças.

A *fake news* apresenta o seguinte discurso narrativo:

“Seis dias depois de receber uma segunda dose da vacina experimental contra o coronavírus Wuhan (Covid-19) da Pfizer, um bebê de dois anos faleceu nos testes clínicos da empresa para criança, indicam novos relatórios. Os testes em andamento incluem mais de 10.000 crianças com idades entre cinco e 11 anos em um dos grupos e outras 10.000 crianças com até seis meses (Lupa, 2022e)”.

A mensagem circulou em grupos de *WhatsApp*, e “descreve” que um bebê de dois anos morreu após participar de “experimentos” da vacina contra COVID-19, desenvolvida pela farmacêutica norte-americana *Pfizer*. Segundo a publicação, a criança teria morrido seis dias após receber a segunda dose do imunizante. O enunciado foi analisado pela Agência Lupa, que constatou se tratar de uma narrativa falsa, pois até aquele momento não havia registro de nenhuma morte entre os grupos de crianças com idades entre 6 meses e 11 anos que participaram dos estudos clínicos da vacina contra a COVID-19, desenvolvida pela *Pfizer* e *BioNTech* (Lupa, 2022e). A imagem apresenta característica de “composição”, ao apresentar a semiótica textual e imagem. Também existe a característica de “ampliação” da narrativa dentro dos espaços de interações fornecidos pela infraestrutura de comunicação digital do *WhatsApp*, conhecido como “grupos”, no qual os usuários podem interagir com a narrativa por meio de textos, áudios, *emojicons* e/ou por *stickers*, que caracteriza a “relacionalidade”, além da característica de “investigabilidade”, pois o *app* permite armazenar as mensagens. Segundo a Matriz de *Fake News*, esta falsa narrativa também se enquadra como “conteúdo impostor”, “conexão falsa” e “contexto manipulado”.

3.4.6 - *Fake News* 5: *Pfizer* anuncia atualização da vacina COVID-19, agora inclui chip da *Microsoft* para sintomas reduzidos.

A *fake news* apresenta o seguinte discurso narrativo:

“A *Pfizer* acaba de divulgar uma nova declaração para investidores citando que eles fecharam um acordo com a *Microsoft* para integrar seu chip de processador *Pluton* para reproduzir os sentimentos associados à vacina. No comunicado, afirma-se que os receptores da nova vacina esperam redução da fadiga, redução da dor, aumento da consciência etc. (Lupa, 2022h)”.

A Lupa verificou a narrativa circulada no *WhatsApp*, e concluiu que é falsa. A *Pfizer*, empresa farmacêutica, não anunciou qualquer “atualização da fórmula” de sua vacina contra a COVID-19 que incluía um chip da *Microsoft*. Segundo a assessoria de comunicação da empresa, essa narrativa é falsa.

Essa desinformação originalmente surgiu nos Estados Unidos no início de



abril de 2021. Inicialmente, foi publicada de forma satírica em um site de humor chamado *The Stonk Market*. No entanto, a afirmação foi tirada de seu contexto original e começou a ser divulgada como verdadeira por usuários italianos, americanos e russos. O chip mencionado na versão brasileira é o *Microsoft Pluton*, que é um processador de segurança usado em computadores e videogames como o *Xbox*, mas não tem qualquer relação com vacinas (Lupa, 2022h).

Por meio das ferramentas de análise de discurso digital, podemos identificar que essa *fake news* possui a característica de "composição". O discurso leva a uma "ampliação" do discurso, uma vez que é possível comentar e interagir com o discurso. Além disso, há a possibilidade de "investigação", e "relacionalidade" dos internautas com o discurso e "investigabilidade". Utilizando a "Matriz de *Fake News*", essa *fake news* se enquadra como "sátira ou paródia", "conteúdo impostor", "conexão falsa".

### 3.4.7 - *Fake News* 6: UNIÃO EUROPEIA SUBSTITUIRÁ VACINAS POR IVERMECTINA

A *fake news* apresenta o seguinte discurso narrativo:

"UNIÃO EUROPEIA SUBSTITUIRÁ VACINAS POR IVERMECTINA  
Boas notícias para quem não gosta da vacina covid-19: [...] Todas as vacinas não serão mais aprovadas a partir de 20 de outubro de 2021. A União Europeia aprovou cinco terapias que estarão disponíveis em todos os hospitais dos Estados-Membros para o tratamento de covid-19 (Lupa, 2022i)."

A Lupa verificou uma narrativa falsa que distorce um comunicado da Comissão Europeia, escrito em francês e publicado em junho de 2021. O comunicado trata do desenvolvimento de novas terapias para tratar a COVID-19 e não menciona a Ivermectina ou sugere que essas terapias substituirão a vacinação. O órgão regulador da União Europeia não recomenda o uso da Ivermectina na prevenção ou tratamento da Covid-19, limitando seu uso a testes clínicos.

Para conferir credibilidade à informação, a mensagem que circulou no *Facebook* inclui um *link* para um comunicado de imprensa publicado pelo site da Comissão Europeia em 29 de junho de 2021. O comunicado estava em francês, mas também havia uma versão em português. Ele enfatizava que o desenvolvimento de

terapias complementares ao programa de vacinação era importante para lidar com a doença, mas ressaltava que a imunização é a melhor maneira de acabar com a pandemia. O texto reconhecia que o Sars-CoV-2 não desapareceria e destacava a necessidade de tratamentos seguros e eficazes para reduzir o impacto da doença (Lupa, 2022i).

Por meio das ferramentas de análise de discurso digital é possível identificar que essa *fake news* apresenta características de "composição", pois combina elementos textuais e visuais, resultando em uma mistura de discursos. A "deslinearização" dos discursos ocorre quando a imagem (anexo 6) direciona o leitor para outro texto, tanto dentro como fora da plataforma. A "ampliação" do discurso ocorre por meio dos comentários e da "investigação", permitindo a pesquisa desses discursos dentro do próprio *Facebook*. Observou-se que os usuários da Internet têm uma "relacionalidade" com o discurso, interagindo e compartilhando-o. Essa relação pode ser estabelecida pela subjetividade do usuário, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, opções oferecidas pela plataforma. Essa narrativa falsa apresenta a característica de "imprevisibilidade", pois circula em uma plataforma de *algoritmos*. Ao aplicar a "Matriz de *Fake News*", ela se enquadra como "contexto falso" e "conexão falsa".

#### 3.4.8 - *Fake News* 7: O ANTÍDOTO CONTRA A MAGNETIZAÇÃO E ENVENENAMENTO GERADO PELAS VACINAS – SEGUNDO A DRA. JUDY MARKOVITS

A *fake news* apresenta o seguinte discurso narrativo:

“O que poderia proteger aqueles que foram injetados com a mistura que se faz passar por uma vacina COVID? Dra. Judy Mikovits pensa assim. Mikovits, que participou do filme *Plandemic*, revelou recentemente o nome dele: Suramin. As perturbadoras histórias de terror das vacinas de covid parecem nunca ter fim” (Lupa, 2022f).

Circulou pelo *WhatsApp* um *link* para um *site* que afirma existir uma espécie de “antídoto” para os efeitos adversos das vacinas contra a COVID-19. Segundo o texto, os imunizantes causariam efeitos colaterais adversos, como abortos espontâneos, esterilidade potencial e coagulação sanguínea. Diante disso, o antídoto agiria inibindo esses sintomas. Mas não existia nenhuma evidência de que

as vacinas causam tais efeitos e o medicamento Suramina fosse um “antídoto” para os efeitos adversos à utilização dos imunizantes. A matéria cita a “pesquisadora” Judy Mikovits (Lupa, 2022f), uma ativista anti-vacina conhecida por produzir discursos conspiratórios sobre a pandemia e o novo coronavírus. Mikovits teve seu trabalho desacreditado em 2011, depois que a revista científica *Science* publicou uma retratação a respeito de um de seus estudos sobre Síndrome de Fadiga Crônica. Em 2009, quando o estudo havia sido publicado, os resultados começaram a ser questionados por pesquisadores, e foi posteriormente comprovado a tese de que um vírus derivado de ratos, chamado XMRV, era a causa da dita Síndrome, pois pesquisadores mostraram que o vírus tinha sido criado acidentalmente em laboratório (Questão de Ciência, 2022). O texto do *site* menciona o filme *Pandemic*, que conta com a participação da pesquisadora (Lupa f, 2022), retirado de plataformas digitais, como *YouTube*, *Facebook* e *Vimeo* por exibir conselhos de saúde com falsas alegações sobre a COVID-19 (Questão de Ciência, 2022).

A “composição” do “linguageiro” com o “techno” na imagem (anexo 7) está apresentada numa estrutura de meios de comunicação tradicional de jornalismo, numa cenografia que recria um informativo, em que há um *link* de Internet, que apresenta a “deslinearização” ao implicar vias de acessos a outros discursos, numa espécie de navegação discursiva, isso está relacionado aos *hiperlinks*, mas não restritos a estes. As ferramentas de conversação da rede possibilitam a “ampliação” simultânea, tanto na interação dos usuários da rede com determinado texto, como no compartilhamento, configurando a “relacionalidade” dos (escri)leitores, podendo transbordar para fora do digital, através da reprodução desses discursos pelos indivíduos expostos a estes para os seus grupos sociais, além da “investigabilidade”. Consta a característica de “imprevisibilidade”, pois está circulando numa plataforma de *algoritmos*. Seguindo a “Matriz de *Fake News*”, essa *fake news* se enquadra nos mesmos conceitos das outras três narrativas analisadas, como “conteúdo impostor”, “conexão falsa” e “contexto falso”.

#### 3.4.9 - Agência Fato ou *Fake* da G1

Foram sistematicamente registradas manualmente todas as *fake news* relacionadas à vacina contra a COVID-19 submetidas à verificação pela Agência

Fato ou *Fake*, vinculada ao portal G1, durante o período compreendido entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021. Tal catalogação foi realizada na seção dedicada ao "Coronavírus", uma vez que a plataforma não disponibiliza recursos para a segmentação da busca por período temporal ou palavras-chave. A relevância temporal deste intervalo reside na abrangência de todas as instâncias de *fake news* catalogadas por esta pesquisa, originárias do levantamento efetuado pela Agência Lupa durante esse específico período temporal. Contudo, é imperativo ressaltar que a análise em questão se limita exclusivamente a falsidades de caráter textual, que podem ou não incluir imagem, excluindo abordagens relativas a vídeos e áudios. O levantamento se deu a partir da seleção de títulos de checagem que continham as palavras "vacina" e/ou "vacinas", além de palavras que faziam referências a vacina contra a COVID-19, como "vacinação", "imunizante", "plano de imunização", "Pfizer", "CoronaVac", "AstraZeneca", entre outros. Por vezes, constou-se que o título da checagem não era de igual ao das *fake news* analisadas, porém, para critério de apresentação e buscabilidade, optou-se manter o título da checagem elaborada pelo autor(a) da análise, em virtude da sua anexação ao banco de dados da agência.

#### 3.4.10 - *Fake News* 8: Laboratório de Wuhan e Pfizer sejam de propriedade da farmacêutica Glaxo

Disseminou-se através da plataforma de mensagens instantâneas *WhatsApp* uma mensagem com conteúdo falso, alegando uma suposta conexão entre o laboratório de Wuhan, na China, e a empresa farmacêutica Pfizer, fabricante de uma das vacinas contra a COVID-19. No contexto dessa narrativa, sugere-se que o laboratório biológico chinês em Wuhan pertence à Glaxo, que, coincidentemente, é proprietária da Pfizer, a empresa destacada na produção da vacina. A mensagem, em tom conspiratório, busca estabelecer uma relação causal entre a origem do vírus Sars-CoV-2 e as atividades dessas entidades.

É crucial ressaltar, contudo, que o Instituto de Virologia da cidade de Wuhan, vinculado à Academia Chinesa de Ciências, não possui afiliação a qualquer empresa privada, mas é uma entidade governamental chinesa, fundada em 1956, cuja atual estrutura foi inaugurada em 2015. Contrariando a mensagem propagada, a gigante farmacêutica britânica GlaxoSmithKline não exerce qualquer influência ou controle

sobre o referido laboratório, que foi erroneamente acusado, sem apresentação de evidências, pelos Estados Unidos de produzir o novo coronavírus.

É importante destacar que a alegação de que o vírus foi originado em laboratório já foi refutada pela equipe do Fato ou *Fake* e por cientistas no início da pandemia. O Sars-CoV-2, conforme consenso científico, possui origem natural. Por fim, é fundamental esclarecer que a Pfizer, empresa multinacional sediada nos Estados Unidos, não é de propriedade da GlaxoSmithKline. Ambas são concorrentes no setor farmacêutico e estão entre as maiores do mundo em suas respectivas categorias (Fato ou Fake, 2023c).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de "ampliação" do discurso, pois permite a inserção de comentários nas redes de comunicação. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior do próprio aplicativo *WhatsApp*. Observou-se que os usuários da internet estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em um tema promovido por um determinado grupo, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

3.4.11 - *Fake News* 9: SP gastará para vacinar população do estado mais de 3 vezes o que governo federal estima gastar em todo o país

Circula por meio das plataformas digitais a alegação de que o governo federal do Brasil alocará a quantia de R\$ 6 bilhões com o intuito de imunizar toda a população do país, ao passo que o estado de São Paulo, de forma isolada, disporá de R\$ 22 bilhões para esse propósito. O governo paulista estima um desembolso de US\$ 185,4 milhões (ou R\$ 945 milhões) durante a fase inaugural do plano de vacinação, delineando uma priorização para profissionais da saúde, idosos e grupos indígenas. A data de início desta fase está agendada para o dia 25 de janeiro de 2021.

Contudo, é imperativo ressaltar que a mensagem veicula uma informação completamente fictícia, haja vista que a quantia de R\$ 22 bilhões refere-se ao investimento anual abrangente na área da saúde. O boato, propagado via *WhatsApp*, utiliza uma imagem do governador João Doria ao lado de empresários chineses, capturada durante uma visita à China em 2019, não durante o período pandêmico. A mensagem alega, de forma enganosa, que a vacina de Oxford, destinada à imunização da população brasileira, acarretará um custo de R\$ 6 bilhões, enquanto a vacina chinesa, voltada apenas para São Paulo, demandará R\$ 22 bilhões. Este conteúdo sugere, erroneamente, que ocorre um desvio de recursos. Cumpre esclarecer que o Ministério da Saúde refuta o valor de R\$ 6 bilhões mencionado na mensagem falsa. Em comunicado à CBN, o órgão expõe que, em agosto do ano corrente, foram disponibilizados R\$ 1,9 bilhão para a aquisição da vacina desenvolvida pelo laboratório AstraZeneca e R\$ 2,5 bilhões para a adesão do Brasil ao Covax Facility (Fato ou Fake, 2023d).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exhibe a característica de "composição", a medida em que apresenta imagem, além de "ampliação" do discurso, pois permite a inserção de comentários nas redes de comunicação. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior do próprio aplicativo *WhatsApp*. Observou-se que os usuários da internet estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em um tema promovido por um determinado grupo, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

#### 3.4.12 - *Fake News* 10: Mensagem que circula em Guarulhos convocando cadastro em UBS para receber vacina

Em grupos de comunicação digital na localidade de Guarulhos, uma mensagem tem circulado, conclamando os residentes da cidade a efetuarem um

cadastro nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) visando a imunização contra a COVID-19. A mensagem em questão exibe o rótulo de "encaminhada com frequência" e instrui os destinatários a orientarem seus familiares a comparecerem à UBS mais próxima de suas residências para realizar o mencionado cadastro com vistas à vacinação.

A Prefeitura de Guarulhos, localizada na Região Metropolitana de São Paulo, emitiu uma comunicação por meio de suas plataformas de mídia social para desmentir a mensagem falsa.

"A mensagem que está circulando pelo *WhatsApp*, convocando a população a cadastrar-se nas UBS para a imunização contra a COVID-19, é uma notícia falsa. Devido à escassez de doses recebidas pelo município, neste momento, somente os profissionais de saúde com maior risco de exposição à infecção, agravamento e óbito pela doença, além dos indígenas já mapeados na cidade, estão sendo vacinados. Solicitamos que permaneçam atentos aos nossos canais oficiais para obter informações sobre as próximas fases (Fato ou Fake, 2023e)".

Ao refutar um cronograma de vacinação no estado de São Paulo, o governo estadual alertou que, em virtude da incorporação da vacina no Programa Nacional de Imunização (PNI), seguirá o calendário estabelecido pelo Ministério da Saúde, o qual divulga datas e grupos prioritários. A campanha de vacinação contra o coronavírus teve início no Brasil em 17 de janeiro, com São Paulo como pioneiro. O plano inicial contempla idosos residentes em instituições de longa permanência, profissionais da saúde e indígenas em terras indígenas.

Conforme estipulado pelo plano governamental de imunização, todas as pessoas serão vacinadas, independentemente da apresentação de documentação formal. Basta que o indivíduo comprove pertencer ao grupo prioritário correspondente à fase da vacinação. Contudo, para fins de controle, o Ministério da Saúde destaca a importância de informar o número do CPF ou apresentar o Cartão Nacional de Saúde (CNS), conhecido como Cartão do SUS. O Ministério esclarece que o registro do paciente nas bases de dados pode ser realizado no momento do atendimento, utilizando o CPF ou o CNS (Fato ou Fake, 2023e).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de "ampliação" do discurso, pois permite a inserção de comentários nas redes de comunicação.

Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior do próprio aplicativo *WhatsApp*. Observou-se que os usuários da internet estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em um tema promovido por um determinado grupo, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

#### 3.4.13 - *Fake News* 11: Pessoa fica com imunidade mais baixa após tomar vacina e tem risco aumentado de contrair COVID-19

Circula, por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, uma comunicação que alega uma redução na imunidade das pessoas após a administração da vacina contra a COVID-19, o que supostamente aumentaria a susceptibilidade à contração da doença. O Dr. José Cássio de Moraes, epidemiologista e docente na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, membro da Comissão de Epidemiologia da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), contradiz a referida alegação presente na mencionada mensagem inverídica. Concomitantemente, Renato Kfoury, diretor da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), assevera que "não existe qualquer possibilidade de as vacinas alterarem o funcionamento do sistema imunológico, tornando a pessoa mais suscetível ou vulnerável a adquirir qualquer patologia" (Fato ou Fake, 2023f).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de "ampliação" do discurso, pois permite a inserção de comentários nas redes de comunicação. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior do próprio aplicativo *WhatsApp*. Observou-se que os usuários da internet estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em um tema promovido por um determinado grupo, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao



discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

3.4.14 - *Fake News* 12: Hebraica tem excesso de vacinas contra a COVID-19 e que doses estão prestes a vencer

Nas plataformas de comunicação virtual, circulam informações alegando que o clube Hebraica, localizado na Zona Sul de São Paulo, detém um excedente de vacinas contra a COVID-19, suscetíveis a serem descartadas ou perdidas caso não sejam administradas dentro do prazo estabelecido. Uma das mensagens inverídicas menciona:

"A Hebraica está procedendo com a vacinação no dia de hoje, utilizando a vacina Pfizer. Se houver conhecimento de indivíduos de 50 anos com comorbidades e prescrição de medicamentos de uso contínuo, é sugerido que compareçam. Há 1.800 doses disponíveis até o final do dia, visto que estarão próximas do vencimento (Fato ou Fake, 2023g)".

Outra mensagem falsa relata:

"Acabei de atender um profissional médico vinculado às Clínicas que obteve a informação via *WhatsApp* de que o Clube Hebraica dispõe de um excedente de vacinas da Pfizer. Estão administrando vacinas a pessoas de 50 anos com comorbidades ou que fazem uso contínuo de medicamentos. Caso conheça alguém, orienta-se a procurar o local, do contrário, as doses serão descartadas (Fato ou Fake, 2023g)".

No *WhatsApp*, ambas as mensagens são acompanhadas de um aviso de que são encaminhadas com frequência e de uma lupa que permite pesquisá-las na internet para checar sua veracidade. Procurado pelo Fato ou *Fake*, o clube afirma que as mensagens são totalmente falsas.

A Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal da Saúde, esclarece que as informações veiculadas carecem de veracidade. A Secretaria destaca que o posto de vacinação no Clube Hebraica (Rua Ibiapólis, 781) não possui doses remanescentes, e tampouco dispõe de imunizantes prestes a atingir a data de validade (Fato ou Fake, 2023g).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de "deslinearização", pois apresenta uma lupa que permite pesquisar na internet, com "ampliação" do discurso, permitindo a inserção de comentários nas redes de comunicação. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior do próprio aplicativo *WhatsApp*. Observou-se que os usuários da internet estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em um tema promovido por um determinado grupo, interagindo com o enunciado e compartilhando-o, e contendo *emojis*. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

3.4.15 - *Fake News* 13: Christian Eriksen tomou vacina da Pfizer semanas antes de mal súbito em jogo da Eurocopa

Uma publicação disseminada pelas redes sociais alega que o jogador dinamarquês Christian Eriksen, de 29 anos, teria tido um mal súbito durante uma partida da Eurocopa contra a Finlândia no sábado (12/06/2021) devido à administração de uma dose da vacina Pfizer contra a COVID-19. No entanto, o diretor-executivo da Inter de Milão, equipe atual do jogador, refutou tal afirmação. Giuseppe Marotta, em entrevista ao canal esportivo de televisão *Rai Sport*, negou que o atleta estivesse com COVID-19 e tampouco tivesse sido vacinado.

O médico da equipe, Piero Volpi, comunicou ao jornal *Gazzetta dello Sport* que Eriksen não havia manifestado sinais preexistentes de problemas de saúde, e que o caso ainda demanda uma avaliação aprofundada. A disseminação da mensagem falsa ocorreu por intermédio do blogueiro Allan Dos Santos no *Twitter*, acumulando mais de 10 mil curtidas na referida plataforma. A postagem alega que "o médico-chefe e cardiologista da equipe italiana confirmou via rádio italiana que Eriksen havia recebido a vacina Pfizer em 31 de maio". Há especulações de que ele teve coágulo sanguíneo ou miocardite, nada ainda confirmado em relação à vacina, mas o questionamento é grande.

Eriksen desfaleceu solitariamente aos 42 minutos do primeiro tempo, com a equipe médica posteriormente confirmando que sofreria uma parada cardíaca. O tratamento em campo, incluindo a aplicação de choques de desfibriladores, demandou aproximadamente 13 minutos antes de seu transporte urgente para o hospital. A Federação Dinamarquesa de Futebol informou nesta segunda-feira (14/06/2021) que a condição de saúde atual de Eriksen é considerada "boa" e "estável". No domingo (13/06/2021), ele recebeu as visitas do goleiro Kasper Schmeichel e do zagueiro Simon Kjaer, capitão da equipe (Fato ou Fake, 2023h).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de "ampliação" do discurso, pois permite a inserção de comentários na rede social em que está vinculada. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior da própria rede do *Twitter*. Observa-se que os usuários da rede estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em tema promovido por um indivíduo ou grupos, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Sendo uma rede social, o *Twitter* possui *algoritmos*, dotando o discurso com o aspecto da "imprevisibilidade". Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

#### 3.4.16 - *Fake News* 14: Vacina contra COVID contamina e faz sangue mudar de coloração

Circula nas plataformas de redes sociais uma imagem que exibe duas bolsas de sangue com colorações distintas, acompanhada de uma legenda que afirma ser evidência de que as vacinas contra a COVID-19 contaminam o sangue, provocando alterações em sua coloração. A mensagem, presente em grupos antivacina no aplicativo *Telegram*, insinua que a nanotecnologia presente na vacina estaria modificando a composição sanguínea, destacando o óxido de grafeno como

responsável por transformar o sangue em uma substância semelhante a uma gosma preta.

Uma análise reversa da imagem revela sua circulação com legendas em inglês também no Instagram, *Twitter* e *Reddit*. No entanto, a médica hematologista e hemoterapeuta Sandra Camargo Montebello, responsável pela divisão de medicina transfusional da Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo, refuta a alegação, declarando que não há diferença na coloração do sangue entre pessoas vacinadas e não vacinadas. Ela esclarece que eventualmente bolsas de doadores distintos podem apresentar coloração discretamente diferente, mas isso não está relacionado a nenhuma vacina.

O médico hematologista do Instituto de Infectologia Emilio Ribas e do Centro de Oncologia do Hospital Santa Catarina Paulista, Walter Moisés Tobias Braga, interpreta a imagem como uma comparação entre uma bolsa de sangue de uma pessoa saudável e normal, e outra de um paciente em tratamento com excesso de glóbulos vermelhos. Assim, desmistificando a associação entre a coloração diferenciada e qualquer efeito das vacinas contra a Covid-19 (Fato ou Fake, 2023i).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de imagem, denominado "composição", "ampliação" do discurso, pois permite a inserção de comentários na rede social em que está vinculada. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior da própria rede do *Twitter* e *Instagram*. Observa-se que os usuários da rede estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em tema promovido por um indivíduos ou grupos, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Sendo uma rede social, tanto o *Twitter*, quanto *Instagram* possuem *algoritmos*, dotando o discurso com o aspecto da "imprevisibilidade". Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

### 3.4.17 - *Fake News* 15: Jovens têm morrido após receber vacina contra COVID-19 no Brasil

Uma narrativa disseminada através das plataformas de redes sociais e compartilhada, inclusive, pelo presidente Jair Bolsonaro entre seus contatos no aplicativo de mensagens *WhatsApp* alega que "jovens estão morrendo" imediatamente após serem imunizados contra a COVID-19 no Brasil. No entanto, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) esclareceu que, até a data de 30 de setembro de 2021, não há registro de óbitos de adolescentes que possam ser conclusivamente atribuídos à imunização.

Conforme relatado pela agência de checagem de fatos Fato e *Fake*, a mensagem divulgada por Bolsonaro, e obtida pelo periódico "O Globo", é uma reprodução de declarações proferidas pela comentarista Cristina Graeml no programa "Os Pingos nos Is", veiculado pela rádio Jovem Pan. Em 23 de setembro, Graeml mencionou cinco óbitos de adolescentes brasileiros e levantou questionamentos sobre a administração das doses da vacina Pfizer nos mais jovens. A discussão ganhou destaque após a morte de uma adolescente de 16 anos em São Bernardo do Campo (SP), uma semana após receber a primeira dose. Contudo, foi comprovado que o óbito não estava relacionado à aplicação da vacina.

Inicialmente, o governo do estado de São Paulo, em uma análise conjunta realizada com 70 pesquisadores, confirmou que a causa provável do óbito foi uma doença rara, autoimune e potencialmente fatal denominada Púrpura Trombótica Trombocitopênica (PPT). Na semana subsequente, a Anvisa chegou à mesma conclusão após analisar os dados de farmacovigilância do órgão. O governo paulista assegura que somente vacinas devidamente autorizadas pela Anvisa, acompanhadas das orientações adequadas de uso, são distribuídas para aplicação nos 645 municípios do estado.

"Mais de 2,6 milhões de adolescentes já foram vacinados, o que representa 81% desse público. Apenas 0,001% de eventos adversos foram identificados, reforçando a segurança da imunização também para os adolescentes", afirmou o governo do estado de São Paulo (Fato ou *Fake*, 2023j).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de imagem de conteúdo midiático, denominado "composição", "ampliação" do discurso, pois

permite a inserção de comentários na rede social em que está vinculada. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior da própria rede do aplicativo *Whatsapp*. Observa-se que os usuários da rede estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em tema promovido por um indivíduo ou grupos, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

#### 3.4.18 - *Fake News* 16: Governo Biden simulou ter tomado a dose de reforço contra COVID-19

Em grupos do aplicativo *Telegram*, circulam diversas mensagens que alegam que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, teria simulado receber a dose de reforço contra a COVID-19, com algumas dessas comunicações fazendo referência a um suposto "teatro" organizado pela Casa Branca. A imunização em questão foi documentada por diversos veículos de imprensa em 27 de setembro, inclusive sendo noticiada pelo portal G1.

Registro fotográfico, realizado por fotógrafos de diversas agências, capturou o exato momento da administração da injeção, evidenciando a introdução do líquido. Além disso, vídeos provenientes de diferentes ângulos proporcionam uma visão abrangente do procedimento de vacinação. As mensagens enganosas veiculadas insinuam a criação de um "teatro" por meio de um "cenário falso", contudo, tal alegação carece de veracidade.

A aplicação da dose ocorreu *no South Court Auditorium*, situado no *Eisenhower Executive Office Building*, adjacente (EEOB) à Casa Branca. De acordo com o site presidencial, o EEOB desempenha um papel singular na história nacional e no patrimônio arquitetônico, situando-se ao lado da Casa Branca. O referido auditório, utilizado por Biden, exibe a bandeira dos Estados Unidos e possui janelas ao fundo, sendo frequentemente utilizado para assinaturas de projetos de lei, coletivas de imprensa e encontros com governadores (Fato ou Fake, 2023k).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de imagem de conteúdo midiático, denominado "composição", na imagem capturada vemos um *link* de outro *site* "deslinearização". O discurso possui "ampliação", pois permite a inserção de comentários na rede social em que está vinculada. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior da própria rede do aplicativo *Telegram*. Observa-se que os usuários da rede estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em tema promovido por um indivíduo ou grupos, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

#### 3.4.19 - *Fake News* 17: Imagem microscópica revele criatura de carbono e alumínio em sangue de vacinado contra COVID

Nas redes sociais, circula uma mensagem que exibe uma imagem capturada por um microscópio, descrevendo-a como a observação de uma nova forma de criatura composta por tentáculos, constituída de carbono e alumínio, e alegadamente inserida nas vacinas. Esta mensagem, que menciona esferas metálicas, chips e tripomastigotas do *Trypanosoma cruzi*, tem sido difundida por grupos antivacina no aplicativo *Telegram*, bem como em postagens no *Facebook* e no *Twitter*. Ana Paula Herrmann, docente do Departamento de Farmacologia do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, categoriza tal mensagem como "absurda".

Quanto à presença de carbono e alumínio nas vacinas contra a COVID-19, Herrmann esclarece que tais elementos são componentes naturais, destacando a presença de carbono em organismos vivos, incluindo seres humanos, plantas e demais formas de vida. O alumínio, presente em algumas vacinas, é utilizado como adjuvante para intensificar a resposta imune, não tendo relação com entidades criadas a partir desses elementos. A docente enfatiza que as vacinas não são

organismos vivos, nem mesmo os vírus são considerados como tal, descartando, assim, a presença de criaturas formadas por carbono e alumínio.

No tocante a alegações acerca de nanorrobôs, partículas magnéticas, esferas metálicas magnetizadas, chips e tripomastigotas do *Trypanosoma cruzi* nas vacinas, Herrmann refuta categoricamente tais afirmativas, apontando a ausência de fundamentação lógica ou empírica nessas alegações. Ela destaca que as vacinas, em sua maioria, são constituídas por RNA mensageiro (mRNA), vírus atenuados ou vírus inativados, e não envolvem nanotecnologia. A docente categoriza tais afirmações como teorias da conspiração, enfatizando que as vacinas são seguras.

Herrmann salienta que, eventualmente, pode ocorrer contaminação com microorganismos, como bactérias ou fungos, durante o processo de produção das vacinas. No entanto, ela enfatiza que esses contaminantes são conhecidos e esperados, sendo controlados por meio de rigorosos protocolos de qualidade. A docente ressalta que tais contaminações não têm relação com a presença de robôs, chips ou o *Trypanosoma cruzi*, que é um protozoário. Ademais, Herrmann sublinha que os seres vivos são compostos por elementos químicos, incluindo carbono e alumínio, sendo este último presente em pequenas quantidades no organismo humano provenientes da dieta (Fato ou Fake, 2023l).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de imagem de conteúdo midiático, denominado "composição". O discurso possui "ampliação", pois permite a inserção de comentários nas redes sociais em que estavam vinculadas. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior da própria rede do aplicativo *Telegram*, *Facebook* e *Twitter*. Observa-se que os usuários da rede estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma linguagem própria da plataforma e se engajam em tema promovido por um indivíduo ou grupos, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Sendo uma rede social, tanto o *Twitter*, quanto o *Facebook* possuem *algoritmos*, dotando o discurso com o aspecto da "imprevisibilidade". Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".



### 3.4.20 - Fake News 18: Mensagem que relaciona vacina contra COVID-19 a nascimento de criança com cauda no CE

Em grupos antivacina no aplicativo *Telegram*, circula uma mensagem que estabelece uma suposta relação entre a administração da vacina contra a COVID-19 e o nascimento de uma criança com uma cauda de 12 centímetros e uma bola na extremidade, no estado do Ceará. Contudo, tal mensagem é infundada, visto que o referido caso de uma criança prematura de oito meses com uma cauda de 12 centímetros ocorreu em 2020, antes mesmo do início das campanhas de vacinação. A enfermeira Mônica Calazans, primeira pessoa a receber a vacina contra a COVID-19 no Brasil, foi imunizada em janeiro de 2021. A divulgação do caso no Ceará ocorreu recentemente por meio do *Journal of Pediatric Surgery Case Reports*, uma revista científica internacional. Este caso é considerado extremamente raro, com apenas 40 registros na literatura médica mundial.

O bebê afetado foi encaminhado para o Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS), localizado na capital do estado. Após avaliação médica, os profissionais optaram por realizar uma cirurgia para a remoção da cauda. Dada a ausência de comprometimento neurológico na cauda, como nervos ou ossos, o procedimento cirúrgico foi de menor complexidade e realizado uma semana após a admissão do paciente no hospital.

A Secretaria da Saúde do Ceará (Sesa) esclarece que a formação da cauda se deu devido a uma alteração no processo de regressão da cauda embrionária, e, até o momento, não há uma etiologia definida para esse tipo de ocorrência. A Sesa ressalta que não houve prejuízo para a saúde da criança. No artigo científico publicado sobre o caso, os autores explicam que causas humanas são anomalias raras, caracterizadas por protuberâncias cobertas por pele, localizadas na região média da parte inferior da coluna vertebral (Fato ou Fake, 2023m).

Através da aplicação de instrumentos de análise de discurso digital, torna-se possível discernir que a presente *fake news* exibe a característica de imagem de conteúdo midiático, denominado "composição". O discurso possui "ampliação", pois permite a inserção de comentários na rede social em que está vinculada. Ademais, a faculdade de "investigação" possibilita a pesquisa desses discursos no interior da própria rede do aplicativo *Telegram*. Observa-se que os usuários da rede estabelecem uma "relacionalidade" com o discurso, uma vez que utilizam uma

linguagem própria da plataforma e se engajam em tema promovido por um indivíduo ou grupos, interagindo com o enunciado e compartilhando-o. Essa interação é mediada pela subjetividade do internauta, que interpreta e responde ao discurso de maneira subjetiva, expressando aprovação ou rejeição por meio de curtidas e caracteres específicos, funcionalidades oferecidas pela plataforma. Por meio da aplicação da "Matriz de *Fake News*", a presente *fake news* pode ser categorizada como "conteúdo enganador" e "conexão falsa".

### 3.4.21 - Resultados Metodológicos

**Tabela 3 - Resultados Metodológicos**

Características Tecnodiscursos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Composição	x	x	x	x	x	x	x		x					x	x	x	x	x
Deslinearização	x	x	x			x	x					x				x		
Ampliação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Relacionalidade	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Investigabilidade	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Imprevisibilidade	x	x	x			x							x	x			x	

Fonte: elaboração do autor.

### 3.5 - Considerações Finais

A relação entre as narrativas discursivas sobre a vacina contra a COVID-19 e o compartilhamento de *fake news* nas redes sociais adquire uma dimensão de particular relevância quando analisada no contexto singular do ciberespaço. Ao contrário de outros domínios sob jurisdição das autoridades nacionais, o ciberespaço apresenta uma camada distinta, aqui denominada "*peopleware*", que se refere à presença e à interação ativa de indivíduos nesse ambiente virtual e sintético, interferindo e modificando este. Esse ambiente é habitado por pessoas que se

comunicam, interagem e compartilham informações por meio de dispositivos eletrônicos conectados à internet. Outra característica notável do ciberespaço é a sua acessibilidade global, que permite que pessoas de diferentes partes do mundo se conectem e interajam, como exemplificado em eventos como o plebiscito na Crimeia, o referendo do Brexit e as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 (Levitsky e Ziblatt, 2018; Ventre, 2012).

Segundo a perspectiva foucaultiana, o poder não é uma entidade simplesmente exercida sobre as pessoas, mas sim algo que se manifesta na complexa teia de relações que se estabelecem entre os indivíduos (Foucault, 2005). Essa concepção lança luz sobre a compreensão do ciberespaço, como um ambiente que possibilita uma ampla gama de atividades de inteligência dentro da sociedade, revelando como as dinâmicas de poder se apresentam de forma multifacetada e complexa (Agência Brasileira de Inteligência, 2023a; Agência Brasileira de Inteligência, 2023b; Senado Federal, 2023a). Como resultado, a acessibilidade global do ciberespaço possibilita uma abordagem *bottom-up*, não apenas para a comunicação efetiva, mas também para a manifestação do poder de maneiras diversas, tanto por atores militares, como exemplificado no caso de Vladimir Putin na Crimeia, quanto por atores não militares, como a *Cambridge Analytica* (Paul e Matthews, 2016; Kaiser, 2020; Levitsky e Ziblatt, 2018; Ventre, 2012).

O "combatente digital" assume uma posição de crescente relevância nas estratégias vinculadas à Revolução em Assuntos Militares. Contudo, é imperativo compreender que a adesão às novas tendências orientadas pela lógica da RAM não implica uma imunidade completa à influência desse contexto. Pelo contrário, a presença de desvantagens estratégicas pode servir como um catalisador para a busca da inovação, conferindo vantagens em domínios específicos do combate digital. Tais inovações, por sua vez, têm o potencial de inspirar outros atores a empreenderem suas próprias iniciativas no âmbito da RAM, como a espionagem. Este contexto ganha particular importância quando se analisa a terceira camada do ciberespaço, uma vez que a capacidade de adaptação e inovação tanto de indivíduos quanto de *software* desempenha um papel fundamental na evolução e no sucesso das estratégias de resposta às potenciais ameaças (Murray e Knox, 1997; Stephenson, 2010; Ventre, 2012). Os exercícios de inteligência podem ser, e de fato têm sido, empregados para moldar narrativas visando influenciar indivíduos por meio de atividades como o *microtargeting*, que se beneficia da capacidade de análise de

dados do *Big Data*, cujo conteúdo é refinado por *algoritmos* presentes nas redes sociais (Kaiser, 2020).

Considerando que a construção narrativa perpassa por um complexo processo cibernético, o enquadramento discursivo das *fake news* relacionadas à narrativa da vacina contra a COVID-19 se desenvolve devido às características distintivas do ciberespaço. Nesse ambiente virtual, as interações e experiências se materializam por meio de representações digitais, que abrangem textos, imagens e vídeos, conferindo uma notável diferenciação em relação aos domínios físicos, com uma existência virtual concreta. A comunicação no ciberespaço se destaca por sua rapidez, facilitada por meio de mensagens instantâneas em plataformas digitais e redes sociais.

Adicionalmente, a capacidade praticamente ilimitada do ciberespaço para armazenar e processar informações possibilita a criação de discursos especialmente moldados para os usuários dessas plataformas de comunicação. Esse processo é impulsionado pela análise de dados e pela identificação de padrões de comportamento e preferências dos usuários. Com base nesses dados, os atores envolvidos têm a capacidade de criar discursos personalizados e direcionados para cada usuário, visando aumentar o engajamento e a fidelidade dos mesmos. Isso transforma o ciberespaço em uma ferramenta de extrema relevância em termos de produção e acesso ao conhecimento, fazendo uso dos *algoritmos* como dispositivos de influência.

As narrativas relacionadas à vacina contra a COVID-19, objeto de investigação nesta pesquisa, evidenciam influências significativas de considerações relacionadas à economia política. Esta observação está em consonância com a perspectiva delineada na Matriz de *Fake News* de Claire Wardle (2017), que se integra de maneira complementar à abordagem proposta por Marie-Anne Paveau (2021). Ao considerar essas perspectivas em conjunto, é possível identificar uma intrincada hipertextualidade presente nas produções textuais, a qual é profundamente moldada pelo ambiente digital oferecido pelas ferramentas da *web* (Paveau, 2021; Wardle, 2017).

É notável que as narrativas em questão são, de fato, co-produzidas em ambientes digitais, o que ressalta uma mudança significativa na concepção do computador, que transcende sua mera utilidade como ferramenta. Nesse contexto, o computador emerge como um meio ativo na elaboração dos discursos, interagindo

de maneira essencial na construção e disseminação das narrativas. As características identificadas por meio dessa metodologia, especificamente a "relacionalidade" e a "imprevisibilidade", conferem uma identidade única aos tecnodiscursos. Isso ocorre à medida que a configuração das interfaces de escrita e leitura assume uma dimensão subjetiva, tornando os tecnodiscursos selecionados altamente dependentes da perspectiva do leitor, alimentando, por assim dizer, um viés de confirmação.

A dependência da interpretação do leitor evidencia um aspecto relevante da argumentação, apontando para uma tendência nas narrativas analisadas de desafiar os tópicos em discussão. Um exemplo palpável dessa dinâmica se manifesta nas *fake news* 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16 e 18, às quais não encontraram seu campo de disseminação nas redes sociais tradicionais, como o *Facebook*, mas, ao invés disso, se propagaram exclusivamente por meio do aplicativo *WhatsApp* e *Telegram*. Vale ressaltar que o ambos aplicativos, enquanto plataforma de comunicação digital, não recorrem ao uso de *algoritmos* para a distribuição de conteúdo. Em vez disso, exige que o compartilhamento de conteúdo seja uma ação deliberada realizada por indivíduos, acrescentando, assim, uma camada adicional de complexidade à dinâmica de disseminação de informações (Mello, 2020).

Encontrou-se no arquivo de dados da Agência Fato ou *Fake* da G1 97 *fake news* textuais, desse total, foram analisadas 11, sendo que 86 não foram consideradas para escrutínio. A decisão de excluir essas 86 *fake news* do exame decorre da métrica empregada no banco de dados da agência, que difere da utilizada pela Agência Lupa. Notavelmente, a Agência Fato ou *Fake* não confirma a plataforma digital de origem da desinformação na maioria de suas verificações, divergindo assim do procedimento adotado pela Agência Lupa, e tal discrepância impacta diretamente na métrica de avaliação do Discurso Digital proposto pela metodologia.

É imprescindível salientar que, mesmo quando determinadas *fake news* exibem elementos visuais associados a uma plataforma específica, a presença dessas características não garantem a autenticidade de circulação do discurso narrativo em tal plataforma. Conforme observado por Paveau (2018), existem aplicativos capazes de editar texto de maneira a apresentar um *corpus* nativo da internet, conferindo, desse modo, uma falsa atribuição de origem. Além disso, foram excluídas do levantamento as verificações de *fake news* que circularam por e-mail, e

verificações que não incluíam o conteúdo refutado em sua análise, ou seja, não apresentavam a própria *fake news* em sua análise.

A partir de uma análise discursiva, podemos identificar que o *corpus* narrativo das *fake news* apresenta características que o enquadram como um conjunto discursivo de natureza "anticientífica", uma vez que contradizem as narrativas contidas no Plano de Operacionalização. Vale ressaltar que nenhuma das *fake news* em questão se classifica como "conteúdo fabricado", ou seja, não se tratam de narrativas inteiramente fictícias, conforme a taxonomia estabelecida na "Matriz de Fake News". Entretanto, durante a análise, é notável a prevalência de características que se alinham com as tipologias de "conteúdo enganador", "contexto falso" e "contexto manipulado". É importante salientar que essas três tipologias foram delineadas a partir da influência política (Wardle, 2017).

Nas narrativas presentes no contexto em questão, identificamos duas implicações fundamentais. A primeira delas está relacionada à disseminação de desinformação, um fenômeno que entra em conflito direto com os esforços empreendidos para conscientizar a população sobre a importância da vacinação, um dos principais objetivos delineados no Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19 (Ministério da Saúde, 2021). Nesse cenário, quando os indivíduos são expostos a um volume significativo de *fake news*, eles tendem a ser suscetíveis a aceitar essas afirmações. Isso ocorre porque o processo cognitivo de avaliar a veracidade de uma nova informação se torna mais complexo e exigente quando somos inundados por um grande volume de informações. A sobrecarga de dados faz com que as pessoas muitas vezes não disponham do tempo ou da energia necessários para verificar cuidadosamente a autenticidade de cada informação que encontram.

Consequentemente, muitas pessoas enfrentam dificuldades para distinguir informações e desinformação, especialmente quando as *fake news* são apresentadas de forma convincente ou apelam emocionalmente para o público. Além disso, é importante destacar que as pessoas têm uma tendência natural a dar mais credibilidade a informações que corroboram suas crenças preexistentes, mesmo que essas informações sejam tendenciosas ou careçam de fundamentos jornalísticos sólidos. Adicionalmente, as *fake news* são frequentemente moldadas em um contexto que as torna mais atraentes e persuasivas. Isso ocorre quando essas narrativas estão inseridas em narrativas familiares ou se conectam às

identidades de grupos específicos. Tal fenômeno revela uma clara conexão entre as narrativas analisadas e o conceito de infodemia, especialmente quando considerado no contexto de uma pandemia. Além disso, essa dinâmica também se relaciona com o conceito de "pós-verdade", uma vez que essas narrativas muitas vezes se encaixam em um cenário de pós-dualidade, no qual se confundem com discursos de política pública (Cosenza, 2016; D'Ancona, 2018; Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Além disso, há um fator contribuinte para a infodemia, em certa medida, que diz respeito sobre as narrativas falsas que parecem alinhar-se com as convicções do governo, conforme assinalado pela Agência Fato ou *Fake*. Um exemplo notável nesta percepção, reside na amplificação, pelo próprio chefe-de-estado, das narrativas em questão, minuciosamente descrita na *fake news* de número 15, como documentado pela mencionada agência (Fato ou Fake, 2023j).

A segunda implicação a ser destacada reside no impacto das *fake news* no enfraquecimento da confiança dos indivíduos nas instituições, assumindo relevância crítica em questões de alta importância, como o Plano Nacional de Operacionalização da Vacina Contra a COVID-19, que, por sua vez, preconiza a disseminação de informações por meio das redes sociais, conforme delineado pelo Ministério da Saúde segundo o documento (De Souza, Do Bomfim, 2021; Ministério da Saúde, 2021). Em um contexto societário em que a confiabilidade desempenha um papel de destaque no eficaz funcionamento das instituições, a disseminação de narrativas enganosas representa uma ameaça significativa à credibilidade das autoridades de saúde e à aceitação, bem como à adesão da população às medidas de proteção e programas de vacinação. Isso se ilustra de maneira notória no surgimento e ascensão do movimento antivacina na Europa, cujo ímpeto foi sustentado por alegações infundadas promovidas por Andrew Wakefield (Mnookin, 2011). As pesquisas destacadas no capítulo, que abordam a frequência das *fake news* no ecossistema das redes sociais e suas características discursivas (Galhardi et al., 2022; De Barcelos et al., 2021; Senado Federal, 2023), corroboram essa preocupação.

Como destacado por Matthew D'Ancona (2018), em uma era permeada por disseminação de *fake news*, onde narrativas enganosas adquirem características discursivas jornalísticas para conquistar uma confiança que não lhes é intrinsecamente devida, o colapso da confiança surge como um elemento central na

denominada "era da pós-verdade." Este fenômeno tem sua origem em uma fonte singular e altamente prejudicial. O desafio central reside no fato de que a confiança é um mecanismo essencial para a sobrevivência e coexistência humanas, servindo como a pedra angular que sustenta as interações humanas com um grau mínimo de êxito (D'Ancona, 2018).

A pesquisa revelou uma relação discursiva intrigante entre as *fake news* e as narrativas relacionadas à COVID-19. Essa relação atinge um ponto crucial, no qual ambas apresentam perspectivas diametralmente opostas. As *fake news* tendem a promover uma visão anticientífica, resultando em uma disseminação de desinformação. Isso, por sua vez, tem o efeito de minar a confiança das pessoas nas instituições, incluindo aquelas que são encarregadas de fornecer informações confiáveis durante uma crise de saúde pública. Como ressaltou David Nemer (2021), é fundamental compreender que quando os indivíduos estão imersos em espaços digitais que os expõem a determinados discursos, ocorre um processo de normalização dessas narrativas. Eles se familiarizam com essas informações distorcidas, o que pode levar à desumanização, uma vez que as perspectivas anticientíficas e muitas vezes prejudiciais tornam-se parte do seu ambiente virtual. Isso não só representa uma ameaça à saúde pública, mas também implica na coesão social e erupção da confiança durante a implementação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19, gerando divergências discursivas dentro das instituições encarregadas de preservar a segurança e a integridade da sociedade (Nemer, 2021).

Assim como vimos nos casos das eleições de Trump, do *Brexit* e do plebiscito na Crimeia, a questão das *fake news* não se limita apenas a desafios eleitorais, mas também se estende a áreas críticas, como a saúde pública (Paul e Matthews, 2016; Kaiser, 2020; Levitsky e Ziblatt, 2018; Mello, 2021). A disseminação de desinformação sobre a vacina da COVID-19, que pode ser considerada uma zona cinzenta que gera conflitos no campo da saúde, pois representa uma ameaça à segurança pública e à confiança nas instituições. Do mesmo modo que atividades de inteligência possuem capacidade de corroer os processos democráticos, a disseminação deliberada de *fake news* sobre a vacina tem o potencial de minar a resposta eficaz à pandemia e comprometer a saúde de milhões de pessoas.

Nesse cenário, surge a questão fundamental de como as autoridades, incluindo instituições de saúde pública e governos, devem lidar com as campanhas



de desinformação. Não se trata simplesmente de uma análise restrita ao espectro da defesa ou da segurança, mas de uma avaliação abrangente, uma vez que essas atividades convergem com princípios de inteligência. Deve-se ponderar se a responsabilidade principal repousa nas mãos do Estado, trabalhando em coordenação estreita com especialistas em saúde, a fim de orquestrar uma resposta ativa à disseminação da desinformação acerca das vacinas. Por outro lado, é necessário considerar a viabilidade de depender da colaboração das plataformas de mídia social para suprimir ativamente a disseminação dessas narrativas, o que revisita a questão ética digital destacada por Marie-Anne Paveau (Paveau, 2016).

A interseção entre cibersegurança, ciberdefesa, proliferação de *fake news* e saúde pública está se tornando cada vez mais evidente, especialmente devido à crescente complexidade desse fenômeno e à análise de dados digitais para decifrar o comportamento dos usuários *online*. Esse cenário resulta na produção de conteúdo persuasivo fundamentado em estratégias de inteligência e espionagem, o que, em determinadas circunstâncias, pode entrar em conflito com a necessidade de proteger a saúde da população de um país. Dada a intrincada natureza dessas dinâmicas, torna-se imperativo adotar uma abordagem holística e colaborativa para mitigar os riscos associados a essas ameaças, que não apenas impactam a segurança, mas, acima de tudo, a saúde e o bem-estar da sociedade.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar a questão que motivou esta pesquisa, que consiste em compreender a relação entre as narrativas discursivas sobre a vacina contra a COVID-19 e o compartilhamento de *fake news* nas redes sociais, é relevante considerar as categorias de *fake news* apresentadas por Claire Wardle (2017), que oferecem uma perspectiva esclarecedora sobre o assunto ao considerar a influência de uma economia política. As narrativas discursivas relacionadas à vacina contra a COVID-19 desempenham um papel de considerável magnitude na propagação de narrativas enganosas por meio das plataformas de mídia social, uma vez que empregam diversas estratégias de conteúdo enganador. Tais estratégias englobam a manipulação de informações verídicas por meio de enquadramentos seletivos ou recortes que favorecem uma narrativa específica, e têm sido amplamente adotada com o propósito de disseminar desinformação acerca da eficácia e segurança das vacinas (Wardle, 2017). Essa abordagem induz os usuários das redes sociais a internalizarem informações incorretas e a compartilhá-las com outros, consequentemente ampliando a disseminação destas narrativas falsas e reforçando o viés de confirmação (Cosenza, 2016).

Constata-se, também, que as *fake news* se enquadram nas características dos discursos digitais delineadas por Marie-Anne Paveau (2021), o que aponta para uma notável continuidade entre esses fenômenos. Essa continuidade se manifesta na superação da tradicional dicotomia entre objetividade e subjetividade, resultando em uma relação ininterrupta. As narrativas das *fake news* não surgem de maneira isolada do contexto no qual são disseminadas, ao contrário, elas se adaptam para se encaixar em um formato não linear, possibilitado pelos laços emergentes de uma rede relacional imprevisível. Essa dinâmica reforça a interconexão entre as narrativas relacionadas à desinformação sobre a vacina contra a COVID-19 e os discursos promovidos pelo Ministério da Saúde, fortalecendo, assim, as crenças individuais. Essa ligação se baseia na notável relação inerente aos discursos originários da internet e às redes de relações *algorítmicas*, o que dá origem a características linguísticas inéditas, como a clicabilidade e a imprevisibilidade no contexto discursivo (Paveau, 2021).

Para resumir a evolução do estudo até este ponto, no primeiro capítulo deste trabalho, procedemos com a contextualização do fenômeno, seu enquadramento temporal e a formulação do desenho de pesquisa que guiará o desenvolvimento subsequente desta dissertação. No segundo capítulo, abordamos uma análise aprofundada para compreender a capacidade de poder dos discursos digitais em relação à percepção dos indivíduos sobre a demanda de comunicação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19. Essa análise foi conduzida sob a perspectiva teórica de Michel Foucault, cujas contribuições são fundamentais para compreender o período genealógico de seu pensamento e o surgimento de uma sociedade do discurso moldada pela atuação dos três poderes: poder soberano, poder disciplinar e biopoder. A sociedade do discurso é interpretada como um meio de concretizar o conhecimento, que está longe de ser neutro, uma vez que é influenciado pelos interesses de grupos sociais específicos.

As principais contribuições teóricas neste trabalho consistem no esclarecimento do conflito, ao considerar o conceito de "guerra interna" como uma representação precisa dos conflitos entre estratos sociais, incorporando também a dimensão da economia política como um fator determinante. Esta abordagem implica a formulação de estratégias para a salvaguarda de uma ampla gama de interesses. É notável que este tipo de conflito não se desenrola a partir do âmbito externo ao Estado, mas sim se origina a partir de um centro político, expandindo-se em direção ao seu núcleo, assemelhando-se a um conflito constante que não se encontra predefinido no contrato social. Esse fenômeno, no qual várias manifestações de poder operam de maneira simultânea, difusa e, por vezes, paralelas a outras formas de poder, conforme discutido por Foucault (1996; 1998; 2005; 2008), encontra exemplificação na eficaz articulação das forças armadas durante a pandemia. Nesse contexto, tanto o poder soberano quanto o biopoder, que constitui a base da biopolítica na pandemia, atuaram de maneira harmônica com as demais necessidades impostas pela crise (De Araujo Grigoli; De Resende Silva; Migon, 2022).

Paralelamente, a era digital testemunha uma expansão significativa da sociedade do discurso, introduzindo uma nova dinâmica nas relações entre os indivíduos e o discurso. Esta evolução instiga a necessidade de um exame aprofundado acerca da ética discursiva, uma vez que as interações sociais que emergem como resultado desse cenário revelam uma notável complexidade,

conforme apontado por Paveau (2016). Os impactos que se manifestam no âmbito da informação demandam uma consideração abrangente de múltiplos fatores, especialmente no que concerne às atividades associadas à inteligência, englobando aspectos relacionados à cognição humana. Tal conjunção de elementos culmina na emergência de fenômenos inéditos, a exemplo das "*fake news*", bem como na criação de novos conceitos e terminologias, tais como "pós-verdade" e "infodemia". Este último termo se refere à proliferação de excesso de informação e *fake news* no ecossistema de comunicação, especificamente em contexto de pandemia (D'Ancona, 2018; Organização Pan-Americana da Saúde, 2020; Paveau, 2016).

Ao considerarmos o *algoritmo* como um mecanismo de influência, torna-se evidente que o processo de concepção, disseminação e recepção de narrativas no ciberespaço contribui de forma proeminente para as intrincadas dinâmicas de poder que se originam a partir do discurso. Este fenômeno se torna particularmente ostensivo quando se investigam as conhecidas "bolhas de filtro", conforme delineadas por Eli Pariser (2012), as quais desempenham um papel central na produção de conteúdo e no direcionamento das práticas de leitura, sobretudo em plataformas de redes sociais (Pariser, 2012). Na análise da literatura internacional, destaca-se o uso da plataforma Rousseau como um exemplar desse fenômeno, uma vez que ela desempenha um papel de relevo na concepção, configuração, disseminação e alimentação do sistema de comunicação digital, atendendo às demandas sociais que surgem em consonância com as aspirações de atores específicos, como Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio na contextura italiana (Empoli, 2021).

Na atual interação entre empresas privadas e instituições nacionais, conforme brevemente mencionado no discurso atual sobre a regulamentação do fenômeno das *fake news* no Brasil, torna-se evidente que a ausência de regulamentação em determinados espaços digitais propicia o surgimento de um "estado de exceção discursivo". Esse fenômeno se torna notório no contexto dos debates envolvendo a regulamentação das redes sociais no âmbito nacional, como ilustrado pela busca da aprovação do Projeto de Lei 2630/2020 (Agência Brasil, 2023).

No ambiente digital, a constante distância entre os conceitos de "responsabilidade" e "discurso", intensificada pela disseminação de desinformação, ressalta a natureza indivisível da "liberdade de expressão" a "responsabilidade" na promoção de um debate político sustentável. Isso é particularmente relevante

considerando o anonimato frequentemente associado aos produtores de discursos, o que requer uma reflexão a respeito de uma ética discursiva (Paveau, 2016). Assim, ao pensarmos em uma ética, observamos que a "liberdade de expressão" não é um direito absoluto, mas encontra limitações na proteção à privacidade, honra e imagem das pessoas, como destacado no Artigo 5º, Capítulo IV da Constituição Federal<sup>1</sup> (Brasil, 1988, Art. 5). Essa disposição constitucional enfatiza a importância da livre manifestação do pensamento, ao mesmo tempo em que rejeita o anonimato como meio de combater a falta de responsabilidade daqueles que se expressam (Paveau, 2016).

Durante a revisão bibliográfica desta pesquisa, nos deparamos com algumas literaturas nacionais que simplesmente traduzem o termo "*fake news*" para "notícias falsas". Contudo, a natureza das narrativas relacionadas a esse fenômeno se revela profundamente contextual, influenciada pela delimitação de um contexto específico e por discursos preexistentes, resultando em evoluções discursivas significativas. Além de conterem inverdades e falsidades, essas narrativas surgem a partir da fragmentação de outros discursos. Portanto, a própria tradução do termo "*news*"<sup>2</sup> adquire complexidade no contexto linguístico da língua portuguesa, pois segundo o dicionário *online* da *Oxford Learner's Dictionaries*, o termo "*news*" é definido como "novas informações sobre eventos recentes" (Oxford Learner's Dictionaries, 2023). No entanto, ao traduzirmos de forma literal a palavra "*news*" para "informação", perpetuamos o pressuposto subjacente de que esse conteúdo tenha passado por curadoria jornalística, o que não se aplica ao caso das "*fake news*". Nesse sentido, a adoção do termo "desinformação" parece ser mais adequada, uma vez que este carrega consigo a conotação de algo diametralmente oposto à informação.

A simples analogia do fenômeno com o tratamento jornalístico pode ser considerada anacrônica, uma vez que essa simplificação não abarca de maneira suficiente a intrínseca natureza manipulativa inerente a esse gênero de conteúdo. Ao contrário dos veículos de comunicação convencionais, que são geralmente responsáveis pelo conteúdo que disseminam e cujas narrativas tendem a exibir uma relativa estabilidade e uniformidade, independentemente da localização geográfica, peculiaridades individuais ou afiliações sociais da audiência, as *fake news* apresentam uma notável variabilidade narrativa. O fenômeno se adapta conforme as

---

<sup>1</sup> "É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato."

<sup>2</sup> "*new information about something that has happened recently*" (Oxford Learner's Dictionaries, 2023)

circunstâncias temporais, espaciais e sociais específicas, tirando proveito das redes sociais, *algoritmos* e bolhas de filtro. Por tanto, as *fake news* são concebidas para satisfazer as demandas de um grupo específico, assemelhando-se a produtos elaborados para atender às necessidades desse apetite consumidor.

A influência dos discursos digitais na percepção dos indivíduos em relação à implementação do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19 é um fenômeno intrinsecamente conectado à gênese e disseminação desses discursos no ambiente digital contemporâneo. Este ambiente diverge dos meios de comunicação tradicionais, que predominaram antes da ampla difusão da internet. O domínio digital não apenas funciona como um veículo para a disseminação de discursos, mas também desempenha um papel significativo na manutenção contínua da sociedade discursiva, particularmente nas dinâmicas de poder comunicacional que emerge, como a atuação das redes sociais e sistemas algorítmicos. Esse contexto é caracterizado por uma constante disputa pela atribuição de credibilidade e pela conquista de proeminência nos intrincados sistemas de relações sociais e no ciberespaço, em busca de um *status* de veracidade.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre o enquadramento discursivo das *fake news* relacionadas à narrativa da vacina contra a COVID-19, partindo da compreensão de que o ciberespaço se estrutura em três camadas. Nesse contexto, os sujeitos *online* se inserem em uma dessas camadas, influenciadas pelo crescimento constante desse ambiente virtual, e essa inserção repercute em todas as esferas da sociedade à medida que mais indivíduos se conectam e interagem no ciberespaço, contribuindo, assim, para a sua formação. As interações mediadas pelas tecnologias digitais desempenham um papel significativo na construção dessa camada do ciberespaço, não se limitando apenas à troca de informações, mas também envolvendo processos de linguagem que facilitam a comunicação entre as pessoas. Essa comunicação é um elemento fundamental para a criação e a manutenção da camada cibernética (Kaiser, 2020; Levitsky e Ziblatt, 2018; Paul e Matthews, 2016; Ventre, 2012).

O incidente envolvendo a *Cambridge Analytica* teve consequências de grande magnitude na esfera do *peopleware* em aspectos cognitivos devido a atividade de espionagem. Esta influência pode ser, em parte, atribuída à utilização de abordagens de inteligência na análise de extensas bases de dados derivadas do *Big*

*Data*, considerado neste contexto como a quarta camada cibernética. A exploração destas vastas fontes de informação acerca das interações sociais é conduzida com o propósito de conceber mensagens de caráter persuasivo (Cepik, M.; Canabarro, D. R.; Bornet, T., 2014; Kaiser, 2020). Esta ocorrência suscita uma série de implicações relevantes. Em primeiro lugar, o caso exemplifica a manipulação *algorítmica* e cognitiva, demonstrando a habilidade de empregar informações coletadas *online* na previsão e influência *algorítmica* do comportamento humano, frequentemente sem o pleno conhecimento dos próprios usuários das redes sociais. Além disso, a *Cambridge Analytica* ilustrou de forma concludente a eficiência de construir perfis psicográficos altamente personalizados, direcionando anúncios digitais e outras mensagens manipuladoras de forma altamente específica aos utilizadores das redes sociais. Isso enfatiza a capacidade das técnicas de *Big Data* para prever ações e da prática do *microtargeting* em criar discursos altamente direcionados visando influenciar o comportamento das pessoas.

Num contexto mais abrangente, surgem preocupações acerca da potencial aplicação em grande escala dessas técnicas de análise de dados para influenciar momentos críticos na democracia, como plebiscitos, eleições e implementação de políticas públicas em âmbito global, ressaltando, assim, o impacto dessas estratégias no cenário político e na formação da opinião pública (Kaiser, 2020; O'Neil, 2021). A distinção fundamental entre as *fake news* disseminadas pela *Cambridge Analytica* e aquelas propagadas no Brasil reside na forma de disseminação e no contexto em que surgiram. A *Cambridge Analytica* foi alvo de acusações por coletar informações pessoais de milhões de usuários do *Facebook* sem o devido consentimento, utilizando esses dados para criar anúncios políticos direcionados e conteúdo desinformativo durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016. Em contraste, as *fake news* no Brasil se proliferaram predominantemente através do *WhatsApp*, uma plataforma de mensagens privadas, durante as eleições presidenciais de 2018.

O *WhatsApp* desempenhou um papel crucial na disseminação da desinformação no Brasil devido à sua vasta popularidade e características que favorecem a propagação de desinformação, incluindo a falta de transparência e a facilidade de compartilhamento rápido e direto de mensagens na plataforma. Grupos políticos utilizaram o aplicativo para enviar mensagens direcionadas e conteúdo desinformativo aos eleitores, e a disseminação de *fake news* foi facilitada pela

criação de uma "infraestrutura humana" de ação deliberada, na qual indivíduos desempenharam papéis similares aos *algoritmos*, cruciais na criação e distribuição de desinformação (Mello, 2020; Nemer, 2021). Por outro lado, no caso da *Cambridge Analytica*, a disseminação de *fake news* foi impulsionada pelo uso de *algoritmos* e segmentação de anúncios políticos direcionados com base em dados coletados. As distinções na forma e na dinâmica de disseminação de *fake news* entre os dois casos refletem as particularidades das plataformas e dos contextos em que ocorreram (Kaiser, 2020; Mello, 2020; Nemer, 2021; O'Neil, 2021).

A disseminação difundida de desinformação no *WhatsApp* não é um fenômeno isolado, mas se insere em um contexto mais amplo de fácil acesso e baixo custo para *softwares* de manipulação de conteúdo digital. Durante a pandemia, os conteúdos presentes nos discursos veiculados na plataforma exibiam características consistentes com o uso dessas ferramentas. Atualmente, essas ferramentas estão amplamente disponíveis, permitindo que uma diversidade de atores, incluindo indivíduos com pouca ou nenhuma experiência técnica, as utilize para criar conteúdo digital alterado de maneira sofisticada (De Barcelo et al., 2021). É importante salientar que o impacto dessa disseminação não foi ainda mais significativo devido à cultura de vacinação presente na sociedade brasileira, que difere da observada em outros países europeus (Galhardi et al., 2022).

A estratégia de *microtargeting*, que se vale de mensagens altamente personalizadas, possui o potencial de exercer influência sobre a opinião pública, desestabilizar governos e interferir em processos eleitorais, contribuindo para a criação de "pontos cinzentos" onde as linhas divisórias entre guerra e política se tornam obscuras por se assimilarem a atividades de inteligência. O caso em questão levantou inúmeras questões pertinentes à privacidade de dados e à ética, ampliando assim o debate em um cenário já complexo de conflitos (Belo, 2020; Kaiser, 2020; O'Neil, 2021). Nesse contexto, a atividade de inteligência desempenha um papel fundamental na compreensão e no monitoramento das operações que se utilizam do *microtargeting*, buscando antecipar e mitigar os riscos associados à sua utilização em cenários de influência política e desestabilização (Oliveira, 2020).

A concepção de "paz negativa", tal como descrita por Johan Galtung (1996), denota a ausência de violência direta, no entanto, não necessariamente resulta em um estado de paz duradouro, pois conflitos subjacentes podem perdurar. O manejo inadequado de informações e a utilização indevida de dados pessoais têm o



potencial de incitar tensões sociais e políticas, contribuindo assim para a perpetuação de uma forma de "paz negativa". Nesse contexto, segundo a visão de Galtung sobre os desafios contemporâneos ligados à manutenção da paz (Belo, 2020; Galtung, 1996), a atividade de inteligência e espionagem desempenham diversas funções cruciais tanto em tempos de paz quanto em situações de conflito armado.

A atividade de inteligência, tida aqui também como um sinônimo para espionagem, é instrumental na formulação das políticas governamentais, abrangendo áreas como política externa, defesa nacional e manutenção da ordem pública, visando embasar as decisões em dados concretos, promovendo a especialização dos agentes decisórios e suas organizações. Além disso, a inteligência desempenha um papel fundamental no planejamento militar e nas estratégias defensivas, bem como no apoio a negociações diplomáticas e na identificação precoce de ameaças. Adicionalmente, ela monitora alvos estratégicos e pode ter um impacto transformador nas operações militares (Cepik, 2002). Portanto, no cenário contemporâneo, a inteligência emerge como uma ferramenta essencial para estabelecer uma paz verdadeira e duradoura, atuando no espectro que transcende as fronteiras entre guerra, política e influência, por muitas vezes obscuras.

No contexto das estratégias e origens dos movimentos antivacina na Europa e dos disseminadores de desinformação sobre vacinas no Brasil, é possível observar diferenças significativas. Os grupos antivacina na Europa têm raízes históricas que remontam ao século XIX e fundamentam suas convicções na desconfiança em relação às autoridades de saúde e em preocupações acerca da segurança das vacinas. Em contrapartida, no Brasil, os grupos que promoveram a desinformação durante a pandemia de COVID-19 apresentam conexões mais recentes e adotam uma abordagem mais contemporânea, valendo-se amplamente de plataformas de comunicação digital para disseminar *fake news* de múltiplos temas.

Em relação às estratégias empregadas, os grupos europeus recorrem a táticas como *lobby*, conscientização e ações legais para promover sua agenda, enquanto os brasileiros concentram-se na disseminação generalizada de desinformação. Ambos esses grupos exercem um impacto negativo nas taxas de vacinação, contribuindo, assim, para o ressurgimento de doenças evitáveis por meio

da imunização na Europa e para a disseminação da COVID-19 no Brasil. Embora compartilhem o emprego de desinformação como uma ferramenta, as ênfases variam, com os grupos europeus concentrando-se na segurança das vacinas, ao passo que os brasileiros direcionam sua desconfiança principalmente em relação às autoridades de saúde (Coelho et al., 2020; Mnookin, 2011; Benitti, 2020; De Barcelos et al., 2021).

As contribuições práticas deste estudo englobam duas implicações centrais do fenômeno nas redes. A primeira delas está ligada à propagação de desinformação, na qual o fenômeno entra em conflito direto com os esforços para conscientizar a população sobre a importância da vacinação, sobrecarrega os sistemas de comunicação digital e resulta em um aumento do ceticismo dos indivíduos em relação aos discursos de conscientização sobre a vacina e fortalecendo a infodemia (D'Ancona, 2018; Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). Enquanto a segunda consequência está relacionada ao impacto das *fake news* na fragilização da confiança das pessoas nas instituições, assumindo uma relevância crítica em questões de alta importância, como o Plano Nacional de Operacionalização da Vacina Contra a COVID-19, que, por sua vez, preconiza a disseminação de informações por meio das redes sociais, conforme delineado pelo Ministério da Saúde segundo o documento oficial (Ministério da Saúde, 2021).

Portanto, para atender ao objetivo geral da pesquisa, que visa identificar a relação entre as narrativas discursivas sobre a COVID-19 e as *fake news*, é imperativa uma compreensão fundamentada na contribuição de Paveau (2021) e Wardle (2017), que abordam o fenômeno do viés de confirmação nos indivíduos. Este viés é influenciado, em grande medida, pelas dinâmicas das redes sociais, plataformas de comunicação digital e *algoritmos*, os quais, coletivamente, dão origem a espaços de natureza biopolítica. Esses espaços, à semelhança do conceito de "panóptico", embora no contexto digital, exercem notório controle e influência sobre as percepções e cognições individuais. Dentro dessa conjuntura, narrativas inverídicas e a desinformação estão intrinsecamente entrelaçadas no âmbito discursivo, atuando como instrumentos para a promoção de uma verdade subjetiva em detrimento da verdade objetiva. Esse cenário culmina na propagação de uma infodemia e na solidificação do conceito de pós-verdade, conforme delineado por Matthew D'Ancona (2018), onde a noção de verdade é moldada conforme as

vontades individuais, diferenciando-se pela natureza inerente dessas vontades (D'Ancona, 2018; Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Os discursos desempenharam um papel fundamental na maneira como os indivíduos enfrentaram e assimilaram a pandemia (Paveua, 2020). No entanto, o excesso de informações muitas vezes dificulta a avaliação imparcial das evidências antes de se chegar a uma conclusão. Isso ocorre porque tendemos a pensar profundamente sobre uma situação o suficiente para encontrar uma explicação plausível, mesmo que superficial, e, uma vez que tenhamos alcançado uma conclusão, crença ou ponto de vista, nossa tendência é buscar evidências que confirmem nosso viés de confirmação preexistente, em vez de investir mais esforço na criação de cenários alternativos (Consenza, 2016). Considerando os objetos analisados nesta pesquisa, a análise revela a presença do viés de confirmação, o qual se manifesta devido à influência das narrativas que corroboram as crenças prévias dos indivíduos, independentemente da veracidade ou fundamentação objetiva desses conteúdos. Esse fenômeno ocorre quando as pessoas tendem a dar preferência e atribuir maior credibilidade a informações que se alinham com suas convicções preexistentes, mesmo que tais informações careçam de fundamento verídico ou base empírica.

Este trabalho apresenta algumas limitações que demandam abordagem mais aprofundada. Para uma compreensão abrangente do impacto da relação entre *fake news* e a consecução do Plano Nacional de Operacionalização da vacina contra a COVID-19, torna-se essencial a análise do discurso de enquadramento das desinformações a partir da perspectiva teórica proposta. No entanto, como observado por Richard Horton (2021) na versão *online* da Revista *The Lancet*, a compreensão da pandemia de COVID-19 não se restringe unicamente a aspectos políticos e de saúde, mas também se estende ao âmbito da biopolítica de Foucault. Em países como o Brasil, o enfrentamento da pandemia transcende a esfera da política do corpo, incorporando igualmente a política da morte, conforme delineado pelo conceito de "Necropolítica" desenvolvido por Achille Mbembe.

Conforme o autor, a crise gerada pela pandemia não se limita a considerações puramente econômicas, mas abrange dimensões políticas e éticas profundas. O Brasil foi alvo de críticas devido às medidas governamentais adotadas no enfrentamento da pandemia, tais como a tentativa malsucedida de privatização da atenção básica durante a crise sanitária, a ausência de um plano nacional de

resposta detalhado, a ocorrência de graves falhas logísticas na campanha de vacinação e a prevalência do negacionismo científico entre as lideranças governamentais.

Pode-se salientar que os canais oficiais do Ministério da Saúde, especialmente o *website*<sup>3</sup> da instituição, não corroboram as narrativas discursivas das *fake news* examinadas neste estudo. No entanto, é possível afirmar que o referido documento constitui uma manifestação biopolítica, haja vista que o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19 pode ser compreendido como um conjunto de diretrizes estabelecidas pelo governo para lidar com a imunização em massa da população contra o vírus. Este plano envolve decisões concernentes à prioridade dos indivíduos a serem vacinados, à escolha das vacinas a serem utilizadas e à logística de distribuição, entre outras questões. Ao implementar um plano de vacinação em larga escala, o governo exerce controle sobre a vida e a saúde da população, tomando decisões que impactam diretamente a biologia e o bem-estar dos cidadãos. Essas decisões podem ser consideradas uma manifestação da biopolítica, uma vez que visam otimizar a saúde e a sobrevivência da coletividade em geral.

Na análise das *fake news* relacionadas à vacina contra a COVID-19, o estudo revelou que tais narrativas não se alinham com o conceito de biopolítica proposto por Michel Foucault. Esta discrepância se manifesta devido à promoção, por parte dessas *fake news*, de discursos que contrariam preceitos científicos e desafiam as diretrizes no Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19. Este desafio, por sua vez, subverte os princípios que regem a gestão da vida e da saúde da população. Contrariamente, essas desinformações parecem estar mais alinhadas com uma política que prioriza a administração da morte, uma característica que se enquadra, aparentemente, ao conceito de necropolítica.

Outras limitações do estudo decorrem, em parte, da restrição temporal estabelecida para sua execução, bem como do contexto de produção no qual o trabalho foi desenvolvido simultaneamente à análise do contexto da pesquisa, em uma proximidade temporal com o fenômeno de estudo. Essas circunstâncias comprometeram a capacidade de aprofundamento nas questões relativas ao fenômeno ocorrido no Brasil, particularmente no que diz respeito à plataforma de comunicação do *WhatsApp* e à sua gestão por parte de uma infraestrutura humana.

---

<sup>3</sup> <https://www.gov.br/saude/pt-br>

Além disso, a pesquisa enfrentou dificuldades em conduzir uma revisão minuciosa dos discursos políticos que se alinham aos discursos das *fake news* analisadas, devido às limitações impostas pelas restrições já mencionadas.

Este estudo propõe, para investigações posteriores, a adoção do arcabouço teórico da necropolítica como uma perspectiva pertinente para analisar o fenômeno. Adicionalmente, enfatiza a urgência de pesquisas voltadas para a compreensão desse fenômeno, destacando-o como um instrumento que mobiliza coletivo e fomenta a construção de uma identidade coletiva, cujas expressões podem desencadear mobilizações sociais caracterizadas pela violência. A manifestação desse fenômeno é notável em contextos onde a ausência de uma autoridade judiciária capaz de arbitrar entre o verdadeiro e o falso amplifica a busca pela validação da verdade nas esferas sociais derivadas do núcleo político contemporâneo. Essa dinâmica se evidencia em um cenário de considerável demanda social, devido à ampla disseminação do fenômeno, no qual normas, padrões de conduta e códigos éticos uniformemente estabelecidos são frequentemente negligenciados, contrastando com outros contextos sociais, o que abre precedentes para a emergência de novos fenômenos nas esferas cibernéticas, proveniente da Revolução em Assuntos Militares.

A consolidação de comportamentos e estratégias apresenta um desafio para a soberania estatal, uma vez que implica na influência das decisões estatais na imposição e estabelecimento da vontade das organizações institucionais. Este desafio contribui para a configuração desses espaços, à medida que os atores, sejam eles estatais ou não, demonstram possuir capacidades comparáveis e, em algumas circunstâncias, até superiores às dos próprios Estados. Com a crescente interconexão entre os conteúdos *online* e as delimitações geográficas tangíveis, é de suma importância aprofundar a pesquisa sobre a possibilidade de que o ciberespaço, originalmente concebido como uma entidade global, tenha gradualmente evoluído para uma experiência localizada, na qual a escala mínima é o indivíduo. No entanto, nesse contexto, em que o cenário político global é caracterizado por divisões territoriais, a dinâmica transfronteiriça da esfera cibernética perturba a aplicação do poder sobre questões nacionais, uma vez que essas questões agora se disseminam globalmente.

Deve ser destacado que, enquanto a camada física do ciberespaço é passível de análise em termos de soberania territorial, no atual cenário político global, a

dinâmica transfronteiriça do domínio cibernético apresenta um desafio significativo para a efetiva aplicação do poder soberano em questões nacionais. Tal desafio emerge em virtude do transcendimento de tais questões além das fronteiras internacionais, gerando uma zona de indefinição na qual as ações relacionadas à segurança cibernética podem desencadear implicações que ultrapassam tais fronteiras e abarcam temas relativos à segurança, como a manifestação de violência civil contra grupos e instituições, insurgências, revoltas, terrorismo doméstico e outras ameaças. Finalmente, é crucial sublinhar que o processo de estabelecimento de fronteiras cibernéticas e, por conseguinte, a reafirmação da soberania dos Estados, estará repleto de intrincadas características, com potencial para perigosidade e extensas durações. À medida que o ambiente cibernético prossegue em constante evolução e expansão, torna-se imperativo que o Brasil considere não apenas medidas de defesa cibernética próprias, mas também reconheça a crescente interconexão e interdependência com atores tanto internacionais quanto nacionais no domínio da segurança cibernética.

## 5 - REFERÊNCIAS

ABREU, Bárbara Cunha; ROAZZI, Antonio. **NUDGING E GAMIFICAÇÃO NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO PARA MINIMIZAR OS EFEITOS DAS FAKE NEWS E AUMENTAR O CONHECIMENTO SOBRE A COVID-19.** Revista Docência e Cibercultura, v. 7, n. 2, p. 269-291, 2023.

ACANDA, Jorge Luis. **De Marx a Foucault: poder y revolución. Ponencia presentada en el Coloquio sobre la obra de Michel Foucault.** Inicios de Partida, La Habana, 2000.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA (ABIN). **Agência Brasileira de Inteligência.** Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/assuntos/inteligencia-e-contrainteligencia>. Acesso em: 03 de outubro de 2023a.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA (ABIN). **Inteligência.** Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/assuntos/inteligencia-e-contrainteligencia/inteligencia>. Acesso em: 03 de outubro de 2023b.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA. **Política Nacional de Inteligência.** Disponível em: <https://www.gov.br/abin/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/politica-nacional-de-inteligencia-1/politica-nacional-de-inteligencia>. Acesso em: 03 de outubro de 2023c.

AGÊNCIA BRASIL. **Bolsonaro diz que o Brasil pode sair da OMS.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-06/bolsonaro-diz-que-brasil-pod-e-sair-da-oms> Acesso em: 1 nov. de 2021.

AGÊNCIA BRASIL. **Comitê quer envolver sociedade em debate sobre regulação da internet.** Agência Brasil, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/comite-quer-envolver-sociedade-em-debate-sobre-regulacao-da-internet>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ALVES, Paulo Magno de Melo Rodrigues. **O impacto de big data na atividade de inteligência.** Revista Brasileira de Inteligência, n. 13, p. 25-44, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo.** Rio de Janeiro: ABI, 2002. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>. Acesso em: 12 maio 2023.

BARTLETT, Jamie. **The dark net: Inside the digital underworld.** William Heinemann: London, 2014.

BBC. "**Brasil registra mais de 2 mil mortes por covid em 24 horas pela 1ª vez desde maio**". Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 4 jun. 2023.

BOYD, Danah. *The Information War Has Begun*. [S.l.: s.n.], 27 jan. 2017. Disponível em: <http://www.zephoria.org/thoughts/archives/2017/01/27/the-information-war-has-begun.html>. Acesso em: 11 mai. 2023.

BRAGA, Patricia Benedita Aparecida. **PESQUISA QUALITATIVA EM DEBATE: ENTRE ESPECIFICIDADES E "NOVAS" CONCEPÇÕES NOS ESTUDOS COMPARATIVOS**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, v. 25, n. 3, 2016.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao). Acesso em: 1 jan. 2017.

BRASIL, **Portaria n.º 125**, de 19 de março de 2020. Brasília. DOU Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/governo-fecha-fronteira-para-frear-avanco-do-coronavirus> Acesso em: 12 jan. de 2022.

CAMELO, Diego Fernando. *Historia y poder: los (des) usos de Marx por Foucault*. Revista Filosofía UIS, v. 18, n. 2, p. 125-141, 2019.

CANÁRIO, Pedro. Artigo: **Melhor tradução para "fake news" não é "notícia falsa", é "notícia fraudulenta"**. CNBBA, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://cnbba.org.br/2018/08/13/artigo-melhor-traducao-para-fake-news-nao-e-noticia-falsa-e-noticia-fraudulenta-por-pedro-canario/>. Acesso em: 13 maio 2023.

CEPIK, Marco; CANABARRO, Diego Rafael; BORNE, Thiago. **A securitização do ciberespaço e o terrorismo: uma abordagem crítica**. Do, v. 11, p. 161-186, 2014.

CEPIK, Marco. **Inteligência e Políticas Públicas: dinâmicas operacionais e condições de legitimação**. *Security and Defense Studies Review*, v. 2, n. 2, p. 246-267, 2002.

CHIGNOLA, Sandro. **Sobre o dispositivo**. Tradução de Sandra Dall Onder. Revista Eco-Pós, v. 12, n. 214, p. 1-16, 2014. ISSN 1679-0316.

COELHO, F. P. M. *et al.* **Revolta da Vacina no Século XXI**. REVISTA DE SAÚDE, Brasília, v. 7, n. 2, p. 5-7, jul./2020.

CONDEIXA, Fábio de Macedo Soares Pires. **Espionagem e direito**. Revista Brasileira de Inteligência, n. 10, p. 21-40, 2015.



CORMEN, T. H. et al. **Algoritmos**: Teoria e Prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 1-312.

COSENZA, Ramon M. **Por que não somos racionais**. Artmed Editora, 2016.

CRONIN, Patricia; RYAN, Frances; COUGHLAN, Michael. **Undertaking a literature review: a step-by-step approach**. *British journal of nursing*, v. 17, n. 1, p. 38-43, 2008.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DA SILVA MEDEIROS, Jackson. **Algoritmos como dispositivos produtores de subjetividades**: um ensaio de compreensão em Michel Foucault e Gilles Deleuze. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 201-211, jul./dez. 2020.

DA SILVA MEDEIROS, Jackson. **Subjetividades digitais**: micropolíticas info-comunicacionais e uma introdução programática. *Brazilian Journal of Information Science*, v. 13, n. 2, p. 26-35, 2019.

DEACON, Roger. **Clausewitz and Foucault: war and power**. *Scientia Militaria: South African Journal of Military Studies*, v. 31, n. 1, p. 37-48, 2003.

DE ARAUJO GRIGOLI, Guilherme; DE RESENDE SILVA, Josias Marcos; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. **As Forças Armadas brasileiras e o covid-19**: a articulação de uma resposta interdisciplinar ao enfrentamento da pandemia no estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 9, n. 1, p. 127-157, 2022.

DE BARCELOS, Thainá do Nascimento et al. **Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil**. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 45, p. e65, 2021.

DE LIMA FIGUEIREDO, Eurico. Estudos Estratégicos como área de conhecimento científico. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 2, n. 2, 2015.

DEMCHAK, Chris; DOMBROWSKI, Peter. **Cyber Westphalia: Asserting state prerogatives in cyberspace**. *Georgetown Journal of International Affairs*, p. 29-38, 2013.

DINIZ, Eugenio. **Breve ensaio sobre Estudos de Defesa como atividade científica**. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 2, n. 2, 2015.

DISEASES, *The Lancet Infectious*. **The COVID-19 infodemic**. *The Lancet. Infectious Diseases*, v. 20, n. 8, p. 875, 2020.

DE SOUZA, Daniel Fugisawa; DO BOMFIM, David Ricardo Damasceno. **CIÊNCIA DE DADOS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS DE INTELIGÊNCIA**. Revista Brasileira de Inteligência, n. 16, p. 53-77, 2021.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.1-249, 1995.

ELLIS, Robert E. **Military Support to Civil Authorities in the COVID-19 Pandemic: A Comparative Analysis**. Journal of the Americas, v. 2, n. 3, 2020. Disponível em: [https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/JOTA/Journals/Volume%202%20Issue%203/Ellis\\_port4.pdf](https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/JOTA/Journals/Volume%202%20Issue%203/Ellis_port4.pdf). Acesso em: 09 nov. 2020.

EL PAÍS. **Os dias tristes de Beppe Grillo, o palhaço que triunfou com o experimento político mais estranho da Europa**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-06/os-dias-tristes-do-palhaco-grillo-o-palhaco-que-triunfou-com-o-experimento-politico-mais-estranho-da-europa.html> Acesso em: 14 mar. de 2022.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2021.

FATO OU FAKE. **G1 lança Fato ou Fake, novo serviço de checagem de conteúdos suspeitos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em: 25 de novembro de 2023a

\_\_\_\_\_. **Coronavírus**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/>. Acesso em: 02 de dez. 2023b.

\_\_\_\_\_. **É fake que laboratório de Wuhan e Pfizer sejam de propriedade da farmacêutica Glaxo**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/12/10/e-fake-que-laboratorio-de-wuhan-e-pfizer-sejam-de-propriedade-da-farmaceutica-glaxo.ghtml>. Acesso em: 25 de novembro de 2023c

\_\_\_\_\_. **SP gastará para vacinar população do estado mais de 3 vezes o que governo federal estima gastar em todo o país**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/12/14/e-fake-que-sp-gastara-para-vacinar-populacao-do-estado-mais-de-3-vezes-o-que-governo-federal-estima-gastar-em-todo-o-pais.ghtml> Acesso em: 25 de novembro de 2023d

\_\_\_\_\_. **Mensagem que circula em Guarulhos convocando cadastro em UBS para receber vacina**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/02/02/e-fake-mensagem-que-circula-em-guarulhos-convocando-cadastro-em-ubs-para-receber-vacina.ghtml> Acesso em: 25 de novembro de 2023e

\_\_\_\_\_. **Pessoa fica com imunidade mais baixa após tomar vacina e tem risco aumentado de contrair COVID-19**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/28/e-fake-que-pessoa-fica-com-imunidade-mais-baixa-apos-tomar-vacina-e-tem-risco-aumentado-de-contrair-covid-19.ghtml> Acesso em: 25 de novembro de 2023f

\_\_\_\_\_. **Hebraica tem excesso de vacinas contra a COVID-19 e que doses estão prestes a vencer.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/05/18/e-fake-que-hebraica-tem-excesso-de-vacinas-contra-a-covid-19-e-que-doses-estao-prestes-a-vencer.ght>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023g

\_\_\_\_\_. **Christian Eriksen tomou vacina da Pfizer semanas antes de mal súbito em jogo da Eurocopa.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/06/14/e-fake-que-christian-eriksen-tomou-vacina-da-pfizer-semanas-antes-de-mal-subito-em-jogo-da-eurocopa.ghtml>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023h

\_\_\_\_\_. **Vacina contra COVID contamina e faz sangue mudar de coloração.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/09/24/e-fake-que-vacina-contra-covid-contamina-e-faz-sangue-mudar-de-coloracao.ghtml>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023i

\_\_\_\_\_. **Jovens têm morrido após receber vacina contra COVID-19 no Brasil.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/09/30/e-fake-que-jovens-tem-morrido-apos-receber-vacina-contra-covid-19-no-brasil.ghtml>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023j

\_\_\_\_\_. **Governo Biden simulou ter tomado a dose de reforço contra COVID-19.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/10/12/e-fake-que-biden-simulou-ter-tomado-a-dose-de-reforco-contra-covid-19.ghtml>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023k

\_\_\_\_\_. **Imagem microscópica revele criatura de carbono e alumínio em sangue de vacinado contra COVID.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/10/29/e-fake-que-imagem-microscopica-revele-criatura-de-carbono-e-aluminio-em-sangue-de-vacinado-contra-covid.ghtml>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023l

\_\_\_\_\_. **Mensagem que relaciona vacina contra COVID-19 a nascimento de criança com cauda no CE.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/11/11/e-fake-mensagem-que-relaciona-vacina-contra-covid-19-a-nascimento-de-crianca-com-cauda-no-ce.ghtml>  
Acesso em: 25 de novembro de 2023m

FERNANDES, José Pedro Teixeira. **“Utopia, Liberdade e Soberania no Ciberespaço”**. Revista Nação e Defesa 133: 11–31. Portugal: Instituto de Defesa Nacional, 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educação & sociedade, v. 23, p. 257-272, 2002.

FERREIRA, Fernanda Vasques; VARÃO, Rafiza; BOSELLI, Marco. **Desinformação sobre a vacina da Covid-19 no Brasil: medição de alcance e impactos das fake news na saúde**. Razón y Palabra, v. 26, n. 114, 2022.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas.** Revista de Administração Pública, v. 44, p. 367-383, 2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. **UMA MENTIRA SOBRE VACINA ENGANOU 46% DOS BRASILEIROS.** Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quase-metade-dos-brasileiros-acredita-em-boatos-sobre-vacinas/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.  
 \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade:** curso no *College de France* (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.  
 \_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.  
 \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1998.  
 \_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica:** curso dado no *College de France* (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
 \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO, Angela Halen Claro et al. **Políticas públicas de informação e Inteligência Coletiva:** os desafios e as possibilidades para a democratização da informação. Informação & Sociedade: Estudos; v. 29, n. 1 (2019), v. 24, n. 2, 2019.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos.** In Obras completas volume 15. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

G1. **Ministro do STF proíbe governo federal de derrubar decisões de estados e municípios sobre isolamento.** Brasília, 8 abril de 2020 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/08/governo-federal-nao-pode-derrubar-decisoes-de-estados-e-municipios-sobre-isolamento-decide-ministro-do-stf.ghtml> Acesso em: 12 jan. de 2022.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. **Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, p. 1849-1858, 2022.

GALTUNG, Johan. **Peace by peaceful means: Peace and conflict, development and civilization.** Sage, 1996.

GOLDMAN, Alvin I.; BAKER, Daniel. **Free speech, fake news, and democracy. First Amend. L. Rev.,** v. 18, p. 66, 2019.

GREER, S. L. et al. **Coronavirus Politics: The Comparative Politics and Policy of COVID-19.** 1. ed. USA: University of Michigan Press, 2021. p. 1-416.

HARTMANN, Ivar A. **LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CAPACIDADE COMUNICATIVA: UM NOVO CRITÉRIO PARA RESOLVER CONFLITOS ENTRE**

DIREITOS FUNDAMENTAIS INFORMACIONAIS. Direitos Fundamentais & Justiça, Belo Horizonte, v. 12, n. 39, p. 145-183, jul./2018.

HARTMANN, Ivar Alberto; MONTEIRO, Julia lunes. **Fake News no Contexto de Pandemia e Emergência Social**: os Deveres e Responsabilidades das Plataformas de Redes Sociais na Moderação de Conteúdo Online: entre a Teoria e as Proposições Legislativas. Revista Direito Público, Brasília, v. 17, n. 94, p. 388-414, jul./2020.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. **A dupla epidemia**: febre amarela e desinformação. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 1, 2018.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura–UNESCO, 2019.

JÚNIOR, Augusto Wagner Menezes Teixeira; LOPES, Gills Vilar; FREITAS, Marco Túlio Delgobbo. **As três tendências da guerra cibernética**: novo domínio, arma combinada e arma estratégica. Carta Internacional, v. 12, n. 3, p. 30-53, 2017.

KAISER, Brittany. **Manipulados**: Como a *Cambridge Analytica* e o *Facebook* Invadiram a Privacidade de Milhões e Botaram a Democracia em Xequê. Harper Collins: Rio de Janeiro, 2020.

KARA, Helen. **Creative research methods in the social sciences: A practical guide**. Policy press, 2015.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1ª Edição, 1999.

**LUPA. Institucional**. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional> Acesso em: 1 out. de 2022a.

\_\_\_\_\_. **Busca**. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/busca/vacina%20covid> Acesso em: 1 out. de 2022b.

\_\_\_\_\_. **É falso que a vacina da Covid-19 causa infertilidade em mulheres**. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/12/04/verificamos-vacina-covid-19-infertilidad-e-mulheres> Acesso em: 1 out. de 2022c.

\_\_\_\_\_. **Morte de seis pessoas durante testes da vacina da Pfizer não têm relação com o imunizante**. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/12/09/verificamos-morte-testes-vacina-pfizer> Acesso em: 1 out. de 2022d.

\_\_\_\_\_. **É falso que bebê de dois anos morreu durante teste da vacina da Pfizer.** Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/05/07/verificamos-bebe-morreu-teste-pfizer> Acesso em: 1 out. de 2022e.

\_\_\_\_\_. **É falso que suramina é ‘antídoto para magnetização e envenenamento’ das vacinas contra a Covid-19.** Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/12/10/verificamos-suramina-antidoto-vacinas-contra-covid-19> Acesso em: 1 out. de 2022f.

\_\_\_\_\_. **É falso que voluntária nos EUA apresentou ‘feridas sangrentas’ após teste da vacina da Covid-19.** Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/12/04/verificamos-voluntaria-feridas-vacina> Acesso em: 1 out. de 2022g.

\_\_\_\_\_. **É falso que vacina da Pfizer terá ‘chip da Microsoft’ para prevenir efeitos colaterais.** Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/05/11/verificamos-pfizer-microsoft> Acesso em: 1 out. de 2022h.

\_\_\_\_\_. **É falso que União Europeia vai substituir vacinas contra Covid-19 por ivermectina.** Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/10/15/verificamos-uniao-europeia-ivermectina> Acesso em: 1 out. de 2022i.

MACHEREY, Pierre. *La philosophie à la française. Revue des sciences philosophiques et théologiques*, p. 7-14, 1990.

MARQUES, Luíz Fernando Ribeiro et al. *Fake News e Covid-19: uma revisão narrativa*. Cadernos UniFOA, v. 18, n. 51, 2023.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. Companhia das Letras, 2020. Versão Kindle, Sem Paginação.

MINISTÉRIO DA DEFESA. *2ª Divisão de Exército. Covid-19*. Disponível em: <https://2de.eb.mil.br/index.php/covid>. Acesso em: 26 abr. 2023a.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Forças Armadas atuam há 396 dias no combate à pandemia.** Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/forças-armadas-atuam-ha-396-dias-no-combate-a-pandemia>. Acesso em: 17 de agosto de 2023b.

MINISTÉRIO DA DEFESA. *Glossário das Forças Armadas*. 5. ed. Brasília, 2015. Disponível em: [http://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35\\_G01.pdf](http://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35_G01.pdf). Acesso em: 26 abr. 2023.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Livro Branco da Defesa Nacional**. Brasília: Ministério da Defesa, 2012.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Política Nacional de Defesa (PND) e Estratégia Nacional de Defesa (END)**. Disponível em: [https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado\\_e\\_defesa/pnd\\_end\\_congresso\\_.pdf](https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado_e_defesa/pnd_end_congresso_.pdf). Acesso em: 04 dez. 2023c.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PLANO NACIONAL DE OPERACIONALIZAÇÃO DA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/marco/23/plano-nacional-de-vacinacao-covid-19-de-2021>. Acesso em: 10 maio de 2021.

MNOOKIN, Seth. ***The Panic Virus: A True Story of Medicine, Science and Fear***. 1. ed. New York: Simon & Schuster, 2011. p. 1-453.

NEMER, David. **Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Editora Milfontes, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=33VYEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=david+nemer+tecnologia+do+oprimido&ots=aMHBU4jAc9&sig=H9Bs8vTIhg mO9hiir93rUzzzscU#v=onepage&q=david%20nemer%20tecnologia%20do%20oprimido&f=false>

NEOCLEOUS, Mark. ***Perpetual war, or'war and war again'*** Schmitt, Foucault, ***fascism. Philosophy & social criticism***, v. 22, n. 2, p. 47-66, 1996.

NEXO JORNAL. **O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford> Acesso em: 1 abr. de 2022.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes de (Org.). **Defesa Cibernética e Mobilização Nacional**. Recife: Ed. UFPE, 2020. 234 p. il. Coleção Defesa e Fronteiras Virtuais, v.5. Vários autores.

ONU. **COVID-19 and the role of the United Nations: A global response to the pandemic**. 2021. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3927039?ln=en>. Acesso em: 07 de outubro de 2023.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição em Massa**. Editora Rua do Sabão, 2021. Disponível em:

[https://www.google.com.br/books/edition/Algoritmos\\_de\\_Destruir%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Massa/nEUvEAAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=O%27NEIL,+Cathy.+Algoritmos+de+destruir%C3%A7%C3%A3o+em+massa.+Editora+Rua+do+Sab%C3%A3o,+2021&pg=PT1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Algoritmos_de_Destruir%C3%A7%C3%A3o_em_Massa/nEUvEAAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=O%27NEIL,+Cathy.+Algoritmos+de+destruir%C3%A7%C3%A3o+em+massa.+Editora+Rua+do+Sab%C3%A3o,+2021&pg=PT1&printsec=frontcover) Acesso em: 8 jan. de 2023. Não paginado.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19.** 2020. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf) Acesso em: 1 nov. 2021.

OXFORD LEARNERS DICTIONARIES. **Post-truth.** Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post+truth> Acesso em: 5 abr. de 2022.

OXFORD LEARNERS DICTIONARIES. **News.** Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/news?q=News> Acesso em: 8 outubro de 2023.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital:** dicionário das formas e das práticas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2021.

\_\_\_\_\_. **Discurso em tempos de pandemia - Fase 2.** [vídeo *online*]. LEEDiM UFSCar, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hzaQPI2obFs&t=1485s>. Acesso em: 02 mai. 2023.

\_\_\_\_\_. **Éthique du discours numérique.** Línguas e Instrumentos Linguísticos (Brésil), 2016, 37, pp.177-210. Disponível em: <https://hal.science/hal-01423473> Acesso em: 14 abril de 2023.

\_\_\_\_\_. **O redemoinho de palavras.** Análise do discurso, consciente, real, alteridade. Matraca - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 15, n. 22, 2008.

PAUL, Christopher; MATTHEWS, Miriam. **The Russian 'Firehose of Falsehood' Propaganda Model - Why It Might Work and Options to Counter It.** RAND Corporation, 2016. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>. Acesso em: 16 abr. 2023.

PERRY-BARLOW, John. **A Declaration of the Independence of Cyberspace.** Disponível em: <https://scholarship.law.duke.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1337&context=dltr> Acesso em: 7 out. de 2022.



PORTAL DA COMUNICAÇÃO. **Redes Sociais e influenciadores crescem na pandemia.** Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2020/04/redes-sociais-e-influenciadores-crescem-na-pandemia/>. Acesso em: 24 maio de 2021.

**PRIVACIDADE HACKEADA**, Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Estados Unidos, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117542> Acesso em: 15 jan. de 2023.

PROTEVI, John. **The Cambridge Foucault Lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 540-546. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-foucault-lexicon/war/4BB24123075A791EDF748D2F1D6A292D> Acesso em: 25 novembro de 2023.

QUESTÃO DE CIÊNCIA. **As teorias conspiratórias da COVID-19 ganham sua musa.** Disponível em: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2020/05/11/teorias-conspiratorias-sobre-covid-19-ganham-um-rostro-uma-voz-e-uma-musa-judy-mikovits> Acesso em: 8 out. de 2022.

REGERINGEN. **Inrättande av Myndigheten för psykologiskt försvar**. Disponível em: <https://www.regeringen.se/494e3d/contentassets/86b0598f69ae46fc9f2c4607a3f83cb2/inrattande-av-myndigheten-for-psykologiskt-forsvar-dir.-202120>. Acesso em: 25 jan. DE 2022.

REID, Julian. **Foucault on Clausewitz: Conceptualizing the relationship between war and power**. *Alternatives*, v. 28, n. 1, p. 1-28, 2003.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Editora Claraluz, 2002.

REVISTA MILITAR. **Operações de Informação: enquadramento e impacto nacional**. Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/137>. Acesso em: 19 set. 2023.

RODRIGUES, Karina Furtado; CARPES, Mariana Montez; RAFFAGNATO, Carolina Gomes. **Preparação e resposta a desastres do Brasil na pandemia da COVID-19**. REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 614-634, jul./2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social: LIVROS QUE MUDARAM O MUNDO**. 1. ed. Portugal: Editorial Presença, Lda, 2010. p. 1-169.

SENADO FEDERAL. **Constituição**. Brasília (DF), 1988. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf) Acesso em: 1 abr. 2021.

SENADO FEDERAL. **Desinformação e fake news são entrave no combate à pandemia, aponta debate.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entrave-no-combate-a-pandemia-aponta-debate>. Acesso em: 03 de outubro de 2023a.

SENADO FEDERAL. **Em discussão:** espionagem. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/503306/140714-emdiscussao-espionagem.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 dez. 2023c.

SENADO FEDERAL. **LEI Nº 9.883, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1999.** Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/551759/publicacao/15729458>. Acesso em: 03 de outubro de 2023b.

SENADO FEDERAL. **Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade de Dados na Internet.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/ouvidoria/publicacoes-ouvidoria/redes-sociais-noticias-falsas-e-privacidade-de-dados-na-internet>. Acesso em: 1 abr. 2021.

SILVA, Annita Ingrid Alves; DE SIQUEIRA, Julio Gomes; DE SIQUEIRA, Celia Gomes. **Vacinas:** história, negacionismo, 'fake news' e a Covid-19 no Brasil hoje. Vaccines: history, denialism, fake news, and Covid-19 in Brazil today. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 5, p. 35200-35217, 2022.

SILVA, Gabriela Martins et al. **Desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública:** das fake news à hesitação vacinal. Ciência & Saúde Coletiva, v. 28, p. 739-748, 2023.

SOARES, Maiara Sousa; MARTINS, Mayara Arruda. **Um panorama sobre a Análise do Discurso Digital.** Revista da ABRALIN, p. 1-5, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho.** Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

THE ECONOMIST. **Art of the lie.** Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>. Acesso em: 1 abr. 2022.

THE LANCET. **COVID-19: effect of vaccines on new variants and international travel.** The Lancet, [S.l.], v. 397, n. 10273, p. 881-882, 2021. Disponível em:

[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)00202-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)00202-6/fulltext).  
Acesso em: 4 jun. 2023.

UNASUS. Coronavírus: **Brasil confirma primeiro caso da doença**. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,para%20It%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia> Acesso em: 1 nov. 2021.

VAN EVERA, Stephen. ***Guide to methods for students of political science***. Cornell University Press, 1997.

VENTRE, Daniel. **Ciberguerra**. In: Academia General Militar. Seguridad Global y Potencias Emergentes en un Mundo Multipolar. XIX Curso Internacional de Defensa. Zaragoza: Universidad Zaragoza, 2012.

VOTEL, Joseph L. et al. ***Unconventional warfare in the gray zone***. Joint Forces Quarterly, v. 80, n. 1, p. 101-109, 2016.

WHITE, Jay D.; CLARKE, Richard A.; KNAKE, Robert K. ***Information Technology and Homeland Security***. 2012.

WARDLE, Claire. ***Fake news. It's complicated***. FIRST DRAFT, 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>  
Acesso em: 7 out. de 2022.

## 6 - ANEXOS

### ANEXO 1 - *Fake News* sobre a Vacina contra a COVID-19 no banco de dados da Agência Lupa.

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da <i>Fake News</i></b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
04/12/2020	Voluntária nos EUA apresentou 'feridas sangrentas' após teste da vacina da COVID-19	Ítalo Rômany	<i>Facebook</i>
04/12/2020	A Vacina COVID-19 é esterilização feminina, denunciam especialistas	Carol Macário	<i>Facebook</i>
09/12/2020	Seis pessoas morreram no estágio final dos testes da Pfizer com a vacina da COVID-19	Carol Macário	<i>Facebook</i>
07/05/2021	Bebê de dois anos MORRE durante experimentos da vacina da COVID-19 da Pfizer em crianças.	Carol Macário	<i>WhatsApp</i>
11/05/2021	Pfizer anuncia atualização da vacina COVID-19, agora inclui chip da Microsoft para sintomas reduzidos.	Gustavo Queiroz	<i>WhatsApp</i>
15/10/2021	UNIÃO EUROPEIA SUBSTITUIRÁ VACINAS POR IVERMECTINA	Bruno Nomura	<i>Facebook</i>
10/12/2021	O ANTÍDOTO CONTRA A MAGNETIZAÇÃO E ENVENENAMENTO GERADO PELAS VACINAS – SEGUNDO A DRA.JUDY MARKOVITS	Catiane Pereira	<i>WhatsApp</i>

Fonte: Autor, adaptado de Agência Lupa, 2022b.

## ANEXO 2

17 h · 🌐

🚨 VOLUNTÁRIA DO TESTE DA VACINA COVID-19, TEVE REAÇÃO ADVERSA GRAVE. 🚨

A Patricia, que mora em Austin, TX, foi voluntária em um estudo de VACINA COVID-19 recentemente e teve uma reação adversa grave. Ela não consegue andar ou trabalhar há quase 4 semanas por causa de enormes feridas sangrantes nos pés. Essas feridas são chamadas de Erupção Fixa por Drogas para aqueles que desejam se aprofundar um pouco mais em como isso acontece. Ela foi ao pronto-socorro e viu vários especialistas para este problema e já perdeu uma quantia significativa de dinheiro devido ao trabalho faltando e pagando do bolso o que o seguro não cobre. Por meio da pandemia, ela já lutou para sobreviver, como tenho certeza de que muitos de nós podemos compreender e nos identificar nestes tempos difíceis. A EMPRESA FARMACÊUTICA QUE ADMINISTROU ESTA "VACINA" NÃO IRÁ REEMBOLSÁ-LA PELOS SALÁRIOS PERDIDOS a partir de agora e com o seu cargo no trabalho, se ela não estiver presente ela não será paga. É perder, perder Financeiramente.....

LEIA MAIS 📖

<https://www.gofundme.com/f/medical-and-child-care-expenses>  
<https://mobile.twitter.com/.../status/1329845914442244097...>

#naoavacinaobrigatoria  
 #vacinaoemmassa  
 #vacinamortal  
 #VacinaCovid19

## ANEXO 3

**Dr. Wolfgang Wodarg e o Dr. Mike Yeadon: A Vacina Covid-19 é Esterilização Feminina**

Twitter / @MichaelYeadon3 | O...

FB/ANONYMOUSINCISION

*As vacinas de mRNA da BioNTech/Pfizer contêm polietilenoglicol (PEG). ..significa que muitas pessoas podem desenvolver reações alérgicas e potencialmente fatais à vacinação.*

Antony Mous...  
 Ontem às 09:18 · 🌐

O Dr. Wodarg e o Dr. Yeadon solicitam a suspensão de todos os estudos de vacinação corona e convocam a assinatura da petição

Em 1 de dezembro de 2020, o ex-chefe de pesquisa respiratória da Pfizer, Dr. Michael Yeadon, e o especialista em pulmão e ex-chefe do departamento de saúde pública, Dr. Wolfgang Wodarg, entraram com um pedido na EMA, a Agência Europeia de Medicamentos responsável por toda a UE aprovação do medicamento, para a suspensão imediata de todos os estudos da v...  
 Ver mais

👍👎🗨️ 1 20 comentários 113 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

Mais relevantes ▾

👤 Autor

## ANEXO 4

**Seis pessoas morreram no estágio final dos testes da Pfizer com a vacina COVID-19**

09/12/2020 ▶ INTERNACIONAL

**FDA: Six people die during Pfizer vaccine trial**

Health &amp; Fitness

Wednesday, 9 December 2020 | MYT 12:24 AM



FDA (EUA) publicou o primeiro relatório revisado por pares sobre testes da Pfizer.

## ANEXO 5

Encaminhada

### **Bebê de dois anos de idade MORRE durante os experimentos da vacina Covid-19 da Pfizer em crianças**

Sexta-feira, 30 de abril de 2021 por: Ethan Huff

A photograph of a two-year-old child crying and holding their mouth open while a medical professional in white gloves performs a procedure on their chest. The child is shirtless and appears to be in pain or distress.

( Natural News ) Seis dias depois de receber uma segunda injeção da vacina experimental contra o coronavirus Wuhan (Covid-19) da Pfizer, um bebê de dois anos faleceu nos testes clínicos da empresa para crianças, indicam novos relatórios . Os testes em andamento incluem mais de 10.000 crianças com idades entre cinco e 11 anos em um dos grupos e outras 10.000 crianças com até seis meses

17:51

## ANEXO 6



The image is a screenshot of a web browser displaying a news article. The browser's address bar shows the URL "valuewalk.com/pfizer-ann". The page header includes a hamburger menu icon, the "ValueWalk" logo, and a search icon. Below the header, there is a breadcrumb trail: "Casa > Política". A category tag "Política" is visible. The main headline reads: "Pfizer anuncia atualização de vacina COVID-19, agora inclui chip da Microsoft para sintomas reduzidos". Below the headline, the author is listed as "De Eloise Williams" and the date is "9 de abril de 2021, 10:37". The article text states: "A Pfizer acaba de divulgar uma nova declaração para investidores citando que eles fecharam um acordo com a Microsoft para integrar seu chip de processador Pluton para reduzir os sintomas associados à vacina. No comunicado, afirma-se que os receptores da nova vacina esperam redução da fadiga, redução da dor, aumento da consciência etc."

Casa > Política

Política

## Pfizer anuncia atualização de vacina COVID-19, agora inclui chip da Microsoft para sintomas reduzidos

De [Eloise Williams](#) - 9 de abril de 2021, 10:37

A Pfizer acaba de divulgar uma nova declaração para investidores citando que eles fecharam um acordo com a Microsoft para integrar seu chip de processador Pluton para reduzir os sintomas associados à vacina. No comunicado, afirma-se que os receptores da [nova vacina](#) esperam redução da fadiga, redução da dor, aumento da consciência etc.

## ANEXO 7



## ANEXO 8





**ANEXO 9 - Fake News sobre a Vacina contra a COVID-19 no banco de dados da Agência Fato ou Fake da G1.**

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
08/12/2020	Vacina das farmacêuticas Pfizer e BioNTech para COVID-19 cause infertilidade em mulheres	Roberta Pennafort e CBN	Não confirmado pela fonte
08/12/2020	Imagem mostre ferimentos causados pela vacina da Pfizer e da BioNTech em pés de voluntária nos EUA	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
10/12/2020	Laboratório de Wuhan e Pfizer sejam de propriedade da farmacêutica Glaxo	Roberta Pennafort e CBN	<i>WhatsApp</i>
14/12/2020	SP gastará para vacinar população do estado mais de 3 vezes o que governo federal estima gastar em todo o país	Roberta Pennafort e CBN	<i>WhatsApp</i>
14/12/2020	Imagens de primeira vacinada no Reino Unido foram feitas dois meses antes de serem divulgadas ao público	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
16/12/2020	Peru suspendeu testes com CoronaVac por problemas neurológicos em um voluntário	Roberta Pennafort e CBN	Não confirmado pela fonte
29/12/2020	CEO da Pfizer disse que não vai tomar a própria vacina	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
06/01/2021	Cristina Kirchner tomando vacina da Covid-19 sem máscara	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
06/01/2021	Enfermeira do Exército da Argentina morreu após tomar vacina russa contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
18/01/2021	Enfermeira, 1ª a ser vacinada no Brasil, já tinha tomado doses da CoronaVac e que imunização foi encenada	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
18/01/2021	Cálculo que diz que índice de eficácia da Coronavac é inferior a 50%	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
19/01/2021	Site vacinaja, do governo de SP, seja golpe	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
26/01/2021	Enfermeiras de Paraty com reações graves após vacina contra COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte

Continua

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
26/01/2021	Cartaz com cronograma de vacinação contra a COVID-19 no estado de SP	Paula Paiva Paulo, Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
27/01/2021	Agente do Samu morreu por reação à vacina contra COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
01/02/2021	Governo irlandês colocou placa luminosa contra máscaras e vacinas em pedágio	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
01/02/2021	Governo de SP negou vacinas a Bauru e que prefeitura só obteve doses após reunião com Bolsonaro	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
02/02/2021	Mensagem que circula em Guarulhos convocando cadastro em UBS para receber vacina	Roney Domingos e G1	WhatsApp
02/02/2021	Vacina contra COVID-19 é inócua porque ainda é preciso manter distanciamento social e máscara	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
08/02/2021	Anvisa fez post anunciando <i>link</i> de cadastro para vacina contra COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
11/02/2021	Idoso morreu em decorrência de vacina contra COVID-19 em Guaratinguetá	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
19/02/2021	Morte de médico após primeira dose da vacina revele ineficácia da Coronavac	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
24/02/2021	Vacinas mantidas a -80°C são agentes para infectar células e transferir material genético	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
02/03/2021	Mais de 20 óbitos em 24h por reações a vacinas registrados pela Anvisa	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
08/03/2021	Taxa de mortalidade aumentou em Israel após aplicação da vacina da Pfizer contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
16/03/2021	Filho de Lula comprou 20% das ações da Sinovac em acordo com governo de São Paulo	Thaís Matos e G1	Não confirmado pela fonte
26/03/2021	Cronograma que mostra datas de vacinação contra a COVID-19 para todas as faixas etárias em SP	Gabriel Gabira e TV Globo	Não confirmado pela fonte

Continua

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
26/03/2021	Fiocruz tem fabricado vacina brasileira com ajuda de Israel em sigilo	Thaís Matos e G1	Não confirmado pela fonte
01/04/2021	Mensagem que lista cidades sem morte nem internação por COVID-19 após adoção de tratamento precoce	Thaís Matos e G1	Não confirmado pela fonte
05/04/2021	Critério mudou e que doses da vacina contra a COVID-19 são enviadas aos municípios de SP de acordo com os cadastros do site Vacina Já	Gabriel Gabira e TV Globo	Não confirmado pela fonte
05/04/2021	Quase toda a população de Serrana já foi imunizada e ainda assim mortes por COVID-19 explodiram na cidade	Gabriel Gabira e TV Globo	Não confirmado pela fonte
13/04/2021	STF autorizou abertura de 'campos de concentração' para pessoas que recusam vacinação contra COVID-19	Thaís Matos e G1	Não confirmado pela fonte
28/04/2021	Pessoa fica com imunidade mais baixa após tomar vacina e tem risco aumentado de contrair COVID-19	Paula Paiva, Paulo e Roney Domingos e G1	WhatsApp
06/05/2021	Pfizer tem desenvolvido medicamento oral contra Covid-19 à base de hidroxicloroquina	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
10/05/2021	Bebê de 2 anos morreu após receber vacina da Pfizer durante teste	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
11/05/2021	Doria evitou Coronavac e foi flagrado na fila da vacina da Pfizer	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
13/05/2021	Vacina contra a COVID-19 provoca câncer de mama	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
14/05/2021	Vacina da Pfizer terá chip da Microsoft para prevenir efeitos colaterais	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
17/05/2021	Cartaz que anuncia vacinação prioritária de homossexuais contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
18/05/2021	Hebraica tem excesso de vacinas contra a COVID-19 e que doses estão prestes a vencer	Roney Domingos e G1	Whatsapp
27/05/2021	Vacinação em massa cria variantes do vírus e agrava a pandemia	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte

Continua

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
27/05/2021	Nobel de Medicina disse que todos que tomarem vacina contra COVID morrerão em dois anos	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
28/05/2021	MST destruiu fábrica de vacinas em 2015	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
01/06/2021	William Shakespeare, primeiro vacinado contra a Covid no Reino Unido, morreu por causa da vacina	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
14/06/2021	Christian Eriksen tomou vacina da Pfizer semanas antes de mal súbito em jogo da Eurocopa	Gisele Barros e O Globo	<i>Twitter</i>
16/06/2021	Corpos de vacinados contra COVID podem ser detectados ou conectados por bluetooth	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
17/06/2021	Fabricantes de vacina têm protocolo que preconiza aplicação no braço direito	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
18/06/2021	Proteína spike contida nas vacinas é tóxica e patogênica	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
21/06/2021	Imunizados com vacina mRNA não poderão viajar de avião	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
22/06/2021	Suprema Corte dos EUA anulou vacinação universal	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
24/06/2021	Israel fez pedido para interromper vacinação contra COVID-19 no mundo e que ele foi aceito por tribunal internacional	Louise Queiroga e O Globo	Não confirmado pela fonte
29/06/2021	Relatório oficial britânico pede que vacinação contra COVID seja suspensa urgentemente	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
29/06/2021	Estudo concluiu que mortalidade pela variante Delta entre vacinados é seis vezes maior do que entre os não vacinados	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
30/06/2021	Acordo de confidencialidade prova que Moderna elaborou vacina contra a COVID-19 antes da pandemia	Gisele Barros e O Globo	Não confirmado pela fonte
03/07/2023	Dilma disse que 2ª dose da vacina deve ser dada antes, já que é ela que imuniza	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte

Continua

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
05/07/2021	Mike Tyson usando camiseta com mensagem antivacina	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
07/07/2021	Imagens provam que vacinas contra COVID-19 alteram células sanguíneas	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
16/07/2021	Vacinas aprovadas contra COVID-19 contenham óxido de grafeno e possam tornar a pessoa magnetizada	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
21/07/2021	Teste positivo de Doria para COVID-19 indique ineficácia da CoronaVac	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
23/07/2021	Tradução de AstraZeneca do latim para o português resulte em “ou seja, estrelas mortas”	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
26/07/2021	Presidente da Anvisa disse que população corre risco ao tomar vacinas experimentais	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
06/08/2021	Bill Gates foi preso por militares dos EUA por causa das vacinas contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
06/08/2021	Campinas vai bloquear na Receita CPF de quem não se vacinar	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
06/08/2021	Testes PCR são estudos da Johns Hopkins para usar vermes robôs na aplicação de vacinas	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
11/08/2021	CDC disse que variante do coronavírus é a própria vacina	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
13/08/2021	Testes PCR são usados para implementar microcristais na glândula pineal	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
20/08/2021	Cartaz que sugere Coronavac como causa da morte de artistas	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
04/09/2021	Parlamento Europeu aprovou resoluções contra obrigatoriedade das vacinas e certificados COVID	G1	Não confirmado pela fonte
10/09/2021	Artigo do Código Civil protege quem não quer se vacinar	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte

Continua

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
15/09/2021	Ministério da Saúde e Anvisa não recomendam vacinar nenhum menor de 18 anos contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
17/09/2021	Vacina contra COVID-19 causa impotência em homens	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
20/09/2021	Países europeus com taxa de vacinados inferior ao Brasil aboliram o uso de máscara	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
21/09/2021	Apple anunciou que só desbloqueará iPhone 13 para vacinados contra a COVID	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
23/09/2021	Cruz Vermelha americana proibiu a doação de sangue de vacinados contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
24/09/2021	Vacina contra COVID contamina e faz sangue mudar de coloração	Roney Domingos e G1	Telegram
28/09/2021	Cronograma de divulgação de cepas do novo coronavírus atribuído à OMS	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
29/09/2021	Nova bula da vacina da Pfizer não recomenda imunização para menores de 16 anos	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
30/09/2021	Jovens têm morrido após receber vacina contra COVID-19 no Brasil	Gisele Barros e O Globo	WhatsApp
30/09/2021	Morte de jovem no RS esteja associada à vacina contra a COVID-19	Roney Domingos e G1	Não confirmado pela fonte
04/10/2021	Não vacinados contra a COVID-19 não conseguirão acessar smartphones	Louise Queiroga e O Globo	Não confirmado pela fonte
08/10/2021	Fotos de bebês com rabo, excesso de pelos e com braços e pernas a mais tenham relação com vacinação contra a COVID-19	Gisele Barros e Roney Domingos, O Globo e G1	Não confirmado pela fonte
12/10/2021	Governo Biden simulou ter tomado a dose de reforço contra COVID-19	G1	Telegram
14/10/2021	Documento da Suprema Corte dos EUA afirme que vacinados contra a COVID-19 deixam de ser considerados humanos	O Globo	Não confirmado pela fonte

Continua

<b>Data de Verificação</b>	<b>Título da Fake News</b>	<b>Autor (a) Verificador (a)</b>	<b>Plataforma Digital</b>
18/10/2021	Mortes por COVID têm aumentado em 2021 no Brasil em razão da vacinação da população	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
18/10/2021	União Europeia anunciou a substituição das vacinas pela Ivermectina	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
20/10/2021	Menina de Santiago del Estero, na Argentina, morreu após ser vacinada contra a COVID-19	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
22/10/2021	Relatórios do governo do Reino Unido sugerem que vacinados contra COVID têm desenvolvido Aids	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
29/10/2021	Imagem microscópica revele criatura de carbono e alumínio em sangue de vacinado contra COVID	Roney Domingos	<i>Telegram, Facebook e Twitter</i>
05/11/2021	Pfizer registrou patente para rastrear pessoas vacinadas	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
07/11/2021	Mensagem que relaciona queda de avião de Marília Mendonça a mal súbito do piloto por vacina	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
11/11/2021	Mensagem que relaciona vacina contra COVID-19 a nascimento de criança com cauda no CE	Roney Domingos	<i>Telegram</i>
11/11/2021	Foto que mostra estande de vacinação nos EUA com faixa pedindo aos pais que doem órgãos dos filhos	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
18/11/2021	Mulher de CEO da Pfizer morreu por complicações da vacina logo após ser imunizada	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
23/11/2021	Chefe dos fuzileiros navais dos EUA disse que seus subordinados não aceitarão vacina contra a COVID	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
06/12/2021	Mensagem que aponta seringa com tampa durante vacinação de Boris Johnson contra COVID-19	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
08/12/2021	Enfermeira de hospital esloveno revelou código secreto em frascos de vacina contra COVID	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte
21/12/2021	Imagem que diz que hospital francês usa manequim no lugar de paciente para simular surto da variante Ômicron	Roney Domingos	Não confirmado pela fonte

Fonte: Autor, adaptado de Agência Fato ou Fake (Fato ou Fake, 2023a).

ANEXO 10



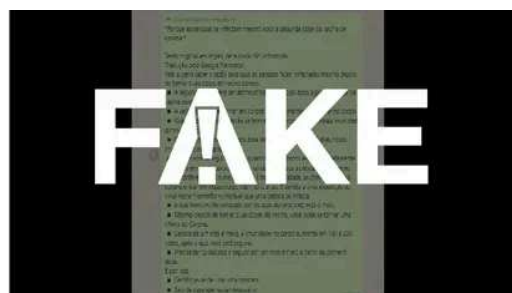
ANEXO 11



ANEXO 12



ANEXO 13

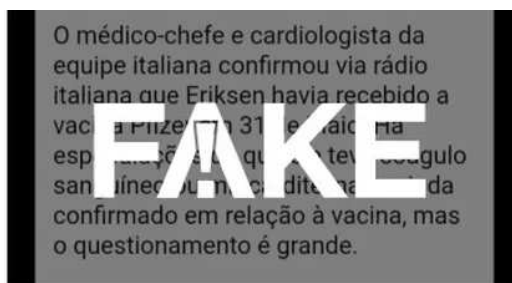




## ANEXO 14



## ANEXO 15



## ANEXO 16



## ANEXO 17



ANEXO 18



ANEXO 19



ANEXO 20

